



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

ÍTALO DIAS LEMOS JATAY

**PRÁTICAS MARÍTIMAS ESPORTIVAS EM FORTALEZA: TERRITORIALIDADES DO
SURFE E *BODYBOARD***

FORTALEZA

2024

ÍTALO DIAS LEMOS JATAY

PRÁTICAS MARÍTIMAS ESPORTIVAS EM FORTALEZA: TERRITORIALIDADES DO SURFE
E *BODYBOARD*

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Graduação em Geografia do Centro de Ciências da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Alexandre Queiroz Pereira.

FORTALEZA

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

J11p Jatay, Ítalo Dias Lemos.
Práticas marítimas esportivas em Fortaleza: territorialidades do surfe e bodyboard / Ítalo Dias Lemos
Jatay. – 2024.
127 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Ciências,
Curso de Geografia, Fortaleza, 2024.
Orientação: Prof. Dr. Alexandre Queiroz Pereira.

1. Territorialidade. 2. Praia. 3. Surfe. 4. Urbanização. 5. Lazer. I. Título.

CDD 910

ÍTALO DIAS LEMOS JATAY

PRÁTICAS MARÍTIMAS ESPORTIVAS EM FORTALEZA: TERRITORIALIDADES DO SURFE
E *BODYBOARD*

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Graduação em Geografia do Centro de Ciências da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Geografia.

Aprovada em: 01/07/2024.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Alexandre Queiroz Pereira (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Tiago da Silva Castro
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Me. Regina Balbino da Silva
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Aos meus pais e padrinho, que fizeram o possível e o impossível para tornar esse sonho realidade.

AGRADECIMENTOS

Acredito que em quase todos os trabalhos de conclusão de curso a escrita com o passar das páginas vai tornando-se cada vez mais automática e exaustiva. A parte dos agradecimentos deixei para ser uma das últimas a ser finalizada crendo que seria a mais rápida e fácil. Mas, ao pensar nas palavras certas, fui me questionando e reconsiderando esse pensamento. Afinal, como descrever em palavras um dos períodos mais marcantes de qualquer pessoa que passa pela experiência da graduação. As tantas viagens de campo que animam e cansam fisicamente (talvez mais mentalmente); as pessoas que conhecemos e passamos pelos corredores; o grupo de amigos; o corpo docente que repassa toda sua experiência e exigem o melhor para a nossa formação; enfim, muitas experiências e acontecimentos para uma só página.

Creio que nós vivemos numa constante relação com o outro, com a natureza e principalmente com Deus. Assim, a minha condição estando aqui neste momento demandou do esforço de pessoas que não poderiam ficar de fora de qualquer agradecimento. É nessa forma que eu agradeço aos meus familiares, meu pai Antonio Ronildo Jatay que andou muito sob o sol para que eu pudesse caminhar na sombra; meu padrinho Sávio Dias; um especial para a minha mãe Sâmia Dias Lemos que me acompanhou em todos os momentos da minha vida sempre estando ao meu lado, até em todas as pesquisas de campo, sempre foi e é a minha melhor amiga; por fim a minha companheira de vida Danielli Xavier por todo o apoio e incentivo nesse projeto.

Aos amigos e colegas de graduação, principalmente aos que estavam presentes e vivenciaram ao meu lado os desafios desse processo e me ajudaram a vencê-los. Agradeço a amizade, carinho, risadas, apoio, acolhimento, conselhos e as palavras motivadoras de Leandro Danúbio, Beatriz e Jerferson Angelo. Em especial ao eterno grupo “Casinhas”: André Braga, Lucas Siqueira, Baruque Amaro, Barbara Joyce e sobretudo Adriele de Sousa que auxiliou no processo de criação dos mapas, meu eterno obrigado!

Ao meu orientador, prof. Dr. Alexandre Queiroz Pereira, por toda a paciência e ensinamento, desde as aulas enriquecedoras até às orientações. Por ter me possibilitado a chance de participar deste trabalho, pelos “puxões de orelha” e disciplina profissional. Um obrigado também a todo corpo docente do Departamento de Geografia da UFC e em especial a minha banca avaliadora Regina Balbino e Tiago Castro por estarem fazendo parte desse momento ímpar da vida de um estudante.

A Universidade Federal do Ceará (UFC), campus Pici, pela formação de qualidade, acolhimento, segurança e infraestrutura exemplar.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico (CNPQ), pelo apoio financeiro à bolsa de Iniciação Científica (IC).

Por fim, o maior agradecimento vai para Deus, pois tudo posso com Ele ao meu lado, tudo é para Ele e tudo posso Nele, obrigado a Minha Nossa Senhora que sempre atende minhas orações, e um obrigado aos meus amigos de caminhada da Igreja. Toda forma de agradecimento aos momentos vividos e pessoas, pois, “Agradecer é a melhor forma de pedir mais” (Padre Antônio Vieira).

"Nesse embate entre o mar e sua complexa composição vegetal/animal/mineral gera uma energia impossível de ser medida-contra frágeis seres humanos edificados em 75% de água, o resultado é assustador: uma troca de energia solidária, particular, quase unilateral, pois o mar não se abala, apenas desperta uma paixão única naquele humano, transformando o num surfista".

(Gutenberg, 1989, p. 7).

RESUMO

As transformações do pensamento e no relacionamento do ser humano com a natureza a partir da virada do século XX retratam o surgimento de novas atividades de lazer, além da demanda por lugares que realçam o ambiente das localidades visitadas e o consumo de bens naturais e culturais. Estas renovações criam novas territorialidades, mais precisamente nas zonas costeiras. Fortaleza é um dos exemplos de adaptação e metamorfose do território. As formas territoriais novas e antigas coabitam e estabelecem as novas realidades de consumo. As práticas marítimas esportivas de ondas, como o surf e *bodyboard*, acham nestes locais um espaço ideal para se desenvolverem, o que tem levado a modificação e adequação do território e do estilo de vida das comunidades do entorno, numa lógica de inovação e manutenção da tradição. Nesta transição de território pesqueiro para atividade de veraneio, Fortaleza aos poucos vai se transformando num território de praia e surf. Entende-se que as novas práticas marítimas são um vetor de urbanização e dinamizador das cidades praias e principalmente do entorno das localidades costeiras que recebem esses exercícios acreditando em produtos diferentes ao sol e à praia, de acordo com as potencialidades presentes no território, o mar, possibilitando à evolução econômica dos espaços e uma verdadeira porta de oportunidades para os jovens da comunidade ou aqueles que não possuem acesso a essas atividades. Entender os variados processos, formas, estruturas e “agentes” envolvidos, torna-se indispensável no entendimento da dinâmica do espaço. Portanto, percebeu-se que as práticas marítimas modernas em Fortaleza mostraram-se um dos grandes exemplos em que por meio da mobilização popular dos moradores da cidade promoveram a criação de territorialidades e particularidades em cada zona de praia através da mudança espacial litorânea influenciando e dinamizando a urbanização das praias além de promover e gerar fonte de renda.

Palavras-chave: Territorialidade; Praia; Surfe; Urbanização; Lazer.

ABSTRACT

The transformations in the thinking and relationship of human beings with nature from the turn of the twentieth century portray the emergence of new leisure and activities, in addition to the demand for places that enhance the environment of the places visited and the consumption of natural and cultural goods. These renovations create new territorialities, more precisely in coastal areas. Fortaleza is one of the examples of adaptation and metamorphosis of the territory. The new and old territorial forms cohabit and establish the new realities of consumption. The maritime wave sports practices, such as surfing and bodyboarding, find in these places an ideal space to develop, which has led to the modification and adaptation of the territory and the lifestyle of the surrounding communities, in a logic of innovation and maintenance of tradition. In this transition from fishing territory to summer activity, Fortaleza is gradually becoming a beach and surfing territory. It is understood that the new practices maritime cities are a vector of urbanization and dynamizer of the cities, beaches and especially of the surroundings of the coastal locations that receive these exercises, believing in different tourist products in the sun and the beach, according to the potentialities present in the territory, the sea, enabling the economic evolution of the spaces and a true door of opportunities for young people in the community or those who do not have access to these activities. Therefore, it was perceived that modern maritime practices in Fortaleza proved to be one of the great examples in which, through the popular mobilization of the city's residents, they promoted the creation of territorialities and particularities in each beach zone through coastal spatial change, influencing and dynamizing the urbanization of the beaches, in addition to promoting and generating a source of income.

Keywords: Territoriality; Beach; Surfing; Urbanization; Leisure.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 -	Ilustração de polinésios locais no Havaí nas suas primeiras tentativas de surfar ondas.....	29
Figura 2 -	Estátua que homenageia um dos pioneiros do surfe brasileiro, Osmar Gonçalves, em Santos.....	34
Figura 3 -	Praticantes de surfe - Por país - Em milhões.....	38
Figura 4 -	Caminhada à beira-mar na Praia de Iracema.....	44 44
Figura 5 -	Hotel Iracema Plaza na Praia de Iracema.....	
Figura 6 -	Campeonato de Surf na Praia de Iracema em novembro de 1989.	50
Figura 7 -	Perfil da Praia.....	53
Figura 8 -	Praia do Futuro.....	56
Figura 9 -	Escolinhas de Surf na praia do Titanzinho.....	57
Figura 10 -	Parte da Praia da Ponte - Metálica.....	58
Figura 11 -	Parte da Praia da Praia da Leste.....	59

Figura 12	Parte da Praia da Barra do Ceará.....	59
Figura 13	Interessados e muito interessados por surfe no Brasil - Milhões de indivíduos.....	
Figura 14	Trecho 1 2019.....	70
Figura 15	Trecho 1 –2012.....	70
Figura 16	Trecho 2 –2012.....	70
Figura 17	Trecho 2 –2019.....	71
Figura 18	Trecho 3 2012.....	71
Figura 19	Trecho 3– 2019.....	71
Figura 20	Trecho 4 2012.....	72
Figura 21	Trecho 4– 2019.....	72
Figura 22	Via Paisagística R. José Roberto, um dos acessos à Av. Pres. Castelo Branco.....	75
Figura 23	Continuação da Av. Presidente Castelo Branco que dá acesso a Praia da Leste Oeste, a esquerda da imagem.....	75

Figura 24	Av. Zezé Diogo que dá acesso á Praia do Futuro.....	76
Figura 25	Duna sobre CE-010, Via Paisagística que dá acesso a Sabiaguaba.....	77
Figura 26	Jovens do projeto Surf Resgatando Sonhos.....	99
Figura 27	Logo da campanha Juventude na Onda.....	101

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 -	Sedes do Circuito Mundial do Surf e Bodyboard.....	37
Mapa 2 -	Área de Estudo: Praias com práticas de Surf.....	60
Mapa 3 -	Quantidade de Escolinha de Surf com Estrutura Física.....	63
Mapa 4 -	IDH dos bairros de Fortaleza.....	64
Mapa 5 -	Trajetos das Linhas de Ônibus com destino a Praia.....	89

LISTA DE GRÁFICO

Gráfico 1- Interessados e muito interessados por surfe no Brasil- Milhões de indivíduos.....	71
--	----

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Os campeões mundiais de surf masculino (2014-2023)	67
Quadro 2 - Componentes urbanos e infraestrutura das localidades das Praias de Fortaleza.....	80
Quadro 3 - Linhas de ônibus em direção a Praia.....	85
Quadro 4 - Custo médio da prática.....	91

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ASP	Association of Surfing Professionals
COI	Comitê Olímpico Internacional
CT	Championship Tour
ETUFOR	Empresa de Transporte Urbano de Fortaleza
FSEC	Federação de Surfe do Estado do Ceará
IBRASURF	Instituto Brasileiro de Surf
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
IPS	International Professional Surfers
MTUR	Ministério do Turismo
SEMACE	Secretaria de Meio Ambiente do Ceará
SFIA	Sports and Fitness Industry Association
STDS	Secretaria do Trabalho e Desenvolvimento Social
SUP	Stand up Paddle
UECE	Universidade Estadual do Ceará
UFC	Universidade Federal do Ceará
WCT	Circuito Mundial de Surf
WSL	World Surf League

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	15
2	A PRÁTICA DE SURF: DOS OCIDENTAIS AOS OCIDENTALIZADOS.....	28
2.1	O cenário mundial do Surf.....	35
2.2	Da repulsa ao mar: As práticas marítimas modernas em Fortaleza.....	40
3	AS TERRITORIALIDADES DO SURF NA METRÓPOLE FORTALEZENSE.....	
3.1	Escolas de surf enquanto instrumento desportivo e social	51
3.2	O mercado do surfe e os custos.....	60
3.3	<i>Brazilian Storm</i> e a demanda por escolinhas.....	65
3.4	Morfologia urbana e componentes das praias da área de estudo.....	73
3.5	O direito de ir e vir ao litoral na cidade de Fortaleza.....	81
3.6	Os projetos sociais de surf.....	93
3.6.1	<i>Surf Resgatando Sonhos</i>	98
3.6.2	<i>Projeto Juventude na Onda</i>	101
3	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	103

REFERÊNCIAS.....	107
APÊNDICE A - INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS.....	114

1 INTRODUÇÃO

“ Novas ofertas em velhos territórios” (CAVACO, 2006).

A transição do milênio, caracterizada por muitas alterações no âmbito social, econômico, tecnológico, ambiental e demográfico, está presente na designação de ideias inovadoras de valores e estilos de vida, no aparecimento de novas necessidades e na mudança das práticas de consumo. Inventaram deveres de fuga do cotidiano do caos urbano, procurando lugares mais calmos e saudáveis e um convívio mais próximo com outras culturas e com a natureza (um retorno à natureza). Criaram novos percursos, mudaram os itinerários e apareceram novas formas de preenchimento do tempo livre (CUNHA e CRAVIDÃO, 2008). Neste mundo de mudança, o ser humano deseja alcançar níveis de bem-estar cada vez mais altos, priorizando a sua qualidade de vida, a cultura, a valorização/proteção do meio ambiente e os saberes das comunidades tradicionais. (REIS e JORGE, 2015)

Este novo contexto está retratado por meio do desenvolvimento do lazer, por exemplo, com as atividades que a ele estão associadas, observando uma diversificação em termos de demanda e oferta, distinguindo comportamentos, aumentando as motivações, como os destinos inéditos e as práticas que neles são encontradas. As mudanças na procura são compreendidas por novas características da população pós-moderno: ativos, aventureiros, amantes da cultura e da natureza, valorizam as relações pessoais e as atividades recreativas (RIOJA, 2009) são ampliadas para um número maior de pessoas. Formando o território da praia o principal objeto de consumo, percebe-se, cada vez mais, uma apropriação e (re)funcionalização dos espaços pelas atividades tanto turísticas quanto de ócio, de modo a acompanhar as novas tendências da procura, com o intuito de possibilitar experiências inovadoras e chamativas (STAMBOULIS e SKAYANNIS, 2003; REIS e JORGE, 2015).

Enquanto no primeiro momento poetas, religiosos e médicos demonstraram a relevância do contato com as zonas de praia na procura por inspiração, deslumbramento da obra ou até mesmo o tratamento de males físicos e espirituais, são os viajantes aloclétricos¹ – mochileiros, surfistas e aventureiros – e os *frontier travellers*² que influenciam a dissociação entre a praia e as imagens negativas de outrora, tentando a todo momento o desfrute do isolamento e a descoberta destas (CASTRO, 2022).

1 Plog (1973) ressalta as práticas, os tipos de destinações e as tipologias de serviços turísticos utilizados por estes viajantes.

2 Termo utilizado por Laing e Crouch (2009) para definir os viajantes dispostos a correr riscos e buscar transpor as fronteiras da segurança durante as viagens.

Ao traçarem a locomoção enquanto percurso espacial e psicológico, os citados agentes aos poucos assimilam sentidos espirituais às viagens realizadas (SHARPLEY, 2009). Desta forma, as aventuras dos mochileiros e dos *frontier travellers* ocorrem por estímulos que concebem percurso de entendimento de definidas situações colocadas pela sociedade ao viajante e, assim, os ditos deslocamentos provocam o afastamento da realidade, procurando uma quebra com o que é seguro, confortável e conhecido (CASTRO, 2022).

Nestas circunstâncias, compete ao território das zonas de praias responder de modo cada vez mais diferenciado (CRAVIDÃO, 2014) e esta restauração pode executar uma atuação fundamental, visto que rejuvenesce/modifica o território, que conquista novos usos e funções. (REIS e JORGE, 2015). Estas mudanças são possibilitadas através de um processo contínuo de aperfeiçoamento das características dos produtos, com vista a adicionar respostas eficazes à procura de novas atividades (EVANS, 2003). A inovação, apoio das “práticas marítimas modernas” (POON, 1994), a que os destinos têm levado, objetiva principalmente a ampliação da sua capacidade competitiva no entanto, noutros casos, o propósito primordial é o de conseguir a renovação/preservação ou o rejuvenescimento, através da reconversão do uso da praia, da introdução de ou novas praxes turísticas ou da resposta a novas formas de lazer e entretenimento (CUNHA, 2011), com capacidade para aproximar outros e novos segmentos de mercado. A restauração oferece novas imagens a velhos lugares e diversifica a sua atratividade e possibilidade (CRAVIDÃO, 2014). Neste caso é necessário redescobrir novas atividades, de forma a ganhar novos parâmetros novas missões e ao mesmo tempo corrobora a inovação noutros setores chave locais (LOPÉZ e BUHALIS, 2009). É, portanto, substancial utilizar estratégias de rejuvenescimento que possibilitem o reposicionamento da faixa de praia, a criação de novas práticas e/ou a renovação dos existentes, a recuperação ambiental, a criação de novos produtos e a reconfiguração de uma nova imagem (CUNHA, 2011; REIS e JORGE, 2015).

No litoral, é perceptível as transformações que o lazer juntamente com o turismo tem ocasionado na organização do território, tornando-se um espaço arquétipo para a prática de atividades de ócio ativo ou de aventura, visibilizando segmentos esportivos em crescimento, ligados a aventura e com os desportos radicais (caso do surf) (SANTOS, CRAVIDÃO e CUNHA, 2010). Fora isso, estas novas práticas, que encontram alicerce na sua conexão com a natureza e com o litoral, proporcionam diversão, mas, também, preocupam-se com o desenvolvimento e de preservação ambiental, aos que se apresentam como alternativa a formas massificadas de exercício (REIS e JORGE, 2015). O surf, portanto, está inserido nesse *hall* de novas formas de uso das zonas de praia.

A cidade de Fortaleza é um exemplo de renovação de território. Na capital do Ceará, o mar tem demonstrado grande influência na história e vivências da sua população ao longo dos séculos. Com a adoção do turismo de lazer, na década de 1960 - 1970, um novo sistema de instrumentos ocupa o território e as novas formas territoriais começam a coexistir com antigas. O lazer é gradualmente um dos alicerces de suporte e sustentação da base econômica local, expresso na mudança do estilo de vida do povo fortalezense, que inicialmente ocupava a orla a partir das comunidades de pescadores (REIS e JORGE, 2015).

Entre os diversos conjuntos de paisagens e ambientes diferentes existentes em Fortaleza, as praias ocupam o lugar de destaque do ponto de vista internacional. No entanto, as práticas ligadas ao mar, como o caso do surfe e do *bodyboard*, encontram nestes territórios um lugar para se fortalecer e com esse desenvolvimento observa-se a mudança do território e do modo de vida das comunidades do entorno. Fortaleza tem apostado na praia, como uma forma de valorizar e requalificar a imagem local. Ressalta-se, aqui, a relevância do mar como modelo constituinte da vida e da cultura fortalezense.

O traçado de práticas esportivas na praia é explicado a partir do domínio da mesma no cenário social, ambiente de inovações, lugar onde diferentes agentes reciprocamente erguem e reedificam sociabilidades, criam, também, espaços públicos voltados à festa e ao lazer (URBAIN, 1996; RIEUCAU e LAGEISTE, 2008) (PEREIRA e DANTAS, 2019).

Estas práticas estão presentes em centros dispersos no mundo, provenientes da modernização dos lugares e praias, a partir da adequação de práticas criadas em outros espaços e/ou adaptadas para a praia e para o mar (surfe, Windsurf, futebol de praia, Voleibol de praia, kitesurf, etc) e novos empreendimentos a elas associados (Balneários, Resorts, Condoresorts, Parques aquáticos...) (PEREIRA e DANTAS, 2019).

O tema espaço se sobressai na proporção em que o território constitui-se por meio dele. Como afirma Raffestin (1993) ao apossar-se de um espaço, o agente territorializa esse espaço. Esta noção de território pode ser descrita a partir do movimento local, das novas formas que acompanham o mercado, além do serviço e comércio atores de grandes mudanças nos lugares em que se avança, de forma que, do ponto de vista da geografia, seja possível relacionar os fatores referenciados com ideias como a natureza, a paisagem, o lugar e o território.

As manifestações, como o turismo e as novas formas constituintes do litoral, são resultados de atividades e práticas sociais de modo direto ligadas ao movimento e ao movimento espacial de pessoas e de necessidades (NICOLÁS, 1996; MOESCH, 2000). Na sua constituição cria e consome antigos espaços (RODRIGUES, 1997; NICOLÁS, 1996; LUCHIARI, 1998) e, como resultado, territorialidades e territórios. Assim, por estar ligado intensamente com o

território, os fenômenos anteriormente mencionados podem ser chamados como uma prática social territorial, visto que (re) inventa lugares para uso de lazer e consumo (MARUJO e CRAVIDÃO, 2012), tornando-se o território um componente vital nas atividades de lazer. O ócio, por exemplo, é uma manifestação que pode ser traduzido a partir do uso do território. Se esse uso não acontece, não existe. Por isso, não há argumentação sobre o lazer sem pensar sobre suas ações e ligações ao território.

Nos agrupamentos com o espaço, as associações sociais estão localizadas e unidas em lugares determinados em que ocorrem os fenômenos, sendo que tais lugares são formados por valores e sentimentos (CROUCH, 2000). Os lugares de surfe são, pois, lugares onde há praticantes e formam gradualmente mais o centro de novas práticas/experiências (CRAVIDÃO, 2006; SNEPENGER *et al*, 2007). É preciso lembrar que inicialmente eram procurados os lugares mais isolados e intocados, como se tornaram os casos de Mentawai, Jeffrey 's Bay, Waimea, Rosa Norte, Rocky Point e Pipeline (CASTRO, 2022).

Para a compreensão desses novos agentes como um produtor e consumidor do espaço geográfico e (re) ordenador de territórios (REIS e JORGE, 2015), é preciso levar em consideração que este movimento dos praticantes até o local de produção e consumo leva em mudanças na dinâmica local, tanto no que diz respeito à configuração territorial, ou por intermédio das relações entre turistas e residentes. Como verifica Barros (2002), os territórios com esta função são modificados pela implantação de infraestruturas, transformações nas estruturas dos elementos paisagísticos, modificações nos estilos de vida e perfis da procura, dentre outros. Também, como afirma Knafou (1996), a criação do lugar presume uma alteração do uso tradicional dos locais e a inclusão de novos territórios para lugares da prática. O território torna-se um bem de consumo (LLINÁS, 1999).

Neste cenário, Knafou (1996) menciona que a territorialidade sedentária e antiga dos que aí vivem constantemente, e a territorialidade vagante dos que apenas utilizam naquele momento, coexistem mas que não têm tanta obrigação de permanecerem nos territórios que utilizam. Esse tipo de divergência entre territorialidades distintas é percebido nas zonas de litoral, mais precisamente naquelas onde ainda ocorrem traços de comunidades pesqueiras ao passo que o mar é o território de lazer e diversão para o praticante e para as pessoas que trabalham e dependem é território de esforço e habitual (REIS e JORGE, 2015).

A noção de território tem, assim, relevância crucial para a compreensão desses fenômenos, não somente pelo seu efeito sobre a população local, mas também pela mudança que as novas práticas marítimas ocasionaram sobre este. Assim, o agrupamento de processos e equipamentos fazem com que os espaços sejam bem utilizados para fins de lazer, numa mudança

material e simbólica em espaços de consumo (NICOLÁS, 1996; LÓPEZ, 2002; KNAFOU, 1996). Isto quer dizer que, espaços considerados como potencial, são adaptadas, por iniciativas formais ou informais, para atuarem num novo objetivo: a produção de práticas marítimas. Nessa visão, o surf cria um lugar atrativo (FERRARA, 2002) e têm a competência de formar, adaptar, transformar ou destruir/descharacterizar a forma dos territórios (CAVACO, 2006; CRANG, 2004), visto que os meios dos quais a atividade se presta estão no próprio território (LÓPEZ, 2002) ou, como refere Cravidão (2014), os territórios ajustam-se, refazem-se e criam-se frente à atividade demandada.

Gunn (2002) acredita que um território ocasiona da união entre os recursos ofertados, as atividades recreativas e de animação, os equipamentos de alojamento e restauração, os acessos, às infraestruturas e a hospitalidade, que são utilizados para chamar os visitantes e motivar as suas deslocações (REIS e JORGE, 2015). Para aquele, o território é formado pela união de dois fatores: um recurso atrativo e a ação humana. Ademais, existindo as práticas marítimas um produto do território, para que possa existir uma relação produtiva entre ambos é preciso, de antemão, que o território possua os recursos vitais (ambientais, arquitetônicos, históricos ou culturais), seja em quantidade seja em qualidade, para o aumento da atividade no local. Na falta destes atrativos, o território não se desenvolve do ponto de vista do ócio, paisagístico e financeiro.

Inskeep (1991) sugere, em contrapartida, que nem todos os locais possuem condições para se desenvolverem ao nível de outros locais mais tradicionais, pois são as características individuais e (normalmente) não atrativas de um local que definem a deslocação dos praticantes. Portanto, o surf forma-se no sentido da diferenciação histórica e geográfica dos lugares e das regiões. Em conformidade com o consumo dos espaços são criadas várias formas fundamentais de paisagens e de negócios. Para cada categoria de atividade há uma procura espacial. O território poderá ser transformado conforme a sua condição geográfica, no caso do surf os locais de ondas fortes, e caso seja esse o uso que se pretende agilizar. Portanto, a presença de recursos naturais, históricos ou culturais por si não determinam o caráter, ou que o destino se desenvolva somente nesses quesitos receptivos, para isto é preciso que estes sejam valorizados e a partir deles introduzidos novos fatores de atração (CUNHA e CRAVIDÃO, 2008; CERRO, 1993).

No entanto, é perceptível que práticas como o surf e *bodyboard* nos dias de hoje passam por um processo transformador e presenciam uma crescente de procura, com o aparecimento de praticantes mais cientes, mais exigentes, menos desanimado e mais focado em aprender e aproveitar com qualidade as suas experiências, por exemplo. Esse novo perfil de demanda obriga dos agentes locais e dos gestores das áreas receptoras a adaptação de

infraestruturas e produtos especializados que possibilitam ao praticante uma vivência no lugar usufruído mais ativo, em que ocorram prováveis relação direta com os habitantes locais e o estabelecimento de relações pessoais entre eles. O surfista deixa de ser o invasor, o estranho (KNAFOU, 1996) e começa a ser um componente importante para o habitante do lugar, enquanto este passa a ser o outro para o surfista, os dois com estruturas e informações culturais distintas e curiosos na vivência compartilhada de experiências.

É esse praticante mais consciente e preocupado com o contato presencial com os moradores e componentes do lugar praticado, que segundo Fratucci (2009) permite a construção do lugar atrativo. Segundo o autor, o lugar ideal é o território em que a prática ocorre e onde existe uma interação momentânea entre os mais tradicionais e os visitantes, possibilitando um contato direto, sem barreiras (físicas ou simbólicas) entre eles e o reconhecimento da necessidade de um do outro, recíproca e simultaneamente. Portanto, para o surfista a praia ideal é o espaço e o momento efêmero de uma experiência, real e direta, de descoberta de si e do outro que ajudou para o seu alavancar, além da satisfação dos praticantes e motivações que o levaram a realizar a atividade (FRATUCCI, 2009). Para o morador e trabalhador local, o exercício possibilitará a consolidação da sua identidade/pertença com o seu lugar, o reconhecimento de sua importância e transformação do espaço (WILLIAMS, 2009). É o fortalecimento da ideia da atividade que torna possível a troca de experiências socioculturais e o enriquecimento pessoal, tanto do surfista ou da pessoa que vai para descansar como do anfitrião (REIS e JORGE, 2015).

Neste cenário, e conforme afirma Cravidão (2014), as relações entre o surf e os territórios são de grande relevância na composição das práticas de lazer da sociedade contemporânea. Portanto, as novas intimidades entre praticante e o território retratam uma união entre o antigo e o moderno e, por isso, uma correlação em formação permanente. As práticas marítimas modernas e o território estão, assim, intimamente unidos, não ficando capaz de desenvolver o surf e *bodyboard* sem ter um território que apoie o incremento dessas atividades, o que possibilita dizer da praia de surf como uma criação para e pelo surf (ALMEIDA, 2006). Da mesma forma, o território da praia utiliza-se do surf para se transformar, uma vez que são várias as possibilidades advindas da prática, desde a geração de emprego, desenvolvimento de infraestruturas, preservação do ambiente até a recuperação do patrimônio cultural e desenvolvimento regional (ALMEIDA, 2010).

Desta forma, compreender como surge um determinado território não é uma atividade fácil, de modo que as práticas marítimas modernas são atividades diversificadas e porque o território não é estático, está em constante mudança, de forma que acaba por ser um produto, ocasionado da acumulação dos tempos (SANTOS, 2004). De acordo com Deprest

(1997), o lugar é uma construção social e que se insere numa história: o homem é apto de criar, produzir e transformar os recursos. Em locais destinados ao litoral e/ou com um passado histórico e cultural grande e peculiar e de qualidade, é criada uma oferta com base nos recursos naturais, possibilitando um crescimento forte e adaptado ao território e à escolha do seu público-alvo.

Deste modo, a presente monografia tem por objetivo geral:

- Analisar as territorialidades formadas pelas práticas marítimas modernas, mais precisamente o surfe e bodyboard, em Fortaleza-CE.

Para objetivos específicos:

- Analisar como as escolinhas de surf são matrizes de renovação de um território da praia, através do reposicionamento do produto do surfe com o Brazilian Storm;
- Analisar a morfologia urbana das diferentes praias de Fortaleza demonstrando as diferenças dos componentes e territórios intraurbanos;
- Identificar como a mobilidade urbana de transportes públicos o direito de ir e vir ao litoral;
- Caracterizar a importância dos projetos sociais como ferramenta de acessibilidade da prática do surfe.

1.1 Metodologia

A escolha da área de estudo ser a capital cearense, ocorreu pela sua quantidade significativa de praias, algumas com reconhecimento nacional, e principalmente no crescimento da cidade em vários setores (econômica, social, territorial, dentre outros). Com o aumento da sua população, a metrópole tem sido alvo de fluxo e preferência turística com investimentos nas zonas de praias em hotéis, segundas residências e atividades de lazer. Essa demanda por novas atividades econômicas tem ocasionado o desenvolvimento das praias de Fortaleza, que sofre uma intensa urbanização. Assim, para auxiliar no desenvolvimento da pesquisa, a área de estudo definida possui uma quantidade significativa de praias, possibilitando o acesso e a verificação de cada uma de acordo com sua realidade local. No entanto, ao longo da costa do estado do Ceará, acontece este mesmo fenômeno, sendo necessário em pesquisas posteriores e mais aprofundadas.

Fortaleza configura-se como uma metrópole possuindo 314.930 km² de área total, sendo 34 km de extensão somente de litoral, abrangendo pelo menos 15 praias. Apresentando estruturas diversificadas, algumas praias a leste da capital apresentam uma dinâmica espacial que vai desde edificações luxuosas e confortáveis, clubes, bares, restaurantes, hotéis - que atendem

aos fluxos turísticos - até prédios residenciais de um público com alto padrão econômico-financeiro, enquanto as praias a oeste se configuram desde seu início como uma ocupação de moradias subnormais³.

Este trabalho faz parte de um projeto da Iniciação Científica (IC) do Laboratório de Planejamento Urbano e Regional (LAPUR), no qual foram analisadas diferentes vertentes de atividades de lazer que ocorrem em zonas de praias. Num grupo de três pesquisadores, cada um individualmente refletiu sobre as diferentes práticas da praia. Para isso, foi realizada uma categorização das práticas em três: 1) Práticas marítimas em ondas fortes e agitadas: no caso, o surf e *bodyboard*; 2) Práticas marítimas em águas calmas, neste analisa-se atividades que não há a necessidade ondas para a sua realização, por exemplo, *stand-up-paddle* e canoagem; 3) Práticas na faixa de areia: o vôlei de praia, futevôlei e com maior enfoque no *beach tênis*. No presente trabalho abordará os resultados do estudo acerca da primeira categoria, práticas marítimas em ondas fortes e agitadas, com o foco no surf e *bodyboard*. A definição desses exercícios em específico se dá pela popularização destes, com maior número de praticantes, maior quantidade de escolinhas, além do quantitativo significativo de pesquisas e bibliografias existentes que auxiliaram profundamente no desenvolvimento deste estudo.

Inicialmente foi realizado um levantamento de práticas que se encaixam nesta categoria de análise, neste estavam surfe; *bodyboard*; *windsurf*; *kitesurf*; e *windsurf*. Com base nesta listagem, realizou-se visitas de campo em algumas das áreas de estudo (Praia da Barra do Ceará e Praia da Ponte Metálica) com o intuito de verificar quais atividades tinham maior aderência de praticantes e suporte para o exercício. Os que se destacavam eram o surf, *bodyboard* e *kitesurf* com estruturas de apoio (escolinhas e galpão). No entanto, no caso do *kitesurf*, verificou-se que trata-se de uma atividade que não é praticada em toda extensão da costa de Fortaleza devido a impossibilidade do exercício deste em algumas das praias por conta do posicionamento e direção dos ventos e das barreiras urbanas, sendo praticado restritamente na Praia do Futuro, Praia da Barra do Ceará e com menor quantidade na Praia da Sabiaguaba. Portanto, para facilitação do estudo, limitou-se o número de práticas em dois, no entanto, reconhece-se a necessidade de uma análise também no *kitesurf*, que é um esporte que cada vez mais aumenta seus praticantes.

Seguindo as etapas propostas por Gil (2002), o levantamento bibliográfico, foi o ponto inicial do projeto, começando estudando os autores e referências da Geografia urbana e do

³ PROJETO ORLA FORTALEZA, 2018. [s.l: s.n.]. Disponível em: https://urbanismoemioambiente.fortaleza.ce.gov.br/images/urbanismo-e-meio-ambiente/infocidade/projeto-orka/projeto_orka_2018.pdf. Acesso em: 10 jun. 2024.

lazer, na compreensão dos aspectos e fenômenos das práticas marítimas modernas nas dinâmicas socioespaciais das regiões litorâneas do Brasil, dando ênfase na costa, da cidade de Fortaleza (CE). A monografia tem o intuito de pesquisar as dinâmicas de refletir sobre as várias funções do território de Fortaleza e analisar as práticas marítimas modernas, surf e *bodyboard*, como fonte de transformação e fortalecimento como lugar de lazer do território nas zonas de praia.

O levantamento bibliográfico foi realizado em sites oficiais nas esferas federal, estadual e principalmente municipal, além de artigos em buscas ativas com as palavras chaves: Práticas marítimas modernas; Surf e *Bodyboard* em Fortaleza; Turismo Litorâneo; Transformação litorânea; Zona de Praia; Valorização do litoral; Território e mobilidade urbana. Palavras combinadas são possíveis como: Valorização do litoral com as práticas marítimas modernas na instalação de novas infraestruturas urbanas, práticas de lazer e esportivas; Turismo e políticas públicas, metrópole e metropolização. Partindo destas temáticas, seriam utilizadas diversas fontes de dados, como Universidade Federal do Ceará (UFC), Universidade Estadual do Ceará (UECE), e das demais instituições públicas: Prefeitura de Fortaleza, Governo do Estado do Ceará, Ministério do Turismo (MTUR), entre outras, como as Secretarias de Meio Ambiente, Secretaria de Planejamento e Gestão no Estado abordado. A temática escolhida adentra área do lazer sendo possível, pesquisas em plataformas diversas a exemplos: Periódicos da Capes, MEDLINE, LILACS, SciELO, Bibliotecas, entre outras plataformas.

Baseado em Dantas (2015), foi estabelecido como ponto de partida três características fundantes da costa: i) em relação à morfologia, observou-se fragmentação e a linearidade do litoral; ii) no que tange à temporalidade, destaca-se a periodicidade de praticantes; iii) na dimensão pensou-se em fenômeno massificado, em virtude da difusão do gosto pelo mar e pelo marítimo em diversos estratos sociais.

Assim sendo, para entender a transformação do litoral fortalezense com as práticas marítimas modernas com o surf e *bodyboard* julga-se certo determinar uma série de conexões analíticas de temáticas pertinentes à produção espacial urbana/regional. A metrópole de Fortaleza é uma destas escalas espaciais imprescindíveis para alcançar as conclusões, uma vez que ela é transformada por fatores sociais, físicos e/ou urbanos advindas de várias ações relacionadas às políticas governamentais de desenvolvimento (ARAÚJO, 2015).

Segundo Souza (2013), a análise socioespacial é o principal estudo diferenciado do geógrafo perante a ciência e a sociedade. Entender os variados processos, formas, estruturas e “agentes” envolvidos, torna-se indispensável no entendimento da dinâmica do espaço. Portanto, pretende-se entender as mudanças socioespaciais na área de estudo. Então, as áreas dos espaços litorâneos da cidade, no intuito de entender: a) a captação de imagens fotográfico cartográficas e

reconhecimento dos lugares; b) a comparação de transformações e alterações advindos da prática do surf ao longo do tempo; c) a identificação das estruturas propostas pelas mais variadas políticas públicas; d) o levantamento cartográfico e georreferenciamento.

Dados absolutos e relativos a respeito do crescimento das atividades marítimas modernas: surf e *bodyboard*, com dados da *International Surfing Association* (ISA) com incentivos a eventos, competições e reconhecimento como prática olímpica. O aumento popular da atividade, tornando-se motor de construção e/ou ampliação da infraestrutura básica e sua distribuição espacial de recursos com um conjunto de imagens e dados de entrevista de campo descrevendo a evolução da prática alinhada ao fenômeno do Brazilian Storm desde os anos 2014 até 2024.

Para a complementação e consolidação do banco de dados qualitativos e quantitativos utilizadas nesta pesquisa, foi necessário um banco de dados específicos das maiores entidades responsáveis pela prática além das pesquisas de campo com o objetivo de proporcionar a discussão mais aprofundada sobre as dinâmicas locais das praias de Fortaleza: Dados qualitativos e quantitativos da quantidades de escolinhas no intuito de compreender as ações complementares e/ou convergentes às ações sociais; Através de dados secundários obtidos nos órgãos públicos e privados, o levantamento acerca da quantidade de praticantes e localização/distribuição das escolas de surf; Conjunto de tabelas e dados qualitativos sobre as linhas de ônibus com destino ou passagem pela praia além da comparação do custo efetivo da atividade com o salário mínimo. Utiliza-se a base de dados da Prefeitura de Fortaleza e da Empresa de Transporte Urbano de Fortaleza (ETUFOR) para compreendermos a base do planejamento governamental de acesso a praticantes que moram mais distantes da praia; Os dados das políticas de infraestrutura de ferramentas/componentes urbanos de cada praia com a metodologia de PEREIRA (2012) e do Projeto Orla, juntamente com as visitas de campo, fornecem a distribuição desigual de certas categorias, um exemplo é a respeito da segurança, marcante em algumas praias e em outras mais “fraca”, além das obras e ações específicas realizadas nas áreas abordadas

No que se refere a metodologia operacional, inicialmente houve a valorização das potencialidades tanto dos mecanismos qualitativos como dos dados quantitativos. Através de fotos e análise de campo pelo autor e o uso do aplicativo Google Earth, Google Maps e Google Street View, para a assimilação de imagens e dados para a consolidação de áreas e seus períodos temporais no intuito de promover a análise do desenvolvimento da atividade na área abordada. Foi utilizado como instrumento de coleta de dados para auxiliar na pesquisa um questionário para o empresário responsável pela escolinha ou ao instrutor. Estas perguntas auxiliaram na

elaboração do mapa de quantidade de escolinhas por trecho e na detecção do impacto que as escolinhas têm na zona de praia, o alcance que eles têm, importância e a origem dos praticantes para realização, além de saber o custo para a fazer a prática, possibilitando fazer um comparativo entre o preço para comprar os equipamento sozinhos ou pagar pelas aulas.

No que concerne ao uso do questionário utilizado em campo (Anexo 1), foi categorizado em três temas e para cada um destes foram elaboradas perguntas relacionadas a mesma:

“1) Sobre a Prática” refere-se ao entendimento que o responsável/instrutor da escolinha conhece sobre a prática, o que se sabe sobre a origem, como chegou a cidade de Fortaleza, como reconhece qual a praia é ideal para a realização da atividade e o período que mais recebe praticantes. Estas perguntas ajudam a entender a respeito do exercício, a escolha do praticante para a atividade naquela determinada praia, qual período do ano recebe mais praticantes que geralmente é associado a questões do mar e do clima, que são favoráveis devido a tropicalidade da cidade.

“2) Sobre os praticantes” trata-se do conhecimento que a escolinha tem sobre seus clientes/praticantes, a quantidade de pessoas que utilizam a sua escola, qual a faixa etária e gênero predominante, classe social, quais as principais motivações, como eles têm acesso a essa prática e quais os instrumentos de captação para estas pessoas. Questões essas que ajudam a entender qual o público predominante da prática e como eles se relacionam com a prática, podendo perceber quais as razões que fazem procurar e manter o praticante ao exercício.

“3) Sobre a Escolinha” baseia-se em questões que ajudam a entender sobre a escolinha em si, a relação que este tem com o entorno, como eles conseguem impactar o espaço da praia e transformar a comunidade local. As perguntas ajudam a entender como essa prática se desenvolveu com o passar do tempo e como ela tornou-se alternativa social tanto para o empresário quanto praticante, bem como para saber o nível de alcance delas na cidade.

Para localizar esses instrutores e praticantes foi necessário a pesquisa nas redes sociais como Instagram para encontrar as escolinhas em cada uma das praias, com isso marcava-se um encontro na própria escolinha para realizar a aplicação do questionário. No diálogo repassava-se contatos de escolinhas parceiras ou conhecidas para posteriormente estabelecer o contato e realização das entrevistas.

Assim sendo, esta pesquisa parte do pressuposto principal de que as políticas governamentais de lazer vinculam-se diretamente e indiretamente com os espaços metropolitanos litorâneos, seguindo a lógica de hierarquia urbana para a construção espacial. Assim, as metrópoles se relacionam com o desenvolvimento turístico bem como as áreas

metropolitanas participando de um desenvolvimento turístico a partir dos fluxos metropolitanos em mais suas variadas escalas.

Com isso, a monografia encontra-se dividida em três seções: na primeira parte analisa-se o surf desde a sua criação até os dias de hoje, bem como seu cenário mundial atual, de seguida aborda-se a área de estudo e a importância das escolinhas de surf como agentes sociais e esportivos além de modificadores da praia, as quantidades existentes bem como sua transformação no espaço ao longo do tempo como crescimento da prática e na valorização do território e por fim como um território da praia pode ser objeto de renovação, os componentes urbanos e das estruturas das praias da área de estudo, com o caso concreto de Fortaleza, que através dos desportos de ondas tem procurado encontrar um novo uso, uma nova dimensão e uma nova forma.

Para alcançar os objetivos mencionados, a revisão bibliográfica juntamente com as discussões desenvolvidas promoveram a necessidade de construir uma pesquisa em dois capítulos: A prática de Surf dos ocidentais aos ocidentalizados com as perspectivas de espaço litorâneo; turismo; lazer e esporte. Em seguida, no capítulo dois, As territorialidades do Surf na metrópole fortalezense abordando aspectos do lazer popular; modernização da vilegiatura marítima; a práticas esportivas em comunidades urbanas metropolitanas.

O capítulo “A prática de surf: dos ocidentais aos ocidentalizados”, contempla inicialmente uma perspectiva histórico-geográfica retratando o início da prática de surf e *bodyboard*, com os primeiros registros de atividade pelos povos da Polinésia, passando pelo quase desaparecimento até o renascimento no século XX, momento em que houve sua popularização e a inserção destes em campeonatos mundiais. Neste contexto, no primeiro tópico” O cenário mundial do surf” é abordado o surgimento destas práticas no Brasil e a situação atual das atividades no cenário mundial, abordando dados quantitativos das maiores entidades internacionais a respeito do número de praticantes nos países até sua distribuição pelo mundo dos principais campeonatos mundiais de surf e *bodyboard*. Para a melhor compreensão deste foi feito um mapa de localização dos últimos campeonatos destas práticas modernas pelo mundo.

No tópico “Da repulsa ao mar as práticas marítimas modernas em Fortaleza”, começa esboçando a relação da cidade de Fortaleza com o seu litoral, com seu mar, bem como sua evolução até os dias atuais. Inicialmente a capital cearense possuía uma relação de repulsa da costa, isso é constatado na sua própria constituição urbana, em que a cidade foi construída “de costas para o mar”, no entanto, com o fenômeno da valorização do litoral pelo mundo, a partir do século XX, mais precisamente no Nordeste do Brasil houve o desenvolvimento da prática da

vilegiatura e parques aquáticos, assim, a inserção de atividades de lazer no litoral. É necessária essa explanação para que haja um entendimento e contextualização das atividades marítimas modernas na área de estudo, além de permitir o enquadramento da modalidade nos dias de hoje.

O capítulo “As territorialidades do surf na metrópole fortalezense”, contextualiza o surf como, pelos seus diversos conceitos e autores, com algum auxílio do surf enquanto modalidade desportiva e de recreação. Tendo foco na demanda, são abordadas as características e determinantes desta relativamente ao surf. Com o mesmo intuito, Pereira (2015; 2017) pensou acerca da relação entre práticas marítimas de lazer e a urbanização-metropolização, através da elaboração de metodologia experimental para a compreensão da costa, principalmente a nordestina do Brasil. No tópico “Área de estudo: Praias com práticas de surf” demonstra-se através de um mapa as praias que foram alvo da pesquisa bem como a contextualização e explicação de cada uma.

Ainda neste capítulo tem-se a parte de “Escolas de surf enquanto instrumento desportivo e social” retratando as escolinhas de surf e seus impactos na morfologia da praia, importância para as comunidades com projetos sociais, além da quantidade de escolinhas em cada praia por meio de análise de campo e um mapa a respeito do número de escolinhas em cada praia. Para isto, o tópico “Brazilian storm e a demanda por escolinhas” serve de auxílio para o anterior exemplificando melhor o aumento em grande escala de escolinhas de surf principalmente depois da frequência de campeões de competições internacionais por brasileiro, influenciando no aumento de praticantes e consequentemente de escolinhas. Ainda nesta parte, mostra-se por meio de imagens ao longo do tempo de novas infraestruturas de barracas e estruturas de escolinhas a partir da primeira vez que um brasileiro foi campeão até mais recente.

Em “Morfologia urbana e componentes das praias da área de estudo” aborda-se os componentes urbanos que compõem as praias através da metodologia do Projeto Orla e Pereira (2012) realizando uma tabela e categorização com critérios já utilizados e adaptados por Pereira (2012), servindo para demonstrar as particularidades e semelhanças entre as diferentes praias da cidade de Fortaleza e demonstrar o aumento da urbanização, influenciado também pelas práticas marítimas modernas.

A respeito do “O Direito de ir e vir ao litoral na cidade praia de Fortaleza” refere-se ao meios de locomoção público que os praticantes precisam fazer para chegar em alguma das praias da cidade, por meio do quadro mostra-se a quantidade de linhas com destino a praia, bem como o tempo e a distância. Conclui-se que a influência de tempo e segurança prejudicam a escolha dos praticantes em utilizar do transporte público recorrendo para meios particulares de automóveis ou serviços de aplicativo privado, deixando restrito a prática para quem possui

condições de conciliar esses gastos ou para quem mora perto da praia.

Por fim, o tópico “Projetos sociais de surf em Fortaleza” conta-se a importância da iniciativa governamental em criar projetos sociais principalmente para os jovens de comunidades que não possuem condições financeiras de praticar surf e investir para sua participação no esporte estimulando um estilo de vida saudável e longe das adversidades da periferia. Para isso cita-se dois projetos governamentais de diferentes esferas, mas com o mesmo intuito de ajudar os jovens da comunidade.

2 A PRÁTICA DE SURF: DOS OCIDENTAIS AOS OCIDENTALIZADOS

Não há conhecimento ao certo de onde o surf surgiu, se compreendermos o surf na mais pura criação, isto é, a ação de deslizar sobre a arrebentação. Alguns pesquisadores e até mesmo praticantes, acreditam que a África ocidental tenha sido o berço do surf, outrem na China, outros ainda concordam à costa norte do Peru, local que por muitos anos nativos escorregavam sobre as ondas utilizando embarcações feitas de fibras de junco. No entanto, se considerar o significado da palavra "cultura", torna-se quase que difícil não associar o surfe com os polinésios (REZENDE, 2004).

FILOSA (1977) relata que o rei Moikeha, do Taiti, à procura de novas ilhas, foi um dos que chegou pela primeira vez ao Havaí, mais especificamente à ilha de Oahu, partindo em seguida para a ilha de Kauai, onde se firmou. Juntou-se com as filhas do rei local, teve filhos e responsabiliza-se para que todos os seus descendentes aprendessem a cultura do surf (REZENDE, 2004)

Na Polinésia já era exercida uma prática chamada “Paipo” – parecido com o *bodyboard* - (SOUZA, 2004) que foi adaptado para o surf de pé (ainda mais desafiador) por volta de 1.000d.C. e prontamente internalizado à cultura Havaiana (REZENDE, 2004). Auxiliando na afirmativa pode-se citar Souza (2004, p. 16):

“Os primeiros a chegar no Havaí teriam sido os habitantes das Ilhas Marquesas, na Polinésia. Eles praticavam a arte do paipo: descer numa onda deitado sobre uma pequena prancha arredondada. Numa segunda leva, bem posterior, os taitianos também chegaram ao arquipélago, trazendo o hábito de ficarem em pé em cima de uma prancha que ficava em cima de suas canoas de guerra. Daí para alguém decidir descer em pé em cima de uma paipo não demorou muito...”

Descer sobre as ondas utilizando apenas uma pequena prancha de madeira já era parte da rotina da grande maioria dos ilhéus da Polinésia. Os havaianos apropriaram-se desse

antigo hábito, criaram pranchas enormes, desenvolveram novas técnicas e ergueram o surf ao mais alto nível dentro de sua cultura (REZENDE, 2004). As pranchas havaianas eram as melhores comparadas com o restante dos povos da região, pois possuíam ótima fluabilidade e todos os tipos de "abordagens surfísticas" no qual nelas podiam ser realizadas várias práticas: surf de joelho, sentado e na posição ereta. Isso ocasionou com que os havaianos se diferenciasssem das demais populações da Polinésia (REZENDE, 2004).

Inicialmente os pioneiros dos polinésios arriscaram-se em duradouras jornadas de canoa com rumo às diversas ilhas. Em seguida, teriam criados simples paipos que foram utilizados pelos mais jovens. Por fim, ao redor da costa havaiana o surfe alcançou seu apogeu, sendo a habilidade em permanecer-se ereto sobre as grandes pranchas a sua mais polida expressão. Como o surfe talvez tenha ascendido o seu auge no Havaí, a história pode, realmente, iniciar-se naquelas ilhas. Na região o surfe não foi somente um *hobbie*, mas o centro da vida social e das atividades ritualísticas do povo (NUNES JÚNIOR e SHIGUNOV, 2010).

Um outro traço significativo da sociedade havaiana era as competições de surfe. Apesar do surfe nas ilhas não fosse puramente um ato religioso, seu exercício estava certamente atrelado, integrado e movido com os cultos aos deuses e aos espíritos da natureza.

Figura 1 - Ilustração de polinésios locais no Havaí nas suas primeiras tentativas de surfar ondas.



Fonte: Hawaii State Archive.

Assim como em quase todas as comunidades do “Novo Mundo”, não sendo especial no Havaí, colonizadores britânicos (chamados de “haoles” pelos Havaianos) chegaram às ilhas por volta de 1778, chefiados pelo navegador James Cook. Esta interação inicial possibilitou o

primeiro registro documentado acerca da prática do surf pelo Primeiro-Tenente James King do navio Discovery, depois da morte de Cook. Por isso o Havaí é considerado por muitas pessoas o berço do surf, visto que os primeiros registros encontrados e relatados em escritos foram pelos navegadores britânicos nesta região. Com a chegada dos europeus o surf teve um declínio por 150 anos. A colonização dos britânicos, com a incorporação de seus costumes, culturas, tecnologias e religião, deixaram um grande efeito na sociedade havaiana. A partir de 1820 começaram os primeiros assentamentos de missionários americanos calvinistas, impondo sua religião na vida do povo havaiano e condenando o surf como uma prática corrompida, improdutiva e ameaçadora. Com esse choque na “sociedade do surf”, a população havaiana, desde a chegada de James Cook até 1892, havia sido reduzida em 90%. (MARCUS, 2009; WARSHAW, 2005)

Um movimento inovador e diferente, embora semelhante em sua essência. Waikiki foi o início do ressurgimento, este era um dos raros locais onde ainda se encontra o He'e nalu, que agora passava a chamar de surfe, por causa da influência anglo-saxão. A região de Waikiki, talvez pelo fato da proximidade com o grande aglomerado urbano que se constituía em Honolulu, tornou-se a base do surfe, ou do que restou dele (REZENDE, 2004).

George Freeth, um jovem irlandês, estabeleceu residência definitiva nas ilhas e se tornou um dos melhores surfistas de todo o arquipélago. Freeth fora professor de surf nas ilhas e um dos pioneiros da divulgação do surfe para além das fronteiras havaianas. Em 1907, George Freeth foi chamado por Henry Huntington para mostrar a prática de surfe em Redondo Beach, na Califórnia. Essa ação era parte de um plano de marketing a fim de fomentar o percurso de ferro Los Angeles à Redondo Beach. Os jornais da época divulgaram a manchete: "George Freeth, o homem que pode andar sobre a água!". Uma multidão se amontoou na praia para assistir Freeth, que depois ainda deu aulas de surfe para os que se interessaram. Após sua vinda, o surfe californiano começou a ganhar adeptos, e pequenos grupos de surfistas começaram a apropriar-se das praias da região (REZENDE, 2004).

Outro marco importante para a chegada do surfe foi à criação do “The Hawaiian Outrigger Surf and Canoe Club”, o qual tinha como maior meta tornar-se a primeira organização mundial com a missão de propagar as culturas marítimas havaianas. Realmente a ideia teve bons resultados, e dentre os benefícios ocasionados pelo clube, destaca-se a imensa facilidade que os associados encontravam na guarda de suas pranchas, na troca de roupas visando à prática do surfe e na possibilidade de participação de eventos esportivos organizados por esta entidade (REZENDE, 2004).

Na chance de ingressar em eventos esportivos organizados por esta entidade. O surfe

voltava sem os preconceitos e os estereótipos associados a ele na época dos missionários europeus. Esse fato retrata o quão cíclico são os acontecimentos no mundo: inicialmente, o surfe era cultura e hábito; os brancos os condenavam e o levaram à quase que sua extinção; mas foram os mesmos brancos que lutaram por seu renascimento e acabavam com seus preconceitos.

Em 1911, um outro clube de grande importância na volta do surfe foi criado no Havaí: The Hui Nalu (Surf Club), que era uma associação de surfe somente para havaianos. A criação da Hui Nalu foi marcante para o esporte, pois possibilitou um “ar” de competitividade amistosa entre os dois clubes, incentivando o crescimento de ambos (REZENDE, 2004).

Um dos participantes mais popular do Hui Nalu foi o surfista mais influente do século passado: Duke, um dos poucos residentes das ilhas que ainda levava em seu sangue o DNA de uma linhagem nobre havaiana, e começou a gostar do surfe no ano de 1898, quando muitos já viam que essa prática era uma arte perdida (DACOSTA, 2006).

Neste tempo ocorreu o primeiro campeonato amador de natação nas ilhas havaianas, Duke foi um dos competidores, e, embora nunca tenha feito natação de forma competitiva e ministrada e inexperiente em competições desse gênero, bateu os recordes mundiais das 100 e 50 jardas no estilo livre. Atualmente pode ser entendido quando se analisa os recentes trabalhos científicos que estudaram o perfil fisiológico dos surfistas. Muitos dos surfistas profissionais demonstram uma capacidade aeróbia (ou seja, a capacidade de consumir oxigênio) quase o dobro mostrada por pessoas saudáveis, da mesma faixa etária, mas sedentárias (NAVARRO, DANUCALOV e ORNELLAS, 2010).

Esse feito de Duke atraiu a atenção de um grande treinador de natação chamado Syd Cavill. e em 1911 Duke partiu para a Califórnia, ao Clube Olímpico de San Francisco em que treinou junto com a equipe americana de natação objetivando os Jogos Olímpicos de Estocolmo, na Suécia, em 1912, em que venceu os 100 metros livres e igualou o recorde mundial do alemão Kurt Breiting em uma das eliminatórias e ainda ficou com a prata no 4x200 metros livres (DACOSTA, 2006).

Talvez o fato mais presente da carreira de Duke como embaixador da cultura havaiana e, conseqüentemente do surfe, tenha sido a sua ida à Austrália, em 1914. Duke foi chamado pela Associação de natação de Nova Gales do Sul a integrar um evento esportivo. Duke ao chegar em Sydney, imediatamente pediu aos organizadores do evento a chance de demonstrar seu esporte favorito, o surfe. A data da exibição foi determinada e o local escolhido foi a praia de Freshwater, ao norte de Sydney. Duke viria a plantar a semente do surfe australiano, mostrando a arte de andar sobre as ondas para um público aproximado de centenas de pessoas. Entre elas, encontrava-se um pequeno menino, Claude West (DACOSTA, 2006).

Claude alguns anos mais depois se tornou o primeiro campeão de surfe da incrível dinastia australiana. Duke morreu em 1968, de ataque do coração, com 77 anos de idade entrando para a história como pai do surfe moderno (GRIJÓ, 2004). Ford, Freeth, London e uma infinidade de outros jovens foram extremamente importantes para o renascimento do surfe.

A relação no litoral entre produção e consumo, lazer e turismo, já apresentavam seus princípios com a elite europeia que reproduziu em suas colônias, com praias e climas favoráveis, ao consumo nos moldes europeu para esses espaços. Gradualmente ao longo dos séculos XIX e XX a praia ganhou relevância. Nesse período essa prática no Brasil se repetia, por exemplo, no Rio de Janeiro a praia se transformou o espaço público com maior utilização da sociedade do consumo (RAMOS, 2009), com aluguel de barcos e infraestrutura de consumo.

No Brasil as semelhanças com as características europeias se limitaram ao gosto pela praia, pois não ocorreu a criação de edificações apropriadas para a prática do banho de mar. A utilização da praia como espaço de lazer, nos séculos XIX e XX, teve no Brasil o Rio de Janeiro como precursor, sendo difundida em passos acelerados por todo território nacional. Dantas (2004, p. 71) assegura que:

“em Fortaleza também se tira proveito da paisagem característica das praias, mas para um tipo diferente de uso. Tal paisagem dispunha de uma particularidade, a impossibilidade de aproveitar as praias durante o dia. Neste período, a temperatura impossibilita a exposição ao Sol e, conseqüentemente, o desenvolvimento de toda e qualquer atividade de lazer e de outras atividades sociais”.

Essas atividades sociais e de lazer se tornaram economicamente viáveis para a sociedade do consumo e criou-se, dessa forma a demarcação e valoração capital da região de praia, marcada pela especulação e delimitação devido a excepcionalidade do solo litorâneo..

Constata-se que a maioria da orla brasileira sofre com as conseqüências impactantes desse tipo de ocupação. Um exemplo que pode ser citado foi realizado na pesquisa de Dantas (2003), em sua dissertação, “Turismo, Produção e Apropriação do Espaço e Percepção Ambiental: o Caso de Canoa Quebrada, Aracati, Ceará”. A autora concluiu que os espaços de Canoa Quebrada - CE foram transformados em objetos sociais, “capturados pela lógica da troca, pela perspectiva capitalista da comercialização da terra e da especulação imobiliária”. Assim como nas cidades, o novo espaço criado fragmentou-se e hierarquizou-se” (DANTAS, 2003, p. 179).

A valorização do espaço litorâneo está diretamente relacionada à beleza pelos seus fatores naturais aliados ao acesso à infraestrutura básica, possui custos que geralmente são coletivos. Entretanto, evoca Ramos (2009, p. 25-26), “os ganhos derivados destas melhorias são

necessariamente privados, ou seja, pertencem àqueles que detêm porções de terra”. Sabe-se que no Brasil é comum haver normas de comportamento em áreas carentes de infraestrutura urbana, [...] onde os proprietários de terras ficam no aguardo de investimento muitas vezes advindo de recursos públicos e após a chegada dos benefícios alcancem valores superiores aos investimentos.

Essas diferentes atividades de lazer e turismo se aproximam do conceito de produção de Lefebvre (2008, p. 102), ao entender que a “produção é um espaço nascido em si mesmo”. Assim, considera-se fundamental a necessidade de refletir sobre a diversidade de serviços oferecidos nos espaços de praia, a partir da afirmativa de Ramos (2009, p. 19) de que “distintas classes sociais atuam na produção dos espaços praias”. Existem classes que não residem no espaço praias, mas têm suas ligações com a praia através de outras vivências e referências o lazer e o trabalho, por exemplo [...]”.

Entretanto, o que chama atenção na oferta desses serviços é a forma como ocorre essa produção dos espaços praias. Principalmente na reflexão se esse espaço é realmente público, considerando que os serviços oferecidos são privados. Esse tipo de produção é próprio da sociedade do consumo, assim abrigam por um lado pequeno número de atores hegemônicos e do outro uma grande quantidade de sujeitos passivos (RAMOS, 2009).

Na sociedade do consumo essa relação ocorre da necessidade de “incorporar sistematicamente novos objetos para existir o ciclo vicioso da construção e desconstrução dos apelos, dos desejos e das novas necessidades, por via da moda” (ORTIGOZA e LOMBARDO, 2011, p. 12). Mas ao mesmo tempo compreende-se que os componentes, homens, natureza, trabalho e dinheiro formam o espaço, incluídos um a um, como substância que compõem o cenário de forma indivisível (RAMOS, 2009).

A vitalidade e força de lógica de valorização das praias se mantém até nossos dias, implicando em processo de atualização constante, a referendar popularização dos gostos pelo mar e pelo marítimo na perspectiva social (efeito de massa) e concomitantemente em escala mundial. Na contemporaneidade, final do século XX e início do século XXI, novos usuários surgem nas zonas de praia, complexificando a paisagem urbana no exercício de práticas a conviverem com as de caráter eminentemente terapêutico (ainda praticadas mas não de forma hegemônica) e recreativo. Especificamente práticas marítimas modernas de caráter esportivo (náutico e aquático), idealizadas em novo padrão estético, assentado não mais no ideário de homens saudáveis (Banhos de Mar) ou esbeltos e bronzeados (Banhos de Sol), mas daqueles a dispor de um corpo atlético e a se nutrir do ideal da interação do praticante com a natureza, no intitulado de Esportes de Aventura, “Sport de Nature” na acepção francesa (AUDINET,

GUIBERT e SEBILEAU, 2017).

O delineamento de práticas esportivas na praia se justifica no entendimento da mesma como teatro social, pois foi historicamente constituída enquanto tal com religiões, poetas e discursos médicos primordiais nessa transformação, espaço de inovações, lócus onde diferentes atores interagem, constroem e reconstróem sociabilidades, produzem, inclusive, espaços públicos direcionado à festa e ao lazer (URBAIN, 1996; RIEUCAU e LAGEISTE, 2008).

As citadas práticas se efetivam em centros espalhados no mundo, derivadas da modernização dos lugares/praias e adaptação de práticas desenvolvidas em outras ambiências e, agora, reestruturadas para a representativa da beira-mar. Tratam-se de práticas esportivas criadas e/ou adaptadas para a praia e para o mar (surfe, windsurf, beach soccer, voleibol de praia, kitesurf, etc) e novos empreendimentos a elas associados (Balneários, Resorts, Condo Resorts, Parques aquáticos...).

Para Gutenberg (1989) o surfe brasileiro começou em 1938 com a primeira prancha feita pelos paulistas: Osmar Gonçalves - considerado por muitos o pai do surfe brasileiro (figura 2) - Silvio Manzoni, João Roberto e Júlio Putz, os quais teriam sido os primeiros a surfar no Brasil, no canal 3 em Santos. Conforme Osmar, seu pai teria lhe apresentado uma revista de mecânica, a norte-americana "*Popular Mechanics*", e de lá, os jovens teriam retirado a ideia da construção de uma legítima tábua havaiana (REZENDE, 2004).

Figura 2 - Estátua que homenageia um dos pioneiros do surf brasileiro, Osmar Gonçalves, em Santos.



Fonte: Surf Total.

No entanto, nessa época, as praias não eram muito frequentadas e o surf não se fortaleceu como se esperava. Mas em 1952 alguns surfistas cariocas começaram a surgir nas ondas de Copacabana, aumentando a popularidade da prática. (REZENDE, 2004)

A primeira organização de surf no Brasil foi criada no ano de 1965, com o nome de “Associação de Surf do Estado do Rio de Janeiro”. O primeiro campeonato oficial ocorreu ainda neste ano, mas a modalidade só seria reconhecida pelo Conselho Nacional de Desportos em 1988 (SURF TOTAL, 2014)⁴.

Em 1970, foi presenteada com outros campeonatos que estão na mitologia do surf brasileiro, como os Festivais Brasileiros de Saquarema. Saquarema começou a sediar torneios que juntavam os diversos grupos de surfistas regionais do país. Os eventos foram todos organizados pela Associação de Surf de Saquarema, e que iniciou os maiores campeonatos já vistos até então no Brasil (REZENDE, 2004).

O final dos anos de 1980 foi marcada por alguns acontecimentos como a conquista do título mundial de surfe amador, em Porto Rico pelo paraibano Fábio Gouveia; e o shaper carioca Henry Lelot e amigos que criaram a "Federação de Surf do Estado do Rio de Janeiro" - na época, a segunda federação de surf do Brasil. Atualmente, as entidades responsáveis pela organização no desporto no Brasil são a "Confederação Brasileira de Surf" - filiada no Comitê Olímpico Brasileiro, presidida por Juca de Barros, e a "Associação Brasileira dos Surfistas Profissionais", sendo que o campeonato nacional denominado "Circuito SuperSurf" (SURF TOTAL, 2014)⁵.

Os anos de 1990 foram influenciados pela geração de Kelly Slater, com uma nova ideia de surfe, caracterizada no uso de mais velocidade, na agressividade forçada pelo surfista nas ondas, além da realização de manobras futurísticas.

2.1 O cenário mundial do surf

Hoje em dia, vamos a qualquer praia ao redor do mundo e as pessoas estão vestidas como surfistas, a usar marcas de surf, e todas elas querem surfar (PRESIDENTE DA ISA, 2015)⁶.

⁴ Disponível em: [Surftotal - Portal de informação sobre Surf](#)

⁵ “O crescimento das escolas de surf tem sido enorme e está em consonância com o aumento do Turismo” ([surftotal.com](#)) Acesso em: 14 de abr. de 2024

⁶ Disponível em: [surfjogosolimpicostoqueio.pdf \(utfpr.edu.br\)](#). Acesso em 14 de abril de 2024

O surf facilmente tornou-se uma das atividades mais praticadas no mundo. Diversas praias se especializaram na prática e hoje são referência no esporte, todos os continentes já foram surfados e explorados por surfistas. Este fato influenciou muito para uma grande procura turística, por centenas de pessoas ao longo do ano, em busca das melhores praias com ondas perfeitas, pouco degradadas e, em geral, com uma natureza atraente e pouco afetada pelo ser humano.

As práticas na praia e no mar são boas referências para compreender a massificação do interesse por estes locais. Tanto pelos praticantes experientes como amadores, o nível de organização e histórico de boas ondas e formação de praticantes determina os espaços do circuito mundial de práticas à beira mar destacáveis para as práticas de distintos esportes. Aqueles que escolhem se profissionalizar entram em eventos regionais, nacionais e internacionais realizados por entidades confederativas e, geralmente, escolhidos em circuitos em praias já pré-selecionadas. Para o caso dos adeptos amadores há notáveis diferenças, pois há um número grande de integrantes sem relação com associações ou a entidades promotoras, fora que existe mais praias que possui boas condições para a prática mas não estão no radar das competições, das formas construídas, como os meios de acesso, barracas, restaurantes, dentre outros e das subjetividade com as territorialidades e divulgações da praia (PEREIRA e DANTAS, 2023).

Na seguinte imagem, estão delimitados os locais em que ocorre a etapa mundial de um dos vários esportes marítimos: o surf. As sedes possuem os “picos” mais desejados pelos atletas da terra, com ondas perfeitas são o cenário das disputas, com um alto impacto turístico atrelado ao negócio. Nota-se uma integração marcante nos litorais das costas tropicais da América do Sul e da Oceania, com realce para os litorais de Portugal, dos Estados Unidos, do Brasil e da Austrália (Mapa 1). Estrutura-se praias-padrão, formas conhecidas em todo o mundo. Precisamente pode-se falar de Pipeline (Hawaii), Bells Beach (Austrália), Saquarema e Copacabana (Rio de Janeiro-Brasil), Teahupoo (Taiti) e Peniche (Portugal) (PEREIRA e DANTAS, 2023).

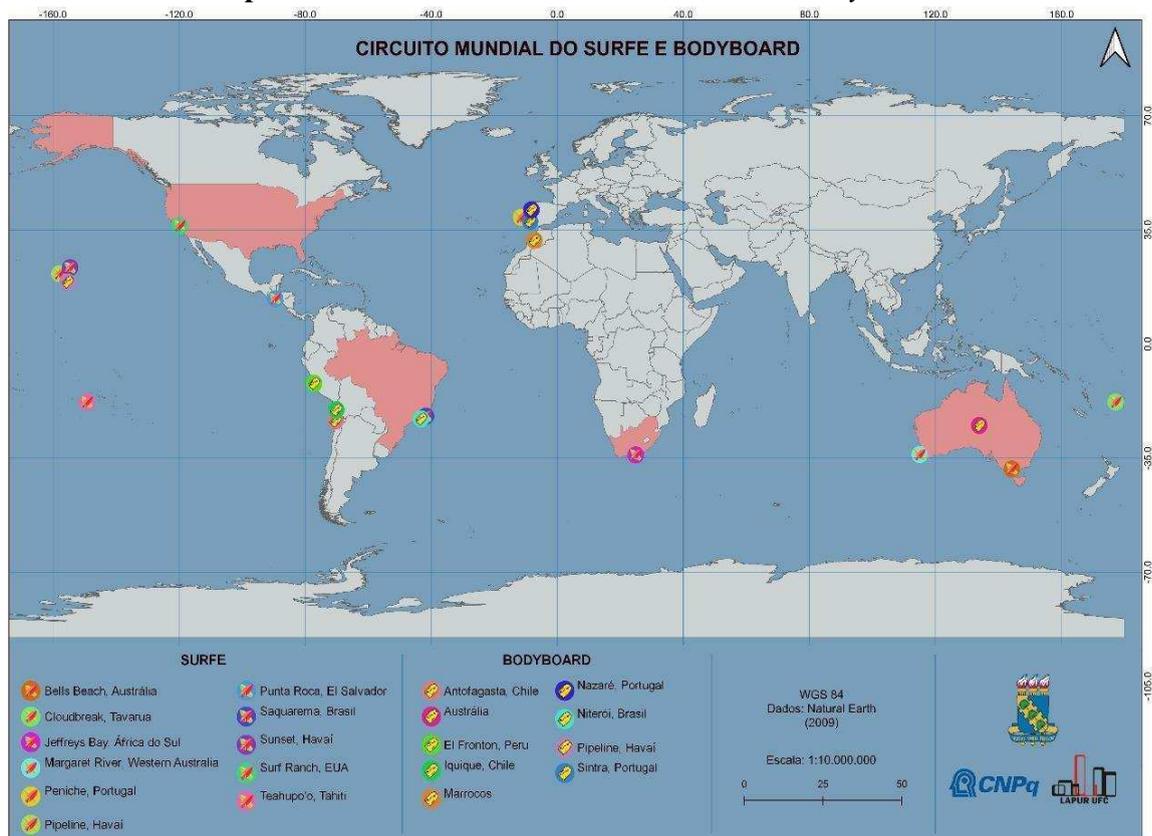
Percebe-se que são lugares selecionados pelos grandes praticantes do esporte. Esportistas que influenciam os praticantes amadores a realizarem estas modalidades. Tais eventos esportivos afetam certamente o fluxo de turistas e vilegiaturistas, posto, deslocam-se dos mais variados continentes em direção a estas e outras praias com características e formas parecidas.

A etapa mais conhecida do circuito mundial de surf, o mar de Pipeline, no Havaí, é um dos mais populares do mundo pela grandeza e forma de suas ondas e pelo risco que é surfar em suas águas. O Pipeline tem uma formação muito própria, pois tem recifes de corais que

principiam muito perto da costa e ficam a poucos metros da superfície da água. Como a praia de Pipeline fica exposta ao mar aberto, a agitação das águas forma ondas ideais ao encontrar a repentina diminuição de profundidade causada pelos corais.

Bells Beach, na Austrália, é famosa como uma praia de ondas de velocidade. Por conta dessa peculiaridade, o predomínio de estilo de surfe nesta região é o surfe de *carving*, uma das estratégias mais conhecidas do surfe, que usa da velocidade para “derrapar” na onda, mudando de direção repentinamente. Outra característica dessa praia é que as ondas nascem e quebram do lado direito para o esquerdo. As ondas de Bells Beach também são ótimas para pegar tubos, por serem longas e contínuas.

Mapa 1- Sedes do Circuito Mundial do Surf e *Bodyboard*.



Fonte: WSL, 2023 - 2024. Elaborado pelo autor.

A Austrália, juntamente com Hawaí (Estados Unidos), são umas das principais praias procuradas por surfistas. Estes locais caracterizam como as principais potências do surfe mundial. Eles possuem a maior parte do povo nas regiões litorâneas e distribuído em toda a suas

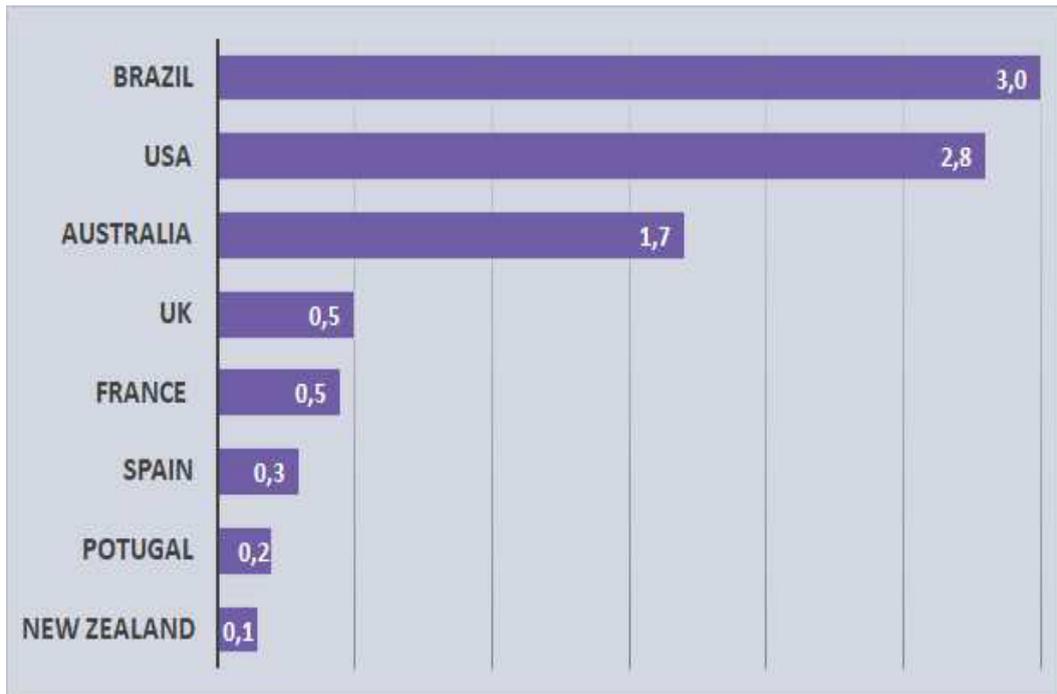
costas condições perfeitas e diversas para o surfe. Fora, que auxiliam o surfe sendo grandes produtores de conhecimento no tema e realizando pesquisas de áreas da engenharia (ROLIM, 2010).

Unindo o estilo de vida de surf e as condições naturais da costa, em conjunto com o início dos campeonatos o presente de surf em Portugal, Peniche, mostra-se cada vez mais extenso e complementar, alavancando cada vez com mais ênfase o slogan “Peniche – Capital da Onda”. Apesar de numa escala desigual, no que se refere à grandeza dos números, só a prova Rip Curl Pro 2013, em Peniche, que considera o campeonato do mundo de surf, rendeu €13,3 milhões em receitas, em apenas uma semana de etapa. No ano seguinte subiu para €13,6 milhões, número que só continua crescendo a cada ano (CAMPOS, 2016).

Nos Estados Unidos, há cada vez mais a adoção de piscinas de ondas artificiais que vem ganhando adeptos em diversos países do mundo e vem se tornando uma tendência em cidades não-litorâneas ou cidades que não possuem ondas ideais para a prática, como consequência, possibilitou a participação de pessoas e novos praticantes que moram longe da praia. Segundo um estudo da Sports and Fitness Industry Association (SFIA) mostrou que o surfe está entre os 25 esportes que mais tem crescido nos Estados Unidos nos últimos tempos. A modalidade se encontra na nona posição, sendo o esporte aquático com maior crescimento.

A *International Surfing Association* (ISA), sediada na Califórnia, é o órgão máximo do surf, criada em 1964 e reconhecida como a autoridade mundial do surf pelo Comitê Olímpico Internacional (COI), considerou, em 2016, a existência de mais de 35 milhões de praticantes no mundo distribuídos em 70 países (INTERNATIONAL SURFING ASSOCIATION, 2016a), além de contar com o envolvimento de 38 nações para campeonatos e centenas de associações nos cinco continentes, como se pode notar na Figura 3, além de mais de 370 milhões de pessoas interessadas na modalidade, o que explica o público estimado de 14 milhões de visitantes pelo Facebook em uma das etapas do campeonato mundial de surf (BADENHAUSEN, 2018). Nesse mesmo estudo é captado que 81% dos adeptos são do sexo masculino e 19% do feminino, é ainda percebido que 60% dos surfistas tem pelo menos 25 anos e consequentemente 40% encontra-se a baixo dessa idade (SURFER TODAY, 2018).

Figura 3- Praticantes de surfe - Por país - Em milhões.



Fonte: Sports Value.

Outro dado interessante oferecido por esta pesquisa é a disposição dos surfistas em termos geográficos, nesta figura a América é o continente com maior número de praticantes (Brasil com 3 milhões de surfistas e o EUA com 2,8 milhões são os países que mais participam, o crescimento recente da prática no Brasil levou a alcançar a altura, como país referência no continente Americano), logo depois está a Oceânia (1,8 milhões de praticantes, com a Austrália a contribuir com 1,7 milhões e a Nova Zelândia com 145 mil). O continente asiático está em 3º lugar com 6 milhões de surfistas, no entanto sem nenhum país entre os 8 com mais praticantes. Com 4,5 milhões de surfistas cada, tanto a África quanto a Europa ocupam o 4º lugar nesta divisão do continente europeu há ainda quatro países entre os que mais possuem surfistas, o Reino Unido com 500 mil, a França com aproximadamente 450 mil, Espanha com 300 mil e Portugal com 200 mil são os países do mundo com mais surfistas, de acordo com a pesquisa da ISA (SURFER TODAY, 2018). São números menores em comparação com outras atividades tradicionais, como o futebol com quase 300 milhões de praticantes, porém com um valor agregado equiparável, e grande impacto mercadológico. A força da modalidade é exatamente pelo número enorme de fãs do esporte, que não são surfistas profissionais; muitos patrocinadores ganham muito dinheiro com esse público (SPORTS VALUE, 2023).

A *World Surf League* (WSL), é uma instituição paralela à ISA, encarregada pelo surf profissional e organiza o campeonato mundial. Fundada em 1976, foi a primeira a promover o primeiro campeonato mundial de surf e de um sistema de *ranking* internacional entre os atletas.

De início a chamada de *International Professional Surfers* (IPS) e depois de *Association of Surfing Professionals* (ASP), começou a ser chamada de World Surf League, em 2015 (WORLD SURF LEAGUE, 2017b). Apesar de que, por muito tempo, o esporte tenha ficado em parte segregado de outras modalidades esportivas mais tradicionais, hoje em dia, o surfe tem tido cada vez mais importância no cenário esportivo internacional, sendo agente de atração de milhares de fãs pelo mundo e alcançando seu lugar em campeonatos esportivos de renome, como as Olimpíadas. Os Jogos Olímpicos de Verão de 2020, em Tóquio, foram os primeiros da história a incluir o surf (STACHEVSKI, 2020).

A participação do surf como modalidade olímpica, possibilitou durante os Jogos de Tóquio 2020 uma divulgação global. Por exemplo, no evento da Rio 2016, segundo o COI, metade da população mundial assistiu ao menos um minuto de um dos eventos dos Jogos. Em estudo feito pela Mind Miners, em 2021, 70% dos brasileiros estavam assistindo ou acompanhando notícias sobre os jogos olímpicos, desse percentual, 37% acompanharam o surf.

A cultura do surfe de convívio com a natureza e de aproveitar o momento presente como meio de bem-estar pessoal torna-se uma alternativa de fuga da correria da vida moderna. Essa característica terapêutica, numa sociedade cada vez mais necessitada de refúgios, alicerçaram o surfe a se estabelecer como prática de fugir dos antigos preconceitos. Segundo a Sport Insider, São Paulo, por exemplo, listou um aumento desmedido na quantidade de praticantes do surfe, possibilitando um mercado de pranchas, utensílios e marcas de roupa se os países tiverem ondas para que se possa surfar. Nesse formato o crescimento tecnológico possibilita hoje em dia a existência de piscinas de ondas, como foi dado o exemplo dos Estados Unidos anteriormente, permitindo que o surf possa passar a ser praticado em mais países e lugares em redor do mundo, assim prevê-se que o surf, sendo mais acessível, aumente o seu número de praticantes pelo menos para o dobro (SURFER TODAY, 2018).

O surfe é o esporte náutico mais praticado no mundo, movimentando negócios em diversos estados brasileiros, na cidade de Florianópolis-SC, por exemplo, com média de um surfista praticante para cada grupo de vinte moradores. Incorporado a diversos segmentos sócio esportivo-culturais, este esporte além da curva em ascensão do número de adeptos, movimenta uma indústria que já conta na atualidade com uma produção de produtos 100% nacionais. Mundialmente, a ISA destaca a abertura de 100 mil postos de trabalho, somente na indústria de equipamentos e acessórios. (DACOSTA, 2006).

2.2 Da repulsa ao mar as práticas marítimas modernas em Fortaleza

É preciso entender que nem sempre o mar era motivo de admiração e atrativo nas pessoas nos padrões percebidos de hoje nas praias ou ambientes litorâneos. No centro do debate, o mar alcança lugar na discussão e mostra outros diversos tipos de análise. Entende-se que até o século XVI o mar e sua costa tinham uma carga negativa de imagens travando a aproximação das pessoas nesse ambiente, ao passo que o confronto com o mar era indicativo de grande desafio. As raízes do medo e repulsa pelo mar são muito anteriores ao desejo do contato e da admiração. Assim, o medo deste enfrentamento ajudou para a demora na inclusão deste sentimento, fazendo com que o mar fosse utilizado durante longo período da história da humanidade apenas para finalidades comerciais, transporte, segurança da costa e, também, meio de sobrevivência através da pesca. (SILVA, 2006).

Para os europeus que fugiam desse contato direto com o mar e a aventura de navegar em mares mais distantes, este quadro de imagens negativas era marcante o suficiente para deixá-los por muito tempo com uma navegação restrita somente às proximidades de seu litoral. Segundo o Dantas (2002, p. 11), “para eles, longe da costa, encontrava-se o desconhecido, vinculado constantemente a representações místicas as quais falavam de obstáculos intransponíveis: o abismo que engolia os navios, o mar habitado por monstros e deuses coléricos”.

O mundo conhecido pelos europeus até o século XV concentrava-se na própria Europa, parte da Ásia e norte da África. Existia uma visão do mar como ligação a fatos sobrenaturais e as impressões diluvianas, levando as praias a serem espaços, por muito tempo, repugnantes para a população. A visão teocêntrica, muito forte até a Idade Média, só iria mudar aos poucos a partir do século XVI. (SILVA, 2006).

As imagens desagradáveis do mar e todas as ligações negativas relacionadas aos espaços litorâneos, porém, começaram por um momento de resignificação, a medida que acontece na Europa uma várias situações e transformações no cenário simbólico, econômico e tecnológico dos europeus, possibilitando grandes mudanças quanto à maneira de ver e sentir o mar. Segundo Corbin (1989):

Desde o século XVII, porém, opera-se uma mudança que viria possibilitar o novo olhar. Entre 1660 e 1675, os mistérios do oceano dissipam-se graças aos progressos realizados, na Inglaterra, pela oceanografia. No mesmo período, opera-se a retirada de Satã da história mental do ocidente. Sobretudo três fenômenos, após a efêmera atenção dada por um grupo de poetas barrocos às maravilhas marinhas, preparam a partir daí a mutação do sistema de apreciação: os cantos idílicos dos profetas da teologia natural, a exaltação das praias fecundas da Holanda, abençoada por Deus, e a moda da viagem clássica às margens luminosas da baía de Nápoles.

Muitos lugares absorveram de forma mais acelerada essa nova perspectiva de se ligar com o ambiente marinho, ao mesmo tempo que outras tiveram que passar por um curso mais lento no que tange a esta assimilação, especialmente ao uso referente às atividades de lazer e entretenimento. Com esse cenário, Sharpley (2009) retrata a praia enquanto espaço com a mais relevante carga espiritual atualmente, trazendo algumas ações que transformaram este ambiente enquanto favorito socialmente na prática de atividades lúdicas e recreativas de forma geral. São estes sentimentos de bem estar tanto físico quanto espiritual, a relação entre os aspectos da vida e o ritmo do mar, a ideia de liberdade ilimitada, o entendimento de liminaridade da praia (caos e estabilidade, fúria e serenidade), a vontade da aventura e a volta à infância. No caso de Fortaleza, apenas no início do século XX começa a ser habitual a procura pelo ambiente litorâneo como local ideal aos momentos de lazer da população local (CORRÊA, 2001).

Apesar desta inserção, as praias ficam durante muito tempo deixadas somente a segundo plano. Outra característica referente à dificuldade de aceitação destes espaços litorâneos é relatado por Corrêa (2001). Para o autor, causas ambientais também mexiam no processo de assimilação destas práticas à vida cotidiana das populações que residiam próximo aos ambientes litorâneos.

Por meio de Corrêa (2001, p. 293), é permitido entender que a valorização dos ambientes litorâneos “[...] se deu com base na reavaliação dos atributos ambientais considerados a partir de então como saudáveis para o homem”. No passar do tempo, o debate realizado sobre os benefícios constituídos aos que moravam nos arredores das praias, especialmente quando se atribui àqueles ligados às interferências do clima e, também, com a inserção do discurso médico sobre as graças à saúde para aqueles que usufruem dos ambientes litorâneos, auxiliaram consideravelmente para a anexação do mar aos costumes da sociedade.

Nas cidades do mundo tropical a proximidade da praia ganha uma dimensão adicional associada ao microclima ameno, beneficiada pelas brisas marinhas. A mudança na avaliação ambiental foi, sem dúvida, um elemento que induziu a progressiva transferência das elites e classes médias abastadas para o setor litorâneo que, a partir do final do século XIX, como no caso da cidade do Rio de Janeiro, originou um padrão espacial de segregação residencial caracterizado, em parte, por apresentar setores seletivos à la Hoyt, como se exemplifica também com, entre outras cidades, Salvador, Recife e Fortaleza (CORRÊA, 2001 p. 293).

Introduzida na dinâmica mundial da associação da maritimidade dos lugares, Fortaleza não foi exceção. Seguida, mesmo que moderada ou tardiamente, a dinâmica espacial e temporal da maritimidade mundial, constituía-se uma nova forma de uso e aproveitamento do ambiente litorâneo na Cidade (SILVA, 2006). Ainda segundo o autor, Fortaleza mostrará, com o passar do tempo, as respostas de uma cidade que tradicionalmente dava as costas para o mar,

mas, ao assumir este espaço como parte estruturante e vital de seu território, atingirá numa série de outros processos, possibilitando maior profundidade à análise de sua história e de seu espaço urbano.

A forma como se estruturou a ocupação do litoral de Fortaleza está inicialmente ligada ao surgimento de suas principais vias de circulação, que durante anos e mais anos desprezaram completamente o litoral quanto aos seus traçados. [...] os estabelecimentos mais importantes dos primórdios da cidade foram construídos com desprezo pela fachada marítima. Outro fato que pode ser demonstrado para ilustrar esse aspecto é a distância do mar de alguns estabelecimentos tradicionais da cidade, tais como o Palácio do Governo, Mercado e principais praças (SILVA, 1992, p. 61).

A posição das zonas de libertinagem perto das áreas portuárias, nos arredores da antiga Praia Formosa (hoje Praia de Iracema), e a apropriação das dunas por barracos no trecho do litoral de Fortaleza, Praia da Barra do Ceará, por exemplo, “foram, sem dúvida, fatores que levaram durante algum tempo ao desinteresse dos fortalezenses pelo litoral, com a finalidade de aí se fixar”. Rocha Júnior (1984, p. 33), aponta que:

O desinteresse pela faixa praiana em frente ao núcleo central era tão marcante que os serviços mais insalubres eram ali instalados: o velho “Paiol de Pólvora” por muito tempo esteve localizado no Largo da Misericórdia – depois Passeio Público – até seu remanejamento para local próximo ao “Cacimbão da Lagoinha”; o Gasômetro, dos tempos da iluminação a gás (1867), ampla câmara situada entre as ruas Amélia (Sen. Pompeu) e Formosa (Barão do Rio Branco), na encosta que separa a Santa Casa do mar; a descida destas duas ruas era conhecida como “rampa”, por ali se depositar o lixo da cidade; posteriormente a Light com sua chaminé fumegante, esteve localizada na área em questão.

Aquino (2003, p. 50) destaca que mais uma variante para analisar a não-valorização do litoral, “está-se à construção e localização dos estabelecimentos mais tradicionais da cidade. Estes são construídos de costas para o mar [...]. Esses estabelecimentos, quando não são erguidos de costas para o mar, estão localizados longe da orla marítima”. Apesar de todas estas razões que auxiliam a sequência de imagens negativas do mar em Fortaleza, introduziram aos poucos e discretamente os primeiros laços com o mar. As primeiras atividades marítimas modernas realizadas em Fortaleza, no início do século XX, foram os tratamentos terapêuticos, os banhos de mar e as caminhadas na praia, retratando a procura de uma sociedade em necessidade de lazer que até então era fechada à área central da Cidade, mais precisamente nas praças (SILVA, 2006).

Observando que os tratamentos terapêuticos não conquistaram em Fortaleza o mesmo realce dos banhos europeus, visto que na cidade estes banhos estavam mais relacionados ao tratamento da tuberculose, foram apressadamente relacionados à atividade de lazer. Segundo Dantas (2002, p. 35), no Ceará, a prática terapêutica ligada ao mar “perde em relevância, se

comparada com os discursos versando sobre as qualidades curativas do clima, especificamente no tratamento das doenças respiratórias”.

Assim, por meio das práticas aquáticas são adquiridos pelos praticantes benefícios para a saúde física e emocional, como a liberação de hormônios como a dopamina e serotonina, os quais aumentam a atividade cerebral e ajudam na redução dos sintomas de ansiedade e depressão (STEINMAN, 2003).

Durante os anos de 1920, os banhos de mar, ainda que de forma tímida, iniciavam a aproximação da população como meio de lazer coletivo e gratuito, abandonando a imagem de apenas tratamento de saúde indicado pelos médicos. Na Praia de Iracema, antiga Praia do Peixe, se “desenvolveu o primeiro espaço de sociabilidade com características de uma cultura de praia” (LINHARES, 1992, p. 277) e tendo como indicações para a prática de tais atividades a cultura européia (SILVA, 2006).

Outra atividade marítima que passou a ser assimilada em Fortaleza foram as caminhadas realizadas ao ar livre no trecho da praia, especialmente nas proximidades da Praia de Iracema, que fica perto do centro da Cidade. Unindo com os relatos de Linhares (1992) e Rocha Júnior (1984, p. 40), observou-se que antes da década de 1920 “a cidade usava a orla marítima somente para as atividades portuárias e pesqueiras, com rápidas investidas no campo do lazer traduzidas por serenatas em noite de luar ou pelos banhos predominantemente masculinos”.

Figura 4 - Caminhada à beira-mar na Praia de Iracema.



Fonte: <http://www.fortalezanobre.com.br/2011/11/memorias-da-praia-de-iracema-parte-iii.html>. Acesso em:

13/01/2024

Segundo Linhares (1992), com o começo dos anos de 1930, apareceram na Praia de Iracema “os primeiros bares à beira-mar, a moda de praia cearense deu o ar de sua graça e o hotel Iracema Plaza e o restaurante Lido serviram de local de lançamento de muitas novidades vindas de fora”. Por volta “dos anos trinta até o final dos anos cinquenta, a Praia de Iracema reinava absoluta como ‘a praia dos amores’” (LINHARES, 1992, p. 279).

Figura 5 - Hotel Iracema Plaza na Praia de Iracema.



Fonte: [Histórico Edifício São Pedro vai abrigar Distrito Criativo em Fortaleza \(gcm.com.br\)](https://gcm.com.br). Acesso em: 12/01/2024

No que se refere ao acesso das populações pobres ao lazer em Fortaleza, Dantas (2002, p. 53) afirma que “independente da demanda ligada a lugares de trabalho e de habitação, é importante perceber que, entre os pobres, a necessidade de se apropriar desses espaços como as classes abastadas o faziam”. Este propósito de realizar as atividades marítimas realizadas pela elite da época crescia a procura por locais de lazer, devido ao aumento do número de pessoas da Cidade, levando a confrontos de uso dos espaços entre as classes ricas e pobres (SILVA, 2006).

As primeiras práticas marítimas modernas em Fortaleza, no entanto, vão ser velozmente transformadas e o veraneio, os banhos de mar e o turismo constituirão um quadro mais modernizado destas atividades na Cidade. No caso de Fortaleza, o veraneio, que começa na Praia de Iracema nos anos de 1920, só alcançarão arranque de desenvolvimento para as demais áreas do Estado em meados dos anos 1970. Hoje é ordinário ao longo do litoral cearense a edificação de residências secundárias, para onde as pessoas se dirigem durante os fins de semana e férias (DANTAS, 2011).

Segundo Dantas (2002, p. 77) “depois dos anos 1970, a valorização das zonas de praia pelo veraneio provoca movimento peculiar na escala da estrutura urbana do Ceará”. Em

Fortaleza e na Região Metropolitana, essa mobilidade resultou das mudanças técnicas e culturais incorporadas pela sociedade urbana, auxiliando a movimentação das pessoas a distâncias maiores. O litoral cearense só inseriu de forma mais forte as práticas relacionadas ao veraneio depois da abertura de infraestrutura, visto que as casas erguidas para dar suporte a esta nova atividade litorânea não deveriam ficar distantes da Capital, espaço em que os veranistas moravam, trabalhavam e exerciam seus negócios (SILVA, 2006).

É exatamente pelo aparecimento das estradas de acesso a locais mais longínquos, energia elétrica, telefonia fixa e água que os grupos de maior poder aquisitivo achavam motivação para destinar-se às áreas mais distantes de Fortaleza. A obrigação da construção da infraestrutura ideal à assimilação da busca por novas praias não ocorrera apenas por conta do veraneio, mas também por causa da atividade turística obter cada vez mais papel de destaque nas políticas públicas municipais e estaduais, solicitando uma gama de investimentos no setor, especialmente para a criação e pavimentação de vias de acesso e de serviços básicos (SILVA, 2006).

É preciso explicar que, até por volta do século XX, as preferências de lazer em Fortaleza destinavam-se no centro da Cidade, em que se distinguia-se os cinemas, praças, teatros, cafés e clubes, usufruídos pela sociedade da época, enquanto que a faixa de praia era ignorada e apenas com as interferências da *belle époque*, a sociedade fortalezense participou das transformações de suas opções de lazer, começando pela valorização do espaço litorâneo (PONTE, 2002).

Para Ponte (2002, p. 162-163) *belle époque* quer dizer “(belos tempos), alcunha francês usado para traduzir a euforia europeia com as novidades extasiantes decorrentes da revolução científico-tecnológica (1850-1870 em diante)”. É preciso dizer que o aumento na procura por lazer em Fortaleza levou o movimento de várias atividades da área central rumo à praia, possibilitando, uma nova configuração territorial do espaço urbano de Fortaleza. Com esta análise, entende-se que a demanda por espaços de lazer na cidade de Fortaleza foi um fator marcante que, unido a outros fatores, ajudou para seu crescimento urbano, juntamente com sua organização espacial.

Embora começasse a ser praticados os primeiros banhos de mar em Fortaleza e acontecia uma maior demanda por alguns trechos, principalmente da Praia de Iracema e proximidades, algumas práticas de lazer se transferem para esta área. As pessoas eram chamadas pela excitação das novas práticas de lazer ao ar livre e pela novidade vinda dos costumes europeus de utilizar o mar como lazer (SILVA, 2006). Em meados da década de 1940, vários clubes se mudaram para o centro da Cidade para se estabelecer na zona de praia de Fortaleza.

Conforme Pontes (2002, p. 116) a Prefeitura Municipal de Fortaleza (1982, p. 28), até 1950 a cidade “mantinha estrutura monocêntrica, embora já apresentasse os primeiros indícios vacilantes de descentralização, evidenciados com a instalação de clubes sociais na orla marítima, em pontos distantes da Praça do Ferreira” que era conhecida como o “coração da cidade”. (SILVA, 2006)

Nesta época, a classe média de Fortaleza aumenta sua influência e capacidade de consumo e procura novas áreas para a construção de suas residências. Em 1963, aconteceu a construção da avenida Beira-Mar, valorizando o bairro do Meireles e chamando as classes de melhores condições. A elaboração da avenida Beira-Mar, idealizada no Plano Diretor de Fortaleza, “constituía uma escolha oficial contra a hegemonia urbana da Praça do Ferreira no campo do lazer e o fim da estrutura urbana monocêntrica polarizada pelo núcleo central. É quando os conflitos entre os distintos agentes sociais produtores e consumidores do espaço urbano vão se intensificar na orla marítima” (ROCHA JÚNIOR, 2000, p. 90).

A avenida Beira-Mar atualmente é um dos marcantes pontos turísticos da cidade. Sendo um dos principais corredores de animação de Fortaleza, dá um embelezamento visual conjunto, unido pelo intenso movimento do calçadão, bares, barracas, coqueiros e os grandes edifícios da orla. No final da tarde e à noite, vira-se em ponto de cooper, ciclismo, manifestações culturais, compras na feira de artesanato e passeios informais. Quadras de esportes, pistas de skate, patinação e anfiteatro para shows ao ar livre próximos da Volta da Jurema atraem os transeuntes e proporcionam uma dinâmica na área (SILVA, 2006).

Outro pilar que ajudou significativamente para o movimento das atividades de lazer do centro de Fortaleza para os bairros próximos à orla marítima foi a inserção do automóvel, que proporcionou o acesso a lugares mais longes do Centro. A população de Fortaleza permanecia em crescimento e a carência pelos serviços, especialmente os de transporte, crescia cada vez mais, pois os bairros estavam ficando cada vez mais distantes, dificultando o acesso.

Vale lembrar que a orla fortalezense não possui as mesmas condições de acesso, por ausências de infraestrutura, por ausência de infraestrutura, por territorialidades do crime organizado e outros fatores.

O desenvolvimento dos meios de transporte liberou os moradores da necessidade de viverem no núcleo central, favorecendo a expansão urbana. Essa situação teve início a partir da implantação dos bondes puxados a burro, depois os bondes elétricos, os trens e, atualmente, os ônibus, automóveis e outros meios de transporte comuns às cidades modernas (COSTA, 1988, p. 75).

Com todo esse sistema de objetos que proporciona fluidez formado em Fortaleza, as áreas vizinhas ao mar vão aos poucos sendo inseridas no dia a dia da população e se mostrando como importante opção de lazer para a Cidade, contribuindo cada vez mais com equipamentos e locais com foco nas opções de lazer dos seus moradores. Portanto, existiu um crescente movimento de migração das preferências de lazer que antes eram focadas somente no Centro, em direção à zona de praia. Com o passar dos anos, os equipamentos de lazer e entretenimento vão se instalando ao longo de toda a orla e chamando um número cada vez maior de frequentadores.

Seguramente, através de seus relatos foi possível verificar que o surfe em Fortaleza foi mais do que uma atividade física em si mesma. Ele possibilitou um conjunto de práticas que extrapolavam o simples (e não tão simples assim) ato de deslizar em uma onda em pé sob uma prancha. Ele exigiu a apreensão de vários conhecimentos sobre o mar, de uma mudança da relação estabelecida com o espaço e a natureza, com os artefatos técnicos que geraram não só um conhecimento sobre o surfe em si, mas chegou a transformar a vida e corpo dos adeptos do surfe da época, configurando não apenas como esporte (atividade institucionalizada, com regras bem definidas), mas como uma prática que engloba vários aspectos da vida do sujeito e possibilitaram a construção de uma natureza-cultura (FRANCO, 2013).

Os primeiros a inaugurar a prática do surfe no Ceará foram André Grieser, Antônio Carlos Quinderé, Gladstone e Jorge Fiúza. Fizeram isso quase que concomitantemente, tornando-se mais tarde, o que chamarei aqui de a “primeira geração” de surfistas. Essa primeira geração era composta pelos primeiros surfistas cearenses que trouxeram o surfe para Fortaleza e, de certa maneira, deram continuidade a essa prática na capital cearense. Eles faziam parte de uma parcela da sociedade privilegiada financeiramente que já se relacionava com a praia de uma forma ou de outra antes da chegada do surfe na cidade (FRANCO, 2013).

Com a incorporação dessas novas idéias, dos novos referenciais da cultura americana citadas no início deste capítulo, o ato de deslizar nas ondas sob uma prancha, uma prática nunca antes vista por aqui, começou a fazer parte da paisagem das praias de Fortaleza, dentre elas as praias de “Iracema”, “Ideal”, “Náutico” e “Meireles”. Surfear passou a ser a mais nova diversão de muitos jovens da época. Para os então iniciantes, a praia do Náutico foi o local escolhido para a primeira tentativa de surfar em Fortaleza com o novo equipamento. André Grieser, o primeiro surfista, começou a pegar onda em julho de 1972. Em seu relato afirma que as condições do mar da Praia do Náutico naqueles dias não eram favoráveis, por conta das poucas ondas e do início da temporada de muitos ventos na cidade, o que inicialmente, aliado à falta de prática teria inviabilizado o sucesso na tentativa de tornar-se surfista. Percebe-se aqui que, no relato, o tempo parece misturar-se. Com o olhar de hoje, Grieser afirma que o mar não

estava muito bom para a prática do surfe. Entretanto, nessa época, ele não possuía ainda elementos para saber se as condições marítimas estavam boas ou não. Nesse caso também, o recurso da memória associa-se à falta de habilidade do surfista na época e tenta justificar o fato a pouca habilidade quando da primeira empreitada com o surfe (FRANCO, 2013).

De fato, novas sensibilidades com relação ao mar foram geradas a partir da prática do surfe. Para um aproveitamento perfeito dos bons lugares para se surfar e a localização de boas ondas, os novos surfistas passaram a olhar o mar de maneira diferente. Aprender a ver e interpretar os movimentos engendrados pelo oceano configurava-se como imperativo para que se soubesse quando e onde as melhores ondas estavam acontecendo. Aos poucos foi se criando uma nova orientação do olhar para o mar, que passava através das gerações de surfistas (FRANCO, 2013).

Já em 1986, ainda de acordo com a autora, com o início da consolidação do surfe enquanto esporte sistematizado, esses conhecimentos acerca dos mares passaram a ser transmitidos também nos jornais. O Diário do Nordeste passou a publicar aos sábados uma coluna intitulada “Tempo Livre” que buscava dar informações sobre torneios, venda de pranchas e as condições do mar. A coluna apresentava um conteúdo bem sistematizado, contendo imagens, previsões e um bom conhecimento acerca das boas condições para se pegar onda:

As ondas estiveram perfeitas durante todo o fim de semana, apenas variando de localização e tamanho por razões naturais: as marés. A praia do Náutico é, nos finais de ano, o melhor *point* para a prática do surf, apresenta sempre o desenrolar perfeito das ondas, tendo elas sempre velocidade e tamanho. Fora do mar, da praia, é fácil notar as linhas d’água que se formam ao fundo, uma após a outra, tomando forma gradativamente (Tempo Livre, Diário do Nordeste, Fortaleza, 27 dez 1986).

Figura 6 - Campeonato de Surf na Praia de Iracema em novembro de 1989.



Fonte:

https://www.instagram.com/p/C997OFhuq59/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==.

Acesso em: 28/07/2024

Ainda de acordo com Franco (2013), além do olhar lançado ao mar, ao entrarem em contato com o surfe, eles começaram a estabelecer relações com o espaço da cidade bastante interessantes e totalmente peculiares, relações que escapavam aos muros dos clubes ou às cristas das ondas, contribuindo para a construção do surfe em Fortaleza não apenas como uma atividade física, mas também como uma prática de espaço, exercida daquela forma apenas por aqueles que experimentaram o surfe. Essas atividades não se estabeleciam apenas na praia, mas já se iniciavam no trajeto até ela, tornando-se um verdadeiro rito de chegada.

Apesar da abundância de “picos” e de ondas constantes, as disputas pelos espaços no mar, cada vez mais frequentes, associado a um certo espírito de aventura contribuíram para que alguns surfistas passassem a buscar outros locais para praticar o surfe. Essas atividades têm ao longo da história de uso e ocupação do litoral impulsionado o processo de urbanização da orla e do seu entorno. Representando na atualidade as formas de trabalho, contribuem para a constituição da subjetividade humana e permitem entender as relações sociais estabelecidas nas orlas.

Nas regiões urbanas é recorrente a organização de grandes empreendedores que programam vários tipos de infraestrutura para a realização dos seus negócios, “não raras vezes, inclusive, subvertendo normas” conforme Cruz (2007, p. 11 Apud RAMOS, 2009, p. 59). Assim, o discurso político da inclusão do trabalhador no mundo do trabalho a partir do lazer e do

turismo no litoral, passa a ser falácia e os serviços ficam concentrados nas mãos dos grandes empreendedores.

Outra reflexão importante sobre produção e consumo refere-se a quem determina o que deve ser produzido e consumido. Como lembram Ortigoza e Lombardo (2011) quem dita a moda do consumo, são as classes hegemônicas, por conseguinte, infere-se que a produção é desencadeada por essa mesma classe. No litoral essa relação não é diferente, uma vez que, Santos (2008) lembra que o espaço é formado pelos seguintes elementos: homens, firmas, instituições, o chamado meio ecológico e as infraestruturas, onde o homem é elemento do espaço, pela sua força de trabalho. As firmas têm como função no espaço a produção de bens. As instituições produzem normas.

O meio ecológico compõe o conjunto de complexos territoriais que formam a base física do trabalho dos homens e enquanto a infraestrutura é a representação material e geográfica do trabalho humano. A interação entre esses elementos do espaço demonstra a interdependência funcional entre eles. Essa ocupação das praias transforma o espaço em mercadoria. Segundo Ramos (2009, p. 63), as praias “não são mais somente as mercadorias ocupando o espaço urbano, é o espaço que se converte em mercadoria, ele próprio também pode ser consumido”. Conforme Lefebvre (2008) menciona, a moderna indústria do ócio na sociedade do consumo, ocupou os espaços deixados vagos, como o mar, a praia e as montanhas, os converteu em influentes espaços de produção econômica de turismo costeiro.

Com esta breve diagnóstico sobre o desenvolvimento das práticas marítimas modernas na cidade de Fortaleza, foca-se a discussão ao estudo das novas atividades ligadas ao mar, mais precisamente o surf e o *bodyboard*, inseridos na temática da maritimidade fortalezense, proporcionando o estudo à análise da inserção de quase todo o litoral e Praia de Fortaleza como locais que foram intensamente transformadas com o intuito de se adaptar a prática desta atividade, os novos agentes que vieram juntos, o público e o impacto especialmente para as comunidades do entorno.

3 AS TERRITORIALIDADE DO SURF NA METRÓPOLE FORTALEZENSE

Fortaleza era, na primeira metade do século XX, um local com menor relevância regional, vivendo sobretudo da pesca da indústria do algodão, e até a década de 1960 a sua costa não era tão utilizada em termos de espaço voltado somente para lazer e turismo. No entanto, nos anos de 1970 e 1980, com a valorização do litoral e com o desenvolvimento das acessibilidades e

transportes, Fortaleza foi sendo incorporada pelo crescimento urbano, alterando-se, gradativamente, numa cidade turística, contudo, é a condição portuária que confere importância econômica à cidade. O território focou-se para o turismo e Fortaleza consolidou-se como um destino turístico de sol e de praia e por certas peculiaridades de uma efetividade única: ambiente, cultura, tradições, gastronomia, modos de vida e atividades econômicas. O número de visitantes cresceu enormemente, o que impulsionou o melhoramento e criação de infraestruturas e o fomento de empresas turísticas (hotéis, restaurantes, entretenimento, segundas residências, entre outras). A cidade, antes ligada à pesca, olha um aumento do seu esplendor econômico com a atividades turísticas e portuária, que se tornam meios econômicos muito fortes no desenvolvimento local.

A localização do município de Fortaleza demonstra interação direta com os processos costeiros, manifestados pela interação entre as dinâmicas oceânicas e continentais. Ao ser evoluída, a ocupação urbana deve estar atenta às movimentações deste espaço, com intensas relações entre as características que modelam a paisagem mantidas em constante retrabalho.

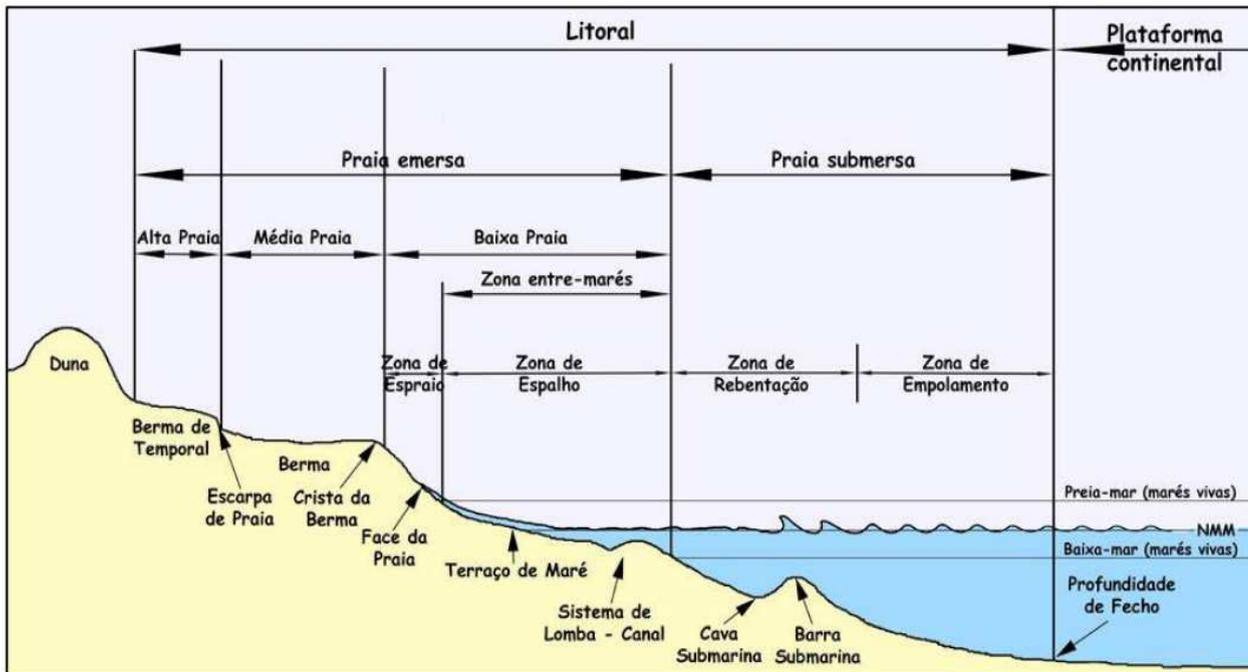
A interação terra/mar constrói as morfologias das feições no sentido oeste, orientadas pelo transporte eólico, somada à deriva litorânea. Em Fortaleza a deriva de sedimentos é unidirecional, na posição a barlar do promontório do Mucuripe, o é sentido Sudeste-Nordeste e a sotamar do promontório o é sentido Leste-Oeste (MORAIS, 1980).

A linha da costa é controlada pelas pontas ou promontórios de maior resistência litológica, que se projetam para o mar, como o caso do promontório do Mucuripe. São pontas de afloramento do embasamento cristalino, datadas do Pré-Cambriano, com importante função no balanço de sedimentos e controle do poder energético das ondas, o que ajusta as áreas de retrogradação e progradação das praias (MORAIS *et al*, 2006).

A sotamar dos promontórios, no sentido da deriva litorânea de sedimentos, constroem-se largas enseadas, como a enseada do Mucuripe, área protegida da ação direta das ondas. Em contexto local as ondas possuem predominância no sentido Leste-Sudeste e menor ocorrência no sentido Nordeste (MORAIS *et al*, 2006).

O ambiente costeiro é materializado sob permanente trabalho marinho, eólico e fluvial, firmados pelo substrato geológico, processos morfogenéticos e eustáticos, de diversas escalas de tempos. No tempo atual, as movimentações tectônicas e as variações do nível do mar, demonstram o perfil atual de praia.

Figura 6 - Perfil da Praia.



Fonte: https://www.geocaching.com/geocache/GC2MF38_praias-arenosas-sandybeaches-oeiras?guid=99249470-e46e-4373-8168-cb0b21a0990d. Acesso em: 15/04/2024.

Desse fenômeno tem acontecido o surgimento de novas territorialidades, na proporção em que as práticas marítimas modernas transformam o lugar e começam a ocupar o território, inventando novas formas e coexistindo com antigas. A demografia ganha um novo dinamismo e novas associações habitacionais passam a residir em Fortaleza, de preferência durante os meses que não estão na quadra chuvosa da região. Como consequência do desenvolvimento de atividades como surf e de serviços, a cidade, progressivamente, foi se transformando, o que se tornou numa alteração nos padrões de comportamento e nos hábitos da comunidade local.

Diante das transformações decorrentes das práticas de lazer, que muda o território local da praia, mas que não significa um término das atividades econômicas tradicionais, visto que essa ocupação territorial tem sido crucial para a formação desses locais. Portanto, e apesar de que não se possa falar que o crescimento do surf delineou o espaço como um todo, é perceptível que o acréscimo de novas formas, unidas à refuncionalização das antigas, trouxe uma nova dinâmica de uso do território. Assim, numa visão histórica e econômica, Fortaleza presenciou uma passagem de uma economia focada no setor primário e secundário para o setor terciário. Por

assim dizer, Fortaleza transformou-se de um território da atividade tradicional pesqueira, para um território focado principalmente nos negócios do ócio e do lazer (PROJETO ORLA, 2018)⁷.

Uma importante variável oceanográfica é o ciclo das marés, relacionada ao movimento astronômico da Lua e do Sol em relação à Terra. Essas variações das distâncias astronômicas, repercutem no movimento de elevação e descida (encher e secar) das marés, importantes na realidade litorânea de Fortaleza. Os ciclos das marés apresentam-se por ondas semidiurnas com período médio de 12,4h e defasagem média de 50 minutos. A ação das marés é expressiva para a morfodinâmica e hidrodinâmica, pois, ampliam o ataque das ondas, mantém constante dinâmica nos estuários, dos canais lagunares e das águas próximas à costa, além da importância no transporte de sedimentos (MORAIS et al., 2006).

Em março de 2018, o dia 1º apresentou a maré mais baixa com -0,1m e o dia 02 apresentou a maré alta com 3,2m. Nesse período, junto às marés altas de Lua cheia, ocorreram os ventos de swell (formado por tempestades oceânicas), ocasionaram ressacas no mar (eventos extremos), demonstrando a ocupação urbana na faixa de pós-praia, sobre as áreas de influência das marés sizíguas, que demonstram descompasso na estruturação urbana e as dinâmicas naturais (PROJETO ORLA, 2018). Esse espaço é fortemente instável e com alta vulnerabilidade, haja vista as formas de usos conflitantes com os importantes ecossistemas e relevos emersos e imersos.

Perante isso, os aportes estruturantes da urbanização/industrialização, fizeram evoluir na orla de Fortaleza intensos impactos ambientais, que resultam na dinâmica da faixa de praia mantida sob controle de estruturas de contenção da linha da costa, que favoreceu a progradação da linha da costa no setor da Praia do Futuro - Titanzinho e erosão na secção Porto do Mucuripe – Barra do Ceará. Contudo, a orla costeira do município de Fortaleza mostra algumas diferenças e padrões perceptivos com outros locais em questão de estruturas e funções e, como consequência, no domínio da oferta e da procura de certas atividades. Mesmo tendo praias de beleza natural, a costa de Fortaleza é muito exposta, ao longo de todo o ano, aos ventos e a água e o aterramento que não ajudam o produto. No entanto, as especificidades das condições climáticas e geográficas possibilitam o incremento de outras funcionalidades e favorecem a prática de desportos de ondas fortes, no caso do o surf que, como se verá, vai levar à refuncionalização do espaço costeiro de Fortaleza.

O surf é uma atividade que pode ser percebido como uma prática recreativa ou atração turística, que atua na promoção de um *lifestyle*, inventando assim um padrão específico:

7 PROJETO ORLA FORTALEZA, 2018. [s.l: s.n.]. Disponível em:

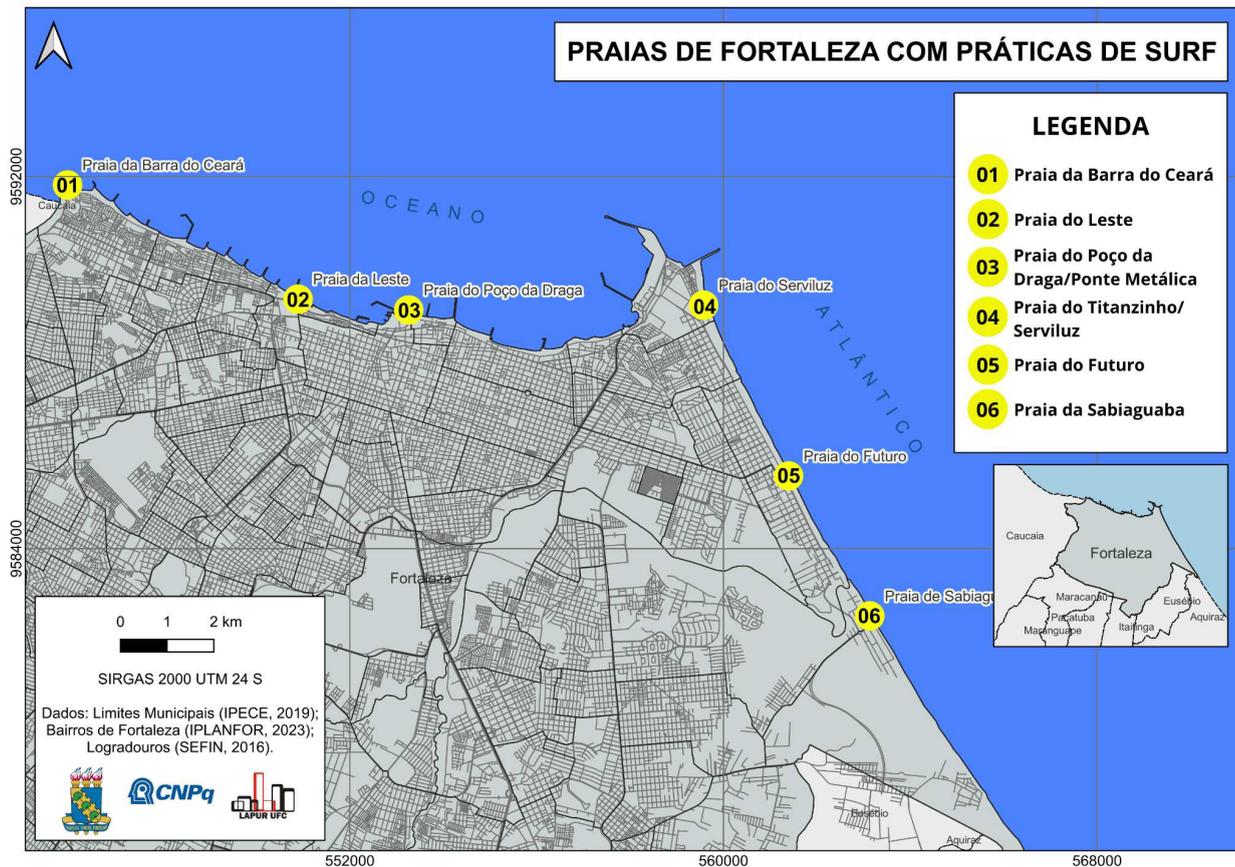
https://urbanismoemeioambiente.fortaleza.ce.gov.br/images/urbanismo-e-meio-ambiente/infocidade/projeto-orla/projeto_orla_2018.pdf. Acesso em: 10 jun. 2024.

pessoas que se envolvem na atividade do surf, ativa ou passivamente (BUCKLEY, 2002). Fortaleza, por causa da sua priorizada localização geográfica, têm praias que possibilitam a prática do surf com qualquer tipo de condições climáticas, sendo julgada pelos estudiosos e praticantes mais antigos como um dos melhores locais do país para a prática desta modalidade: “Na terra do sol e do vento, o surfe é um esporte bastante praticado nas praias cearenses. Moradores, turistas, adultos e crianças, todos aproveitam as ondas do Ceará” (Diário do Nordeste, 2022)⁸. É, por estas e outras razões que frequentemente é mencionado como um excelente caminho de surf.

Por causa da extensa dimensão da costa e do Ceará e igualmente de Fortaleza, foram escolhidos apenas algumas praias da capital cearense, visto que esta também possui muitas em questão de quantidade e em peculiaridades. No entanto, a escolha das praias para estudo se dá por se tratarem de orlas tradicionais, com história marcante para a cidade ao longo da história desta e para a comunidade local. No mapa 2 é possível visualizar quais são as praias e bem como sua localização. Trata-se de praias famosas localmente (Praia do Poço da Draga, por exemplo) e nacionalmente (Praia do Futuro e Titanzinho), além de orlas que estão se despontando como referências da prática de surf, como a Praia da Barra do Ceará e Praia da Leste.

Mapa 2 - Área de Estudo: Praias com práticas de Surf.

⁸ DIÁRIO DO NORDESTE, 18 de Junho de 2022: “Dia do Surfe: guia de praias para curtir as melhores ondas do Ceará” [Dia do Surfe: guia de praias para curtir as melhores ondas do Ceará - Verso - Diário do Nordeste \(verdesmares.com.br\)](https://www.verdesmares.com.br/dia-do-surfe-guia-de-praias-para-curtir-as-melhores-ondas-do-ceara-verso)



Fonte: IPECE, IPLANFOR, SEFIN. Elaborado pelo autor.

Uma das praias mais conhecidas de Fortaleza, a Praia do Futuro é um bom ponto para o surf, é o local onde se destinam as competições a nível regional e nacional e é a mais procurada pelos banhistas. O surf é o mais popular, mas também existe grande demanda para as modalidades que usam o vento como meio de instrumento de impulsão— como o kitesurfe e o windsurfe. Além disso, no ponto, forma uma pororoca⁹, uma onda camaleão que cria um *backwash*, ou seja, movimento de água que resulta em um tipo de vai e vem. Para muitos, é um local mais indicado para quem está em um nível mais avançado na prática, por ter ondas mais intensas e mar forte com correnteza. O curso de usuários na praia é todo dia, contudo aos domingos a agitação aumenta. Os usuários (fortalezenses e turistas) normalmente utilizam do período da manhã até o anoitecer (PEREIRA, SILVA e COSTA, 2020)

Figura 7 - Praia do Futuro.

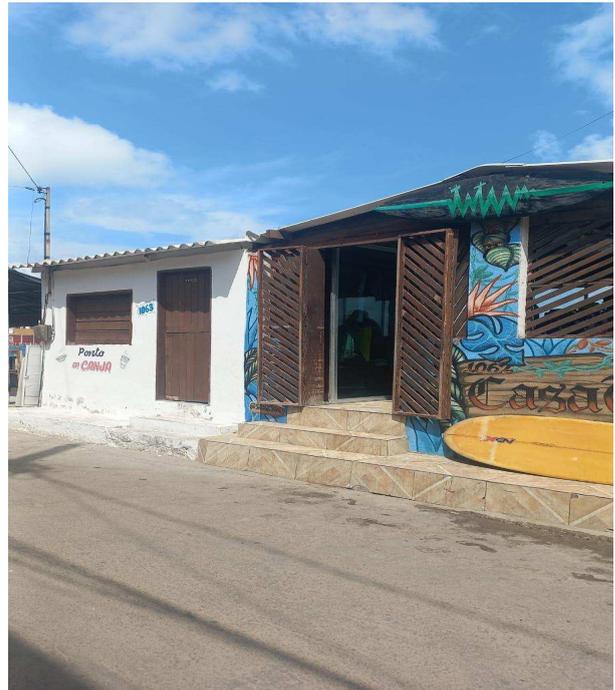
⁹ Pororoca é um fenômeno natural caracterizado por grandes e violentas ondas que são formadas a partir do encontro das águas do mar com as águas do rio. Disponível em: [O_Que_é_Pororoca? - Brasileira_Escola_\(uol.com.br\)](http://O_Que_é_Pororoca?_Brasileira_Escola_(uol.com.br))



Fonte: Arquivo pessoal (2024).

Na praia que revelou a surfista tetracampeã brasileira, Tita Tavares, o Titanzinho é uma das praias tanto para quem quiser aprender a surfar quanto para quem já é experiente a depender da época do ano. A praia do Titanzinho recebe ondulação forte mais entre novembro e começo de maio, quando é inverno no hemisfério norte. Nesse local, o espaço de lazer é a própria praia. O uso acontece todos os dias, mas com um fluxo mais forte nos fins de semana. Escolinhas de surf agem intensamente na praia, o que possibilita seu uso frequente. A praia é usada por crianças e jovens das comunidades locais e de outros locais da cidade, ainda mais com a prática de surf, mas também para o banho de mar e sol. As ondas das praias do Serviluz e Titanzinho criaram surfistas campeões de circuitos nacionais e internacionais, condição estimuladora, capaz de atrair os jovens para o contato com o mar por meio do lazer e do esporte marítimo (PEREIRA, SILVA e COSTA, 2020).

Figura 8 - Escolinhas de Surf na praia do Titanzinho.

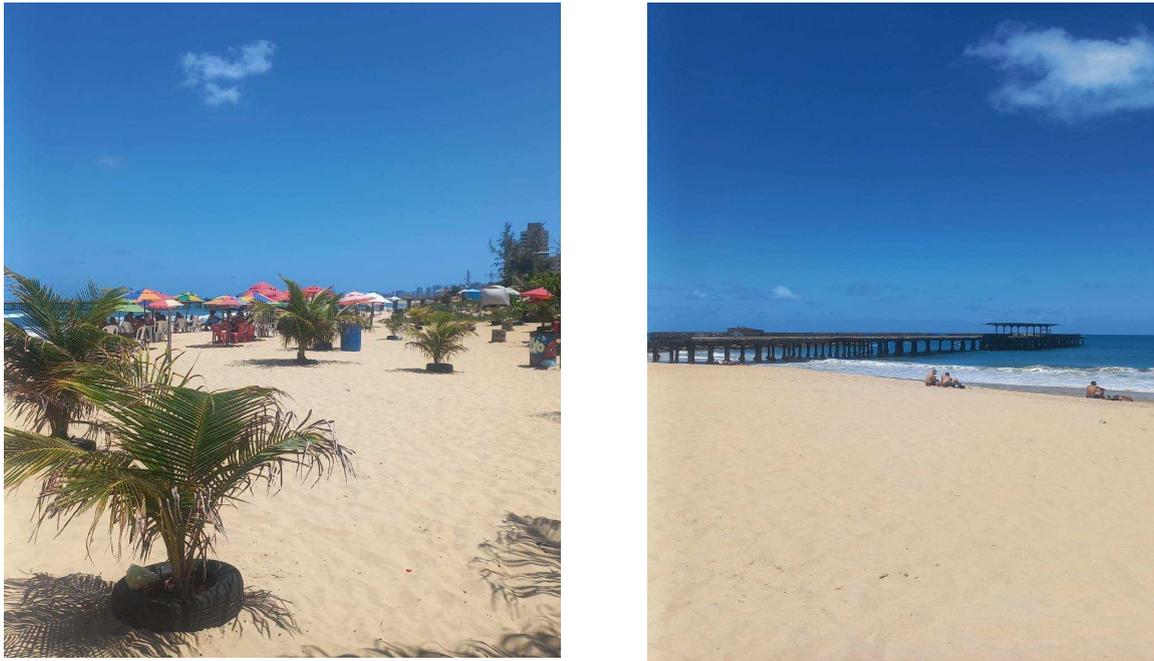


Fonte: Arquivo pessoal (2024).

No Hawaiizinho da Ponte Metálica, há uma ondulação que quebra mais fora, uma onda muito boa, uma das mais fortes da Região Metropolitana de Fortaleza e do estado, é ideal para pessoas experientes. Outra marca registrada do Poço da Draga e opção de lazer para os jovens da comunidade é o salto da Ponte Velha, também conhecida como Ponte Metálica. Existem atividades que são feitas no local. O pulo da ponte é muito comum para moradores da comunidade além da contemplação do pôr do sol. Ligada à história de Fortaleza e às tentativas

de estabelecer um porto para a cidade, as primeiras casas abrigaram pescadores, marisqueiras, portuários e migrantes do interior que fugiam da seca em busca de melhores condições de vida e hoje constituem uma das comunidades mais tradicionais com incorporação do surf como mecanismo de resistência local.

Figura 9 - Parte da Praia da Ponte Metálica.



Fonte: Arquivo Pessoal (2024).

Na faixa de areia, o banho de mar e o uso das barracas são os principais exercícios realizados principalmente no período da manhã. No calçadão, as caminhadas e o uso das áreas de convivência sobressai, tanto no período da manhã quanto no fim da tarde. Outra atividade predominante nesta praia são os esportes náuticos, como o surf e kitesurf. Esses esportes são praticados em toda a praia da Vila do Mar, Barra do Ceará. O surf é um esporte bastante utilizado e crescente na área da Vila do Mar e na Praia da Leste. Nestas praias, escolinhas da prática crescem cada vez mais para oferecer entretenimento às crianças e jovens das comunidades do entorno, ofertando a prática do esporte, ocupação do tempo livre e distanciamento da criminalidade. (PEREIRA, SILVA e COSTA, 2020).

Figura 10 - Parte da Praia da Praia da Leste.



Fonte: Arquivo pessoal (2024).

Figura 11 - Parte da Praia da Barra do Ceará.



Fonte: Arquivo Pessoal (2024).

A Praia da Sabaguaba é de grande extensão e tranquilidade, é considerada um dos refúgios de Fortaleza. Com uma grande faixa de areia clara e fina, possui mar verde com boas ondas, propício para a prática de esportes náuticos e para o banho. O lugar conta com estruturas, com bares e restaurantes. É uma alternativa em que os usuários buscam nessa praia a tranquilidade para o banho de mar e de sol, a prática de surf e pescaria. Por conta das boas ondas, diversos surfistas costumam frequentar o lugar durante o período de verão.

3.1 Escolas de surf enquanto instrumento desportivo e social

O surf vem aparecendo e desenvolvendo uma função marcante na ascensão, progresso e competitividade de Fortaleza e o litoral do Ceará como atrativo tanto turístico quanto na transformação das praias e das comunidades costeiras.

Atualmente a indústria do surf, aumentou consideravelmente e, é retratada por várias áreas de mercado (MARTIN e ASSENOV, 2011). Esses autores apontam que essas diferentes partes de mercado separam-se em três segmentos baseado na demanda, os surfistas mais experientes, os de nível intermédio e os iniciantes.

- Os mais experientes, viajam e pesquisam por locais como o Havaí, Indonésia, África do Sul ou Austrália, na procura das melhores ondas;
- Os intermédios, que procuram escolas de surf e *surf camps* com o intuito de ter aulas com equipamento garantidos, de forma a melhorar na prática;
- Os iniciantes, que querem procuram as escolas de surf para ter aulas em locais seguros e com pessoas capacitadas.

Sabendo dessa conceituação de Martin e Assenov (2011), percebe-se que todas as pessoas que querem começar-se na modalidade ou melhorar a sua técnica sobre a prancha, caçam escolas de surf. Motivos como a segurança, o entendimento, a aprendizagem e a diversão levam a que os surfistas que querem iniciar procurem adquirir esta, num ambiente propício a tal (PEREIRA, 2019).

Os *surf camps* contribuem com a estalagem que a maioria dos amantes da modalidade gostam, na procura das melhores ondas, conhecer novos lugares, os surfistas mais experientes viajam com certa frequência, de forma que a pousada é uma preocupação. Portanto, por causa da demanda que os surfistas levam, algumas escolas de surf, que atuam muitas vezes no papel de agentes turísticas, experimentam alugar quartos, ou casas. Em seguida, não é raro encontrar escolas que começaram a ter alojamento próprio para preencher a procura por quartos dos seus clientes, ou até mesmo o contrário, inicialmente apareceu o alojamento e mais na frente a escola de com o objetivo de promover uma imersão para àqueles que sempre tiveram uma vontade de aprender ou melhorar o domínio das ondas. Isto é explicado por Bicudo e Horta (2009), que argumentam no aparecimento dos *surf camps* da pesquisa de pousadas por parte dos surfistas enquanto viajam pelo litoral. Estes originaram por meio do investimento das escolas de surf espaços para que os surfistas conseguissem hospedagens, para poderem frequentar as aulas de surf (PEREIRA, 2019).

Atualmente, grande parte dos surfistas que viajam já não transmitem a imagem antes recebida de um desconhecido com uma mochila às costas e com todo o tempo livre, que viaja sem nada programado pelas praias do mundo fora (PEREIRA, 2019). O cenário teve intensas mudanças, pesquisas recentes afirmam que os surfistas que mais viajam, possuem emprego a tempo inteiro e uma significativa capacidade financeira (BARBIERI e SOTOMAYOR, 2013; DOLNICAR e FLUKER, 2003b; FRANK, 2014), os viajantes modernos pesquisam muitas vezes companhias diferentes com o intuito de os ajudar a organizar a viagem, isto ocasionou ao envolvimento de diversas agências e outros diversos serviços especializados em viagens de surfe em grupo por todo o mundo, possibilitando uma vez mais o aumento do setor (BARBIERI e SOTOMAYOR, 2013). Os *surf trips* tradicionais da década de 1970, têm sido trocados pelas *surf houses*, segunda residência ou hotéis e uma rede de serviços integrados por todo o mundo (NOURBAKSH, 2008; PHILLIPS e HOUSE, 2009; PONTING, 2008).

Assim como em qualquer outro setor do turismo, para o uso dos serviços ofertados, no surfe existem duas características importantes: as atrações turísticas, que subdivide-se em naturais (e.g., praias, parques naturais, paisagens) e as construídas (e.g. escolas de surf, surf camps); além também dos serviços gerais de apoio ao turismo, como o transporte, o alojamento, a restauração e os recursos humanos (CAMPOS, 2017). Com relação às atrações turísticas naturais, os surfistas pesquisam pela “onda perfeita”, praias com qualidade em pontos de abundância, variedade e especificidade, pelo que as praias que possibilitam tais condições devem ser (BARBIERI e SOTOMAYOR, 2013) levadas em consideração as atrações naturais mais atrativas pelos surfistas. A qualidade ambiental é também levada em conta pelos surfistas, fatores como, clima, paisagens e preservação natural são muitas vezes usadas em conta por estes quando escolhem o seu destino (BARBIERI e SOTOMAYOR, 2013; DOLNICAR e FLUKER, 2003, a ou b?)

O aumento acelerado da popularidade da prática, trouxe também o aumento da procura pela experiência de surfar. As escolas, pela sua função como agentes do ensino do surf, são cada vez mais procuradas e requisitadas.

Com relação às atrações turísticas edificadas e aos serviços gerais de apoio ao visitante, em geral, os surfistas atestam importância em locais com serviços de venda de bens essenciais (mercearias), no entanto a presença de balneários ou serviços gerais não são infraestruturas vitais na visão dos turistas de surf (BARBIERI e SOTOMAYOR, 2013; DOLNICAR e FLUKER, 2003). Mas, percebe-se que é algo subjetivo de visitantes que possuem preferência a determinados serviços ou apoios em detrimento de outros.

Uma análise feita em campo e juntamente com os estudos realizados por Antunes, Curry, Torres e Moura (2010), constata-se que:

- As escolas de surf são praticamente conduzidas para a introdução à prática, algumas contribuindo na formação de atletas profissionais, mas isso depende muito da motivação do surfista e seu objetivo;
- Nas escolas organizadas para a iniciação, as aulas são em grupo ou individuais, são estruturadas as turmas, que levam em conta com alunos no mesmo nível de habilidade ou mais avançado, independentemente da idade. O material é fornecido pela própria escola;
- Nos casos de formação de atletas, as aulas são diferenciadas e individuais, havendo limites mínimos e máximos de idade para o aluno. Nestes casos o material podem ser tanto da escola como do surfista, na maioria desses;
- Não há um público preferencial das escolas de surf, são desde as crianças, até idosos que sempre tiveram curiosidade.

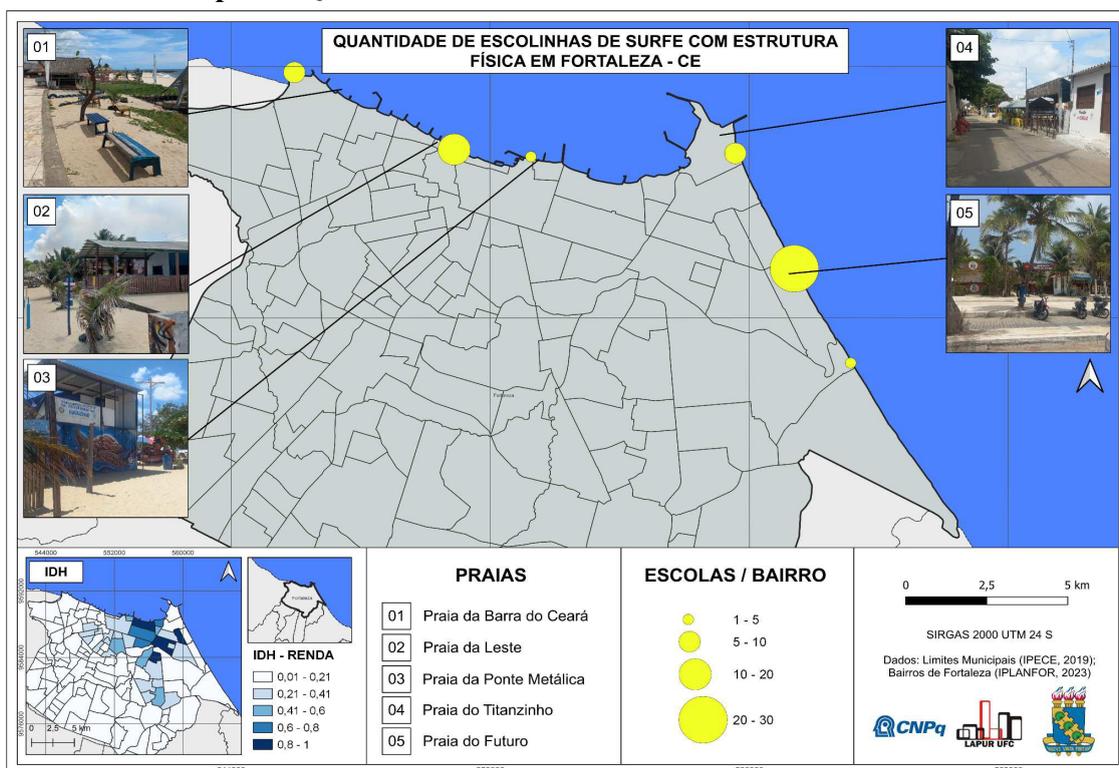
Além de proporcionar prática segura e contagiante aos seus alunos, as escolas de surf têm uma função bem definida no que se refere a assuntos de preservação e conservação do ambiente da praia. Como forma, às instituições de ensino da prática de ondas, procuram passar através de ações próprias um envolvimento clara com a conservação e valorização da herança ambiental e cultural, o uso sustentável dos recursos naturais, entendimento e benefício do meio ambiente como forma de lazer e o desenvolvimento social e económico sustentável das comunidades do entorno em que se localizam, esta “missão” vai de encontro com os valores promovidos pelos surfistas (PONTING e MCDONALD, 2013; TANTAMJARIK, 2004).

Em Fortaleza, segundo entrevistas com donos de escolinhas, a diversidade de ondas, bem como praias de reconhecimento nacional que são tradicionais tanto aos iniciantes como a surfistas mais experientes durante todo o ano, assim como o clima ensolarado e quente ao longo do ano, fornece à Fortaleza, um alcance em percentagem de surfistas locais ou turistas semelhante à de locais tradicionais no Brasil.

As razões ditas possibilitam que a costa fortalezense seja um lugar ideal para o aumento das escolas de surf e de surf camp. Sem um número certo das escolas de surf existentes, à data, com a pesquisa feita em campo na área de estudo das praias, juntamente com entrevistas, foi verificado um percentual próximo para cada praia, como é possível visualizar no mapa seguinte. No entanto, nem a Federação de Surfe do Estado do Ceará (FSEC) possui conhecimento total acerca desses números de instituições de ensino da prática realmente, tendo

entendimento de algumas das suas associadas. Segundo Amélio Júnior, Presidente da Federação de Surf do Estado do Ceará, o Circuito Cearense de Surf existe há mais de 30 anos e é uma referência nacional. Em entrevista ao Brasil de Fato, em 2019, o surfista Israel Rodrigues afirmou “ter mais de 77 escolinhas, entre elas projetos sociais”. Porém este número retrata um aumento mais “controlado” e gradual que ocorre desde 2014, Horta e Bicudo (2012) afirmam a ocorrência de um crescimento explosivo do número de escolas, um das causas se deve pelo fenômeno do *Braziliam Storm*.

Mapa 3 - Quantidade de Escolinha de Surf com Estrutura Física.



Fonte: IPECE, IPLANFOR, Arquivo Pessoal (ano). Elaborado pelo autor.

Os dados, retratam que em 2024 existem mais de sessenta e cinco escolas de surf, sendo que praticamente em todas se concentram em áreas de Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) baixos, em locais próximos de comunidade, o que representa um grande percentual das escolas de surf existentes em relação a cidade de Fortaleza e ao Estado do Ceará, para melhor constatação, o Mapa 4 possibilita verificar o IDH dos bairros de Fortaleza e ao comparar com o Mapa 3, verifica-se que a maioria das escolinhas estão em áreas vermelhas. Trata-se de números próximos, baseado em pesquisa e entrevistas feitas em campo com representantes de instituições disciplinares da prática em cada uma das praias da área de estudo, uma vez que não possui um número definido exato da quantidades de escolas, considera-se um número de aproximados, pegando a Praia do Futuro como exemplo, local com maior

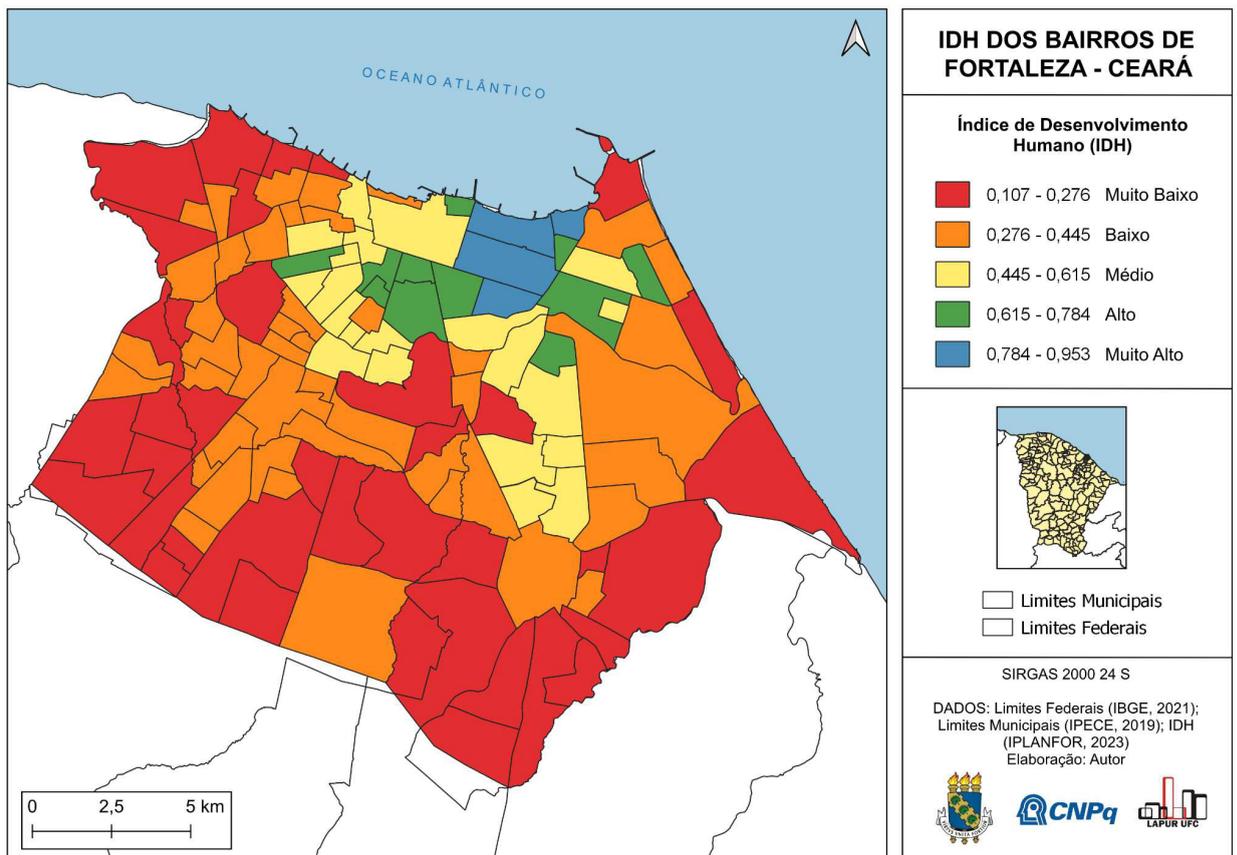
concentração de escolinhas, verificou-se mais de uma vez que muitos dos entrevistados utilizam um padrão de resposta de quantidade “entre 20 a 30 escolinhas”. O mesmo foi adotado nas demais faixas litorâneas.

Para a conclusão desses números, foram feitas entrevistas em cada uma das praias a fim de detectar uma padrão de resposta aos entrevistados, foi definido então as diferentes quantidades de escolinhas que seriam entrevistadas nas respectivas faixas litorâneas. Para a conclusão de dados confiáveis e fiéis à realidade, foram realizadas:

- Praia da Barra do Ceará: 10 entrevistas com escolinhas;
- Praia da Leste: 10 entrevistas com escolinhas;
- Praia da Ponte Metálica: 3 entrevistas com escolinhas;
- Praia do Titanzinho: 10 entrevistas com escolinhas;
- Praia do Futuro: 15 entrevistas com escolinhas;
- Praia da Sabiaguaba: 2 entrevistas com escolinhas.

Lembra-se que o número pequeno de entrevistas nas praias da Ponte Metálica e Sabiaguaba deve-se à real diminuta quantidade que existe nestes locais, conforme será mais bem explicado em parágrafos posteriores. Com relação às outras, considerou-se o número “10” como confiável visto que as respostas dos instrutores interrogados foram se repetindo a ponto de que com o chegar de 7 entrevistas, o retorno foi “entre 10 a 15” ou “15 e 20”. Da mesma forma na Praia do Futuro, até 10 entrevistas, as falas “20 a 25” e “25 a 30” eram repetidas.

Mapa 4 - IDH dos bairros de Fortaleza.



Fonte: Prefeitura de Fortaleza, IBGE. Elaborado pelo autor.

É preciso falar do caso da Praia da Ponte Metálica, em que foi percebida a existência de apenas três escolinhas com duas sendo de estrutura física e uma de projeto social financiado pelo projeto “Juventude na Onda” que não tinha uma estrutura física, ou seja, sem barraca, galpão, contêiner ou qualquer edificação de auxílio. No entanto, a fim de melhorar a representação no mapa, utiliza-se como padrão entre um a cinco escolinhas, visto que, em entrevista, algumas pessoas e outras escolas de outras praias também utilizam algumas vezes para ministrar suas aulas com o intuito de ensinar aos alunos em locais diferentes sem mudar de escolinha.

Este mesmo fenômeno foi averiguado também na Praia da Sabiaguaba, um local marcado pelas dunas e vista do pôr do sol, percebeu-se que havia escolas de outras praias próximas, como a Praia do Futuro, que utilizavam-a para os alunos fornecendo uma experiência diferente. Mas também há a presença de escolas próprias da região, com destaque do projeto investidos pelo “Juventude na Onda”, o qual vai ser discutido nos próximos tópicos.

O surfe tem um impacto significativo na economia de comunidades costeiras, pois cria empregos, impulsiona o turismo e gera renda para as famílias. O surfe também tem um grande impacto social, pois atrai muitos turistas que podem gastar seu dinheiro em restaurantes,

hotéis e outros serviços locais. Além disso, o surfe tem o poder de inspirar os jovens a serem ativos e saudáveis, o que pode ajudar a melhorar o bem-estar social. Por fim, o surfe também é uma forma de preservar e proteger a vida marinha, pois muitos surfistas se preocupam com a preservação do ecossistema e tomam medidas para promover a conscientização sobre a preservação dos recursos naturais.

O surf é considerado um dos mais importantes esportes de aventura no mundo. Ele não só é uma atividade divertida e emocionante, mas também contribui para o desenvolvimento sustentável, pois estimula o cuidado e a preservação do meio ambiente. O surfista tem um profundo respeito pelas ondas e o ambiente marinho, e isso se traduz em uma maior consciência ambiental. O uso de equipamentos sustentáveis, como pranchas de madeira recicladas, menos plástico e lixo produzido, ajudam a preservar o meio ambiente. O surfista também será um dos primeiros a perceber qualquer mudança no comportamento das ondas, permitindo que os cientistas e autoridades possam tomar medidas para preservar a qualidade da água. Além disso, o surfista também contribui para a economia local, pois é um dos principais geradores de renda em comunidades litorâneas. Por último, o surf também promove o intercâmbio cultural, permitindo que pessoas de diferentes culturas compartilhem experiências e conhecimentos.¹⁰

No que se refere às disciplinas lecionadas nas escolas, apresenta como registros de, surf, *bodyboard*, stand up paddle (SUP) e kitesurf, existem ainda outras disciplinas que algumas escolas oferecem aos seus alunos como o surf yoga.

No quesito popularidade, ou de disciplinas por escolas de surf, o surf é a que demonstra maior procura na sua proposta dada pelas escolas (mais de sessenta, na pesquisa), logo atrás está o *bodyboard* a ser ensinado também nas escolinhas.

3.2 O mercado do Surf e os custos

Os gastos médios por pessoa para a prática do surfe é de aproximadamente R\$ 1400, levando-se em conta materiais como prancha, corda e protetor solar; para o *bodyboard* um custo de R\$ 216,25 com prancha de *bodyboard* e pés de pato; valor verificados em sites especializados de venda e empresas específicas de surfe: Amazon, Centauro, Netshoes, Magazine Luiza, Prancharia, Onlysurf, e Comsurf. Não foram considerados sites de vendas usados, como OLX, devido à variedade exacerbada dos preços e a confiabilidade dos materiais que precisam ser verificados e testados, mas também tornam-se uma alternativa para materiais de melhor valor.

¹⁰ O impacto do surfe nas comunidades costeiras um olhar sobre o desenvolvimento sustentável. Disponível em:

<<https://ericeiraparadise.com/surf/o-impacto-do-surfe-nas-comunidades-costeiras-um-olhar-sobre-o-desenvolvimento-sustentavel/>>. Acesso em: 31 abr. 2024[GAT].

Em ambas as atividades os valores conferidos são altos relativamente ao presente para pessoas que recebem apenas um salário mínimo atualmente. O Quadro 4 retrata melhor esta análise em que foi feito calculando a média de preços dos equipamentos de cada prática nos sites ditos anteriormente e comparados com base no valor do salário mínimo atual¹¹, obtendo um resultado em porcentagem que corresponde o custo dos equipamentos em relação ao salário mínimo.

No entanto, uma alternativa para superar os altos custos, trata-se das escolinhas que surgem como um meio mais econômico e viável para aqueles que não têm conhecimento da atividade e dos equipamentos e desejam inserir-se aos poucos. As escolinhas de surf e *bodyboard* encontradas e entrevistas realizam pacotes de aulas, geralmente uma vez por semana, vendendo aulas de uma hora a uma hora e meia de duração por um preço único.

Tabela 1 – Custo médio da prática.

PRÁTICA	CUSTO MÉDIO (R\$)	SALÁRIO MÍNIMO (R\$)	CUSTO / SALÁRIO MÍNIMO	CUSTO ALUGUEL DE EQUIPAMENTOS / AULAS
<i>Bodyboard</i>	R\$ 216,25	R\$ 1.412,00	15,32%	4 aulas / R\$ 150,00
<i>Surf</i>	R\$ 1.400,00	R\$ 1.412,00	99,15%	4 aulas / R\$ 300,00

Fonte: Trabalho de campo. Elaborado pelo autor.

Na Tabela 1 foi feito uma representação da média de custo de aluguel de equipamentos, com base em todas as escolinhas particulares entrevistadas e que já foram quantitativamente mencionadas em tópicos anteriores; e para quantas aulas elas duram até realizar de novo o pagamento e renovar as aulas, como se fosse uma mensalidade até o praticante dominar totalmente a prática.

É preciso salientar que, com base na Tabela 1 do inquérito, o gasto médio por pessoa pode e torna-se maior com gastos de locomoção, visto que como será discutido em tópico mais adiante, os praticantes em geral deslocam-se de transporte próprio ou por serviço de aplicativo; custos de alimentação que são feitas na própria praia ou na escolinha de surf; e por fim para aqueles que possuem equipamentos particulares e desejam guardar na escolinha, tem-se o serviço de guardaria por parte das barracas e instrutores mediante um valor mensal.

Certamente, uma vez comprado os equipamentos elas são úteis até o período em que ela esteja em plenas condições de uso, portanto, os gastos são feitos uma única vez, restando somente o custo de transporte e alimentação. No entanto, em entrevistas com os instrutores de escolinhas, os praticantes muitas vezes compram os equipamentos de surf e *bodyboard* quando

¹¹ O salário mínimo atual, 2024, corresponde a R\$1412,00.

ainda não dominam totalmente a prática ou nunca nem tiveram contato com as ondas, ocasionando em uma desistência precoce; afogamento em não ter conhecimento das ondas; lesões por utilizar um material que não seja apropriado ou não ter ciência dos movimentos necessários; utilização de materiais incompatíveis com o nível do praticante; além de várias outras nuances. Portanto, os professores e especialistas da atividade aconselham primeiramente iniciar o exercício com as aulas para em seguida, depois de dominá-la, comprar o próprio material.

A indústria de *surfwear*¹² foi uma das áreas que mais cresceu nos últimos dez anos. Nos Estados Unidos, o surf caracteriza 3% do capital bruto do setor de vestuário esportivo e é, segundo Rolim (2010), o décimo-primeiro maior segmento da economia americana, movimentando cerca de US\$ 6 bilhões ao ano. No Brasil, o surf circula cerca de R\$ 2 bilhões ao ano e emprega direta e indiretamente, cerca de 140 mil pessoas (ROLIM, 2010).

O Brasil ainda possui uma das maiores fábricas de pranchas da América Latina e Quinta maior do mundo, a Tropical Brasil, com capacidade de produção de 3 mil pranchas mensais, localizada em Florianópolis(SC) (TROPICAL BRASIL, 2024)¹³.

O fracionamento da indústria do surf sustenta-se na teoria básica da segmentação de mercado, iniciando a partir da concepção que compõem grupos de consumidores com carências e desejos semelhantes. Ao escolher amparar o marketing de segmentos, uma empresa pode desagrupar o mercado em pedaços cada vez menores. Na indústria de *surfwear*, pode-se perceber a divisão de mercado de acordo com o estilo de vida, visto que a grande parte de surfistas procura um estilo de vida mais alternativo, com um maior contato com a natureza e tempo disponível. Também se reconhece a parcela por benefício, já que todo surfista, por ter um maior contato com a natureza, atenta-se muito com sua preservação (ZUCCO; MESQUITA; PILLA, 2002).

As marcas de *surfwear* devem diferenciar seu conceito com estratégias de marketing particulares e investimentos em diversos setores estratégicos de comunicação, retratando suas posturas singulares em relação às várias questões enaltecido pelo público, como por exemplo: ambientalismo, cultura de clãs, nomadismo, instinto competitivo, saudosismos, etc. A utilização de técnicas específicas forma um reconhecimento do surfista com sua marca (ZUCCO; MESQUITA e PILLA, 2002).

As marcas que abrigam o segmento devem preocupar-se não só com estratégias de marketing diferenciadas e adequadas. As empresas passam a investir em pesquisas, objetivando

12 Surfwear é um estilo popular de vestuário casual, inspirado pela cultura do surfe.

13 Disponível em: [Tropical Brasil Surfboards - Tropical Brasil](#). Acesso em 20 de maio de 2024

especificar todo o contexto da história e da cultura do surf. O esporte possui uma série de valores e opiniões particulares, que subdividem o segmento em nichos muito grandes. As marcas devem retratar sua imagem desde a criação da marca, e toda a forma de comunicação dividida deve seguir este posicionamento (ZUCCO; MESQUITA e PILLA, 2002).

Visto que o surf se trata de um contato íntimo com a natureza num contexto em que a sociedade se vê cada vez mais em ambientes artificiais, os surfistas possuem alguma responsabilidade de atentar e avisar aos outros para os problemas relacionados com o ambiente costeiro e oceânico.

3.3 *Brazilian Storm* e a demanda por escolinhas

“O que aconteceu nos últimos anos no nosso esporte é algo fora da curva. O Brasil ganhou os últimos quatro títulos mundiais. Tudo isso só nos ajuda a aumentar nossa audiência brasileira com o esporte e mostrar o quão importante é esta modalidade” (PRESIDENTE DA WSL LATIN AMERICAN, 2023).

O Surf é hoje uma prática que atrai uma multidão de apreciadores em todo o Brasil. Segundo pesquisas do IBOPE Repucom, publicadas em 2022, a modalidade já possui mais de 45 milhões de brasileiros que acompanham e triplicou a quantidade de praticantes nos últimos dez anos. A etapa do World Surf League (WSL) Championship Tour (CT) em Saquarema (RJ) estrutura-se como um dos maiores eventos do entretenimento brasileiro no ano.

A popularidade do surf vem crescendo cada vez mais a partir de meados dos anos 1960 do século passado (BARBIERI e SOTOMAYOR, 2013; PONTING, 2008). A mídia contribuiu muito para a expansão e popularização da imagem da modalidade (BOOTH, 1996), no entanto, para Ponting (2009) pôsteres, cartazes, música, roupas, competições, permitiram uma demanda de modo a que as pessoas viagem para locais tropicais, com praias reconhecidas como “ideias para surfar”. Por consequência, os surfistas mudam-se para estes locais à procura da onda perfeita (BUTTS, 2001). O setor começou assim a receber relevância econômica, social e ambiental e transformou-se um setor marcante do turismo de aventura (desporto) (BUCKLEY, 2002a, 2002b; PEREIRA, 2019).

Segundo Ivan Martinho, presidente da WSL Latin America, o surfe no Brasil está concebendo novos ídolos. Nomes como Gabriel Medina, Filipe Toledo e Ítalo Ferreira, medalhista de ouro nas Olimpíadas de Tóquio em 2021, são vitais para a consolidação de uma marca como a WSL no país. Na visão de Martinho, hoje o surfe é mais do que um esporte, é um estilo de vida. Quando se fala de desempenhos e hábitos dos atletas, tem-se a oportunidade de

passar as mensagens desse esporte. Fora da água, a sustentabilidade é uma delas, temática super importante para os surfistas em diversas ações que são realizadas. A igualdade também, uma vez que foi uma das primeiras ligas a pagar a mesma premiação para homens e mulheres (EXAME, 2023)¹⁴.

Além do impacto sustentável, a etapa do Rio sempre impulsiona a economia da cidade de Saquarema. Em 2022, a competição movimentou R\$ 73 milhões e levou mais de 200 mil pessoas para a Praia de Itaúna, segundo com relatório publicado pela EY. A medalha de ouro de Ítalo Ferreira no surfe nas Olimpíadas de Tóquio, em 2021, carrega, além da vitória, a necessidade de ainda mais atenção para um esporte que movimenta um grande mercado. Mais precisamente, R\$7 bilhões ao ano, baseado nos dados do Instituto Brasileiro de Surf (Ibrasurf). O valor abarca despesas com roupas, pranchas e acessórios.

O aumento do mercado retrata a grande capacidade de um segmento com vários interessados. Em 2019, uma pesquisa do Ibope Repucom mostrou que o país tem 54 milhões de pessoas acima dos 18 anos curiosos com o estilo de vida do surfe, além dos mais de 25 milhões de fãs do esporte, como apontou coluna publicada pela Exame. Antes da pandemia, a Liga Mundial de Surf (WSL) considerava três milhões de praticantes do esporte.

O Brasil cada vez mais apresenta uma combinação ideal para o sucesso da prática: praias longas em praticamente todo o litoral, as despesas consideradas relativamente baixas para a modalidade, bons atletas e boas chances de profissionalização da carreira. Os motivos originaram uma geração de atletas que tem levado o crescimento da necessidade em aprender essa atividade.

Brazilian Storm (tempestade brasileira), é o termo usado para a nova geração de surfistas brasileiros que vêm sendo os grandes protagonistas do circuito mundial de Surf. Em 2011, na edição do Circuito Mundial de Surf (WCT), sete surfistas brasileiros conquistaram quatro das onze etapas, além de quatro pódios. Nos dois anos seguintes, foram três finais consecutivas.

Entre 2015 e 2019, o aproveitamento foi de quase 50%. Das 66 etapas disputadas, o Brasil venceu 30. Em 2019, por exemplo, foram seis vitórias e dez pódios de brasileiros, fora o fato de ser o país com maior número de representantes. Ainda em 2019, a WSL abriu um escritório em São Paulo, percebendo o crescimento exponencial da categoria no país, dado que 30% da audiência nas plataformas no mundo é de brasileiros. (EXAME, 2023) Das dez últimas edições da WSL, sete foram vencidas por surfistas do Brasil (Quadro 1).

¹⁴ Com ouro de Ítalo, o bilionário negócio do surfe segue rumo ao ápice | Exame. Disponível em:

<https://exame.com/casual/com-ouro-de-italo-o-bilionario-negocio-do-surfe-segue-rumo-ao-apice/>. Acesso em: 20 fev. 2024. [GA1]

Quadro 1 - Os campeões mundiais de surf masculino (2014-2023).

QUADRO 1 - OS CAMPEÕES MUNDIAIS DE SURF MASCULINO (2014-2023)	
ANO	CAMPEÃO MASCULINO
2023	Filipe Toledo (Brasil)
2022	Filipe Toledo (Brasil)
2021	Gabriel Medina (Brasil)
2020	Campeonato cancelado por COVID-19
2019	Ítalo Ferreira (Brasil)
2018	Gabriel Medina (Brasil)
2017	John John Florence (Havaí)
2016	John John Florence (Havaí)
2015	Adriano de Souza (Brasil)
2014	Gabriel Medina (Brasil)

Fonte: Globo Esporte. Elaborado pelo autor.

O aumento em uma década foi de 221%. Uma etapa da WSL no Brasil chega a reunir 50 mil pessoas na areia. Se considerados todos os que gostam do estilo de vida surfista, o número total de brasileiros pode passar de 54 milhões de pessoas (SPORTS VALUE, 2023)¹⁵. Feitos como a de Ítalo, o primeiro campeão olímpico dessa prática, cresce ainda mais a popularidade do surfe. As escolinhas têm recebido uma quantidade crescente de alunos e alunas, com um avanço estimado em 30% depois dos Jogos Olímpicos, ao passo que o mercado explora o surfe como estilo de vida (VEJA RIO, 2021)¹⁶. Todo o conjunto de negócios associados ao surf pode ser chamado de cadeia produtiva, serviços e produtos vendidos aos praticantes.

Diante da escalada brasileira nos últimos tempos, com o desenvolvimento também do surfe feminino, o sonho de títulos e medalhas motiva essa quantidade crescente de iniciantes. Em entrevistas de campo comprova-se um aumento maior de calouros nas ondas depois da conquista olímpica de Ítalo Ferreira. Essa popularização da prática acontece de dois processos em especial: a profissionalização da modalidade e a formação de ídolos nacionais no surfe masculino e feminino. Incentivos ao volume cada vez maior de crianças interessadas em domar as ondas.

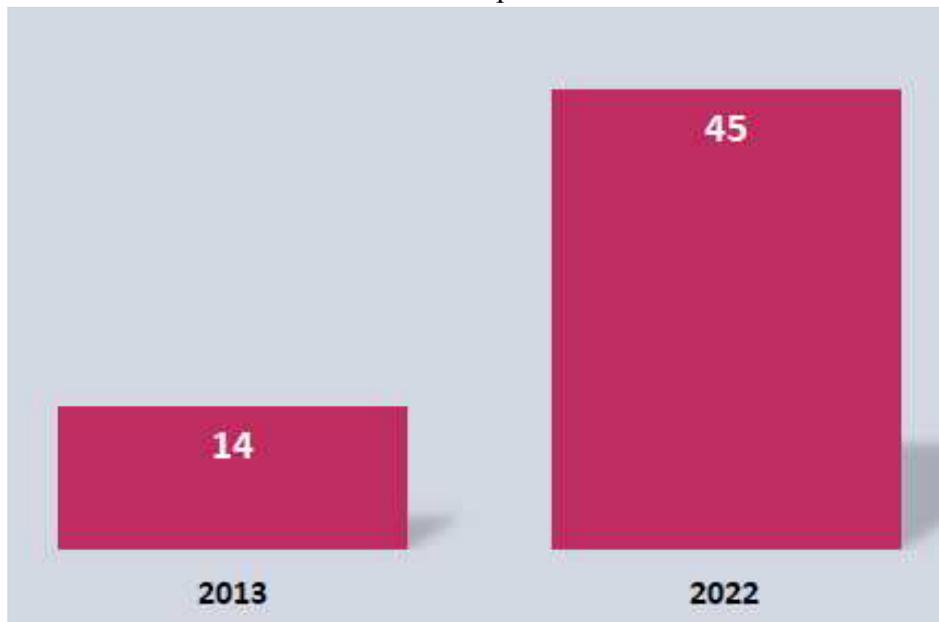
¹⁵ SPORTS VALUE. Disponível em: Negócios do surfe: Brasil, o novo epicentro da modalidade no mundo – Sports Value

¹⁶ Ascensão do surfe brasileiro se reflete nas praias cariocas. Disponível em: <<https://vejario.abril.com.br/cidade/ascensao-surfe-praias/>>. Acesso em: 31 maio. 2024.[GA1]

Segundo, Alexandre Zeni, presidente do Ibrasurf, afirma que o surf no Brasil é usufruído muito mais por simpatizantes do que por praticantes mesmo, mas vê uma possibilidade de inversão de cenário. "O número de praticantes no país cresceu muito com a pandemia. Com o êxodo observado durante a quarentena, com mais pessoas saindo das cidades e indo para o litoral, as escolas de surf se fortaleceram e viram o número de alunos multiplicar. A tendência é que, com as Olimpíadas, este número aumente ainda mais" (EXAME, 2023)¹⁷.

O surf nas olimpíadas mudou o cenário nas escolinhas de surfe. No Rio de Janeiro, foi constatado um crescimento de 30% na procura por aulas (VEJA RIO, 2021). Uma das causas é que isso ocorra por conta dos brasileiros que estão despontando no surf mundial. Segundo dados do Ibope Repucom em 2013, cerca de 23% dos brasileiros gostavam do surfe e em 2022 este índice chegou a 41%. Nada menos 45 milhões de pessoas acima de 18 anos, que estão conectados à internet. Cerca de 58% dos fãs de surf no país têm entre 18 a 39 anos (SPORTS VALUE, 2023).

Gráfico 1 - Interessados e muito interessados por surfe no Brasil- Milhões de indivíduos.



Fonte: Ibope Repucom.

Trazendo essa realidade para Fortaleza, mais precisamente nas praias da área de estudo, percebe-se que muitos dos donos de escolinhas entrevistadas falam desse aumento na

¹⁷ Brasileiros dominam cenário mundial no Surfe e modalidade vê número de fãs triplicar no país. Disponível em:

<https://exame.com/esporte/brasileiros-dominam-cenario-mundial-no-surfe-e-modalidade-ve-numero-de-fas-triplicar-no-pais/>.[GA1]

demanda por aulas no últimos anos, além do aumento de criação dessas novas estruturas, pessoas que aprenderam a prática nessas escolas e verifica uma oportunidade e cria seu próprio instituto de ensino de surf, aumentando a competitividade e peculiaridade entre as instituições a beira-mar. Em entrevista, alguns instrutores afirmam que dez anos atrás, em 2014, “não havia escolinha na Praia da Leste”, como foi dito pelo instrutor Diego Mendes. Existiam escolinhas na Praia do Futuro e Titanzinho mas ainda em quantidades bem pequenas. Muitas das futuras escolas começaram com uma prancha do próprio instrutor e aulas para amigos, até que a divulgação ampliou o número de clientes e o desenvolvimento da escolinha.

A mudança com essa demanda por escolinhas passa não apenas pela vontade de aprender a prática, mas também uma transformação do espaço da praia. A partir do momento em que as pessoas desejavam aprender essa nova modalidade em crescimento, trouxe todo um mercado, infraestrutura e suporte para receber essas pessoas. No caso de Fortaleza, locais que já haviam escolinhas, passou a surgir mais, e nos locais em que não existia um número de instituições, despontou como referência. Esse aumento proporcionou um impacto significativo na faixa de areia, quantidade de estruturas físicas, mercearias, lojas especializadas na atividade marítima

Essa oferta, conceitua-se como a combinação de facilidades, bens e serviços aproveitados ou usufruídos pelo visitante e, os elementos naturais ou culturais que potenciam a deslocação dos turistas (CUNHA e ABRANTES, 2013). A dinâmica é efeito das mudanças a que os diferentes fenômenos estão sujeitos. Pode-se dizer que essa transformação se tornou em uma atividade sensível à adequação duradoura de todos os tipos de ambiente, esses motivos ocasionam em modificações relativamente à procura e mudam a quantidade e o conteúdo da oferta (SIMONCESKA, 2012). Nesta situação, os donos de serviços de aulas que compõem a oferta atrativa de um determinado local têm um potencial relevante para melhorar essa mesma oferta. Bem como, esta deve estar inserida e estabelecida à procura (PEREIRA, 2019).

Com relação ao nível do surf, Reis e Jorge (2012) declaram que, os lugares de surf, devem, para além das condições naturais à prática da modalidade, ofertar vivência segundo o estilo de vida dos surfistas, precisam ser espaços com capacidade para fazer a diferença, sonhar e atrair.

Com o intuito de demonstrar essa transformação do espaço praiano com a demanda por novas escolinhas, a seguir está uma sequência de imagens do trecho da Praia do Titanzinho/Serviluz. Trata-se de uma avenida que, atualmente, em toda sua extensão possui diferentes escolinhas com estruturas físicas, aproximadamente dez, segundo os dados do mapa 1. Esta é uma praia tradicional com histórico de surf desde a década de 1980 e 1990. No entanto,

não possuía uma estrutura que comportasse todo um grande público além do preconceito que existia na comunidade ao redor e da prática em si.

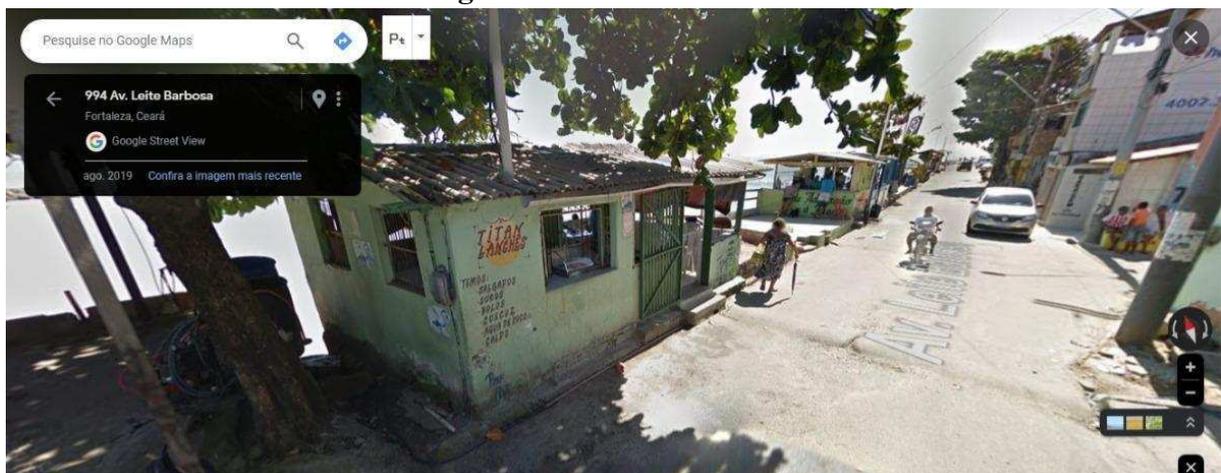
As seguintes imagens retratam a transformação da praia nos últimos dez anos, na qual é possível perceber a criação de escolinhas e estruturas de suporte da prática. Para auxiliar nesse entendimento foi titulado cada trecho com uma numeração da praia em 2012 e para o mesmo trecho, só que em 2019 foi colocado a mesma numeração a fim de compreender o “antes e depois” de determinada área. Os recursos foram possíveis com uso do sistema Google Street Views, que retrata um determinado local em diferentes períodos de tempo, possibilitando a verificação de transformações do espaço ao longo dos anos.

Figura 13 - Trecho 1 – 2012.



Fonte: Google Street View

Figura 14- Trecho 1 – 2019.



Fonte: Google Street View.

Figura 15- Trecho 2 – 2012.



Fonte: Google Street View.

Figura 16 - Trecho 2 – 2019.



Fonte: Google Street View.

Figura 17 - Trecho 3 – 2012.



Fonte: Google Street View.

Figura 18 - Trecho 3 – 2019.



Fonte: Google Street View.

Figura 19 - Trecho 4 – 2012.



Fonte: Google Street View.

Figura 20 - Trecho 4 – 2019.



Fonte: Google Street View.

Os grupos sociais têm que, por meio dos seus agentes locais, serviços e turísticos, um tanto que, ter o conhecimento de adaptar a sua oferta em razão das motivações, tendências e gostos dos visitantes, com o intuito de ampliar a deslocação das pessoas, ao longo de todo o ano e, possibilitar o máximo de satisfação às mesmas (PEREIRA, 2019). Nos trechos 3 e 4 é possível visualizar residências que começaram a se transformar em lojas especializadas com aporte para receber as pessoas que praticam com equipamentos e acessórios, além da criação de estruturas físicas compostas por escolinhas, bares associados a aquelas, mercearias e lojas de surf.

Analisando as imagens, é possível perceber o aumento de estruturas de escolinhas de surf, principalmente nos trechos 1 e 3. Certamente, isso se deve também a outros fatores como expansão urbana, transformações das comunidades, aumento de valorização e uso das praias carregando uma estrutura de serviços, mas não tem como não levar em consideração as escolinhas como agentes impactantes e modificadores, agregando valor, serviço e infraestrutura.

3.4 Morfologia Urbana e componentes das Praias da Área de Estudo

A faixa de areia das praias de Fortaleza é moldada por agentes específicos, logo, marcam esses locais as barracas de praias, comércio e serviços, os domicílios permanentes e as de uso ocasional, os equipamentos turísticos, além das infraestruturas marítimas modernas, como as escolinhas, as quais servem de base para as práticas marítimas e na areia.

A disposição destes locais pode ser caracterizada pelas conexões com o entorno: relação com a comunidade que a cerca, as formas que assumem e pela densidade da área ocupada. Segundo Pereira (2012) é possível conceituar o tecido urbano de acordo com os níveis de ocupação dos lugares. Portanto, existem espaços em que o tecido urbano está garantido e solidificado, ou em expansão/formação e alguns com ocupação rarefeita. Na primeira classificação estão áreas com ocupações assimétricas de loteamento urbano mas com intensa rede imobiliária além das ocupações a beira-mar intensamente ocupadas.

Para analisar os recursos turísticos, foi realizado um levantamento das infraestruturas, equipamentos, acessibilidades e transportes, e de atrações, enquanto componentes da oferta turística (CUNHA e ABRANTES, 2013).

De um ponto de vista econômico, define-se recursos como meios tangíveis ou intangíveis utilizados num processo de transformação para a obtenção de bens ou serviços destinados a satisfazer a necessidade humana (CUNHA, 2008). O mesmo autor afirma que a atividade turística baseia-se em recursos turísticos que se definem como, todos os elementos naturais ou atividades humanas que deem origem à deslocação de visitantes.

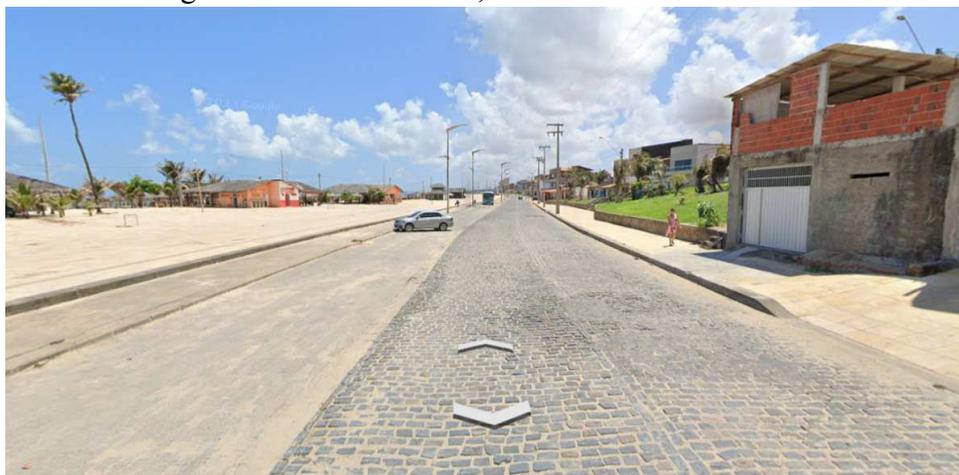
As infraestruturas são o conjunto de instalações e meios que permitem o funcionamento, deste caso de uma cidade. São elementos de associação entre forma, função e estrutura da cidade. Podem ser distinguidas de acordo com os elementos, assim: (a) Rede viária; (b) Rede de drenagem pluvial; (c) Rede de abastecimento de água ; (d) Rede de esgoto sanitário; (e) Rede de energia elétrica; (f) Rede de gás e combustível; (g) Rede de comunicações. Estas, para além de serem fundamentais para a população residente, são imprescindíveis para os visitantes, pelo que o turismo depende destas infraestruturas para ser estruturado de forma equilibrada (PEREIRA, 2019).

O município de Fortaleza, conta com as diversas redes referidas anteriormente, sendo que em fase de requalificação relativamente às infraestruturas do sistema de abastecimento de águas residuais e em relação à rede viária tem 322 rotas de ônibus (ETUFOR) por toda a cidade, por exemplo. Mas o que permite dar resposta às necessidades dos turistas são os equipamentos, serviços como restaurantes, comércio, alojamento, cultura, desporto, saúde e segurança.

Utilizando-se dos mesmos critérios de Pereira (2012) em relação às vias, as observações se deram somente ao sistema viário interno de cada zona de praia utilizando como critério de análise o(s) caminho(s) de acesso e o trecho da praia. Assim, as melhores condições foram verificadas na Praia da Barra do Ceará, Praia do Leste, Praia do Futuro e Praia da Sabiaguaba.

A Via paisagística Vila do Mar (Praia da Barra do Ceará) recebeu um processo de requalificação; as obras vão desde a Rua José Roberto Sales até a Av. Castelo Branco (Areninha Pirambu), conforme apresentado na Figura apresenta a situação atual da via no trecho urbanizado, onde foi contemplado: a urbanização do calçadão; a implantação de ciclovia; a implantação de equipamentos de lazer; e a drenagem e pavimentação da via.

Figura 21 - Via Paisagística R. José Roberto, um dos acessos à Av. Pres. Castelo Branco.



Fonte: Google Street View.

No caminho da Av. Presidente Castelo Branco, anteriormente mencionada, é o caminho de acesso à Praia da Leste Oeste que conta com outra continuidade de vias, de grande importância, próxima ao Marina Park Hotel, área de tráfego rápido, onde a escala do pedestre é praticamente inexistente, e os equipamentos não dialogam com o espaço público (Figura 22). O único trecho com ciclofaixa instalada, está na Av. Historiador Raimundo Girão, entre a Rua Idelfonso Albano e Av. Rui Barbosa.

Figura 22 - Continuação da Av. Presidente Castelo Branco que dá acesso a Praia da Leste Oeste, a esquerda da imagem.



Fonte: Google Street View.

A área alvo de obras de melhoria da infraestrutura da Praia do Futuro, entregue em 2014, que contemplou: a pavimentação e padronização de vias e calçadas, construção de galerias fluviais de drenagem, eletrificação e iluminação das vias, apresenta fluxo nos dois sentidos (2 faixas em cada sentido), com calçamento em paralelepípedo, canteiro central, calçadas, sinalização viária horizontal e vertical, iluminação e ciclovia em toda sua extensão, com calçadões, acesso às barracas de praia, locais de estacionamento a 90°, e equipamentos públicos em alguns trechos. A arborização, predominantemente de palmeiras, se dá na faixa de praia em alguns pontos específicos e não mantém uma uniformidade e continuidade nos calçadões e canteiros. Apesar da via apresentar boa infraestrutura, a circulação de pedestres e veículos, durante a maior parte do dia, é reduzida. As longas distâncias entre equipamentos, habitações e serviços, geradas pelo “espraiamento” da ocupação, somadas à arborização apenas no entorno das barracas de maior movimento, geram um espaço urbano “desértico”, que ganha vida apenas nos fins de semana e feriados com a mudança do uso da via para acesso ao lazer.

Figura 23 - Av. Zezé Diogo que dá acesso à Praia do Futuro.



Fonte: Google Street View.

A Praia da Sabiaguaba encontra-se dentro do Parque Nacional das Dunas da Sabiaguaba. Está concluída a via entre a Ponte da Sabiaguaba e o viaduto Joãozito Arruda, na CE-010, que faz parte da obra rodoviária de ligação do Anel Viário/CE-040 com o Porto do Mucuripe. A principal função da CE-010, segundo o Governo do Estado, é servir de rota para os caminhões que abastecem o Porto do Mucuripe, objetivando a diminuição dos veículos pesados que circulam nas vias mais movimentadas da cidade, aumentando os conflitos no trânsito.

Parte desse acesso está inserido como Via Paisagística e tem seu início no limite com a Av. Dioguinho, para após a rótula, tomar o sentido sudoeste, como Rua Sabiaguaba, onde segue margeando o até próximo ao cruzamento com a CE-025, onde sai da Zona da Praia. O referido trecho apresenta pavimentação predominantemente asfáltica, calçada, canteiro central, iluminação e ciclovia. Deve-se levar em consideração que, com a conclusão das obras de acesso ao 4º. Anel Viário, o tráfego de veículos pesados de carga se intensificará, bem como a velocidade e quantidade de veículos transitando na rodovia e, conseqüentemente, dentro do Parque Nacional das Dunas da Sabiaguaba aumentando mais ainda o impacto ambiental causado por esse acesso.

Figura 24 - Duna sobre CE-010, Via Paisagística que dá acesso a Sabiaguaba.



Fonte: Google Street View.

Para o litoral fortalezense, as opções de transportes coletivos são os intraurbanos da empresa Empresa de Transporte Urbano de Fortaleza (ETUFOR), que é um operador de serviço de transporte público responsável pelas rotas de Ônibus de Fortaleza e Região desde 2006, possuindo diferentes tamanhos e gerenciamento de frotas por outras empresas. As linhas partem de diferentes terminais espalhados pela cidade que servem de pontos de recolhimentos de pessoas e garagem. A partir desses terminais os ônibus passam pelas vias, ruas e adentram nos bairros e em pontos estratégicos da cidade. Para cada praia da cidade existem diferentes ônibus que suas linhas levam em direção a aquela, existindo alguns com mais de um ônibus para acesso e em diferentes horários ao longo do dia. A exceção das Praias do Titanzinho e da Sabiaguaba em que foi constatado uma quantidade menor de possibilidades de ônibus ao longo do dia para acesso e a demora no que se refere ao tempo de espera e distância. No entanto, na entrevista de campo foi constatado que poucos praticantes de surf e *bodyboard* utilizam transporte público para ir à praia, adotando meios alternativos com o transporte particular ou de serviços privados como o Uber.

Nos componentes de Lazer, assim como em Pereira (2012) é preciso de uma atenção maior, pois ao longo do tempo instalam-se novas infraestruturas e equipamentos para atrair os turistas e praticantes. Lazer é definido como um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se, ou ainda, para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais (DUMAZEDIER, 1976). A prática de esportes em Fortaleza é condicionada pelo acesso aos equipamentos disponíveis, à existência de programas públicos ou privados e, em diversos casos, à condição sócio econômica dos seus moradores. Como equipamentos de lazer podem ser citados as areninhas, estações do Bicicletar,

etc. Para esta tipologia foram verificadas as Praias da Barra do Ceará com quadras poliesportivas, por exemplo, Praia do Titanzinho com quadras e a Areninha do Titanzinho e na Praia do Futuro com diversos equipamentos ao longo do trecho.

Os espaços privados mostram-se em maior quantidade estando organizados em barracas de praia e restaurantes. As barracas são famosas na cidade de Fortaleza, por serem estruturas físicas e a beira-mar dispõe de um serviço gastronômico regional e algumas com infraestruturas de lazer aquático (*playground*, piscinas e toboáguas). No que se refere uma das preocupações dos banhistas e praticantes na praia, está um dos serviços públicos básicos que é a segurança. Neste sentido, torna-se cada vez mais comum vez ou outra notícias nos canais de comunicação, como televisão e rádio, reportagens alertando da desproteção de alguns trechos da praia ou dela como um todo que estão expostas ao crime de furto, roubo ou afogamento no mar. Isso é uma das preocupações nos discursos dos banhistas e turistas. Com a instituição do programa de patrulhamento ao longo dos trechos e nos bairros ao redor percebeu-se a passagem em certos momentos de patrulhas policiais no decorrer do dia, alguns com maior frequência do que em outros locais. No entanto, no que diz aos postos de bombeiros para salvamento dos banhistas em casos de perigo no mar, foi analisado que algumas praias como a Praia da Leste e do Titanzinho não foi identificado um posto para situações como esta, ficando a cargo dos instrutores de escolinhas, professores e praticantes mais experientes realizar a assistência e preparo para evitar alguma gravidade. Não foi verificado também na Praia da Ponte Metálica, contudo, existe um posto fixo da Guarda Municipal de Fortaleza na praia.

Mesmo com a presença dos equipamentos públicos de lazer, nota-se a falta de segurança dos moradores na Praia da Barra do Ceará devido ao intenso tráfico de drogas e guerras entre facções. Tal fato impossibilita maiores oportunidades para as atividades de lazer. Como equipamentos de lazer, verifica-se a existência de três areninhas, estando duas localizadas na Barra do Ceará (Areninha Barra do Ceará e Areninha Beira-Rio) e a outra, localizada no antigo kartódromo (Areninha Pirambu).

Na Praia do Titanzinho nota-se o mesmo fenômeno da Praia da Barra do Ceará relacionado a precária segurança e medo das facções. Esse fato impossibilita um maior incentivo para as atividades de lazer. Embora haja a prática do surf nessa zona, há carência de quaisquer equipamentos de lazer, como estações do Bicicletar. Por se tratar de um local com fortes ondas e correntes e com presença de alguns banhistas, não se verificam postos de salvamento nessa zona.

No tocante à segurança da Praia da Sabiaguaba verifica-se que na comunidade Boca da Barra e na Abreulândia/COFECO, a zona não apresenta delegacias distritais, batalhões

militares e postos da Guarda Municipal, provocando uma sensação de insegurança aos moradores. Também não são observados quaisquer equipamentos de lazer e de assistência social.

Agora no que tange o quesito de Auxílio nas Práticas, a tipologia se refere às características e equipamentos que propiciam a prática do surf e *bodyboard* com aspectos tanto público quanto privados como as escolinhas de surfe de caráter social com projetos sociais em benefício aos jovens das comunidades ou as de essência particular e individual. A presença de Associações Comunitárias fazendo-se importante para o desenvolvimento de atividades com o mar tanto econômica como educacional. No caso, foi percebido que em todas as praias possuem escolinhas de surfe tanto público quanto privadas e a presença de projetos sociais envolvidos nessas escolinhas públicas. Além das associações que estão presentes principalmente nas praias que estão localizadas em zonas de comunidades periféricas.

As condições paisagísticas levam em conta aspectos como balneabilidade e a higienização urbana por parte dos órgãos públicos. Balneabilidade é a medida das condições sanitárias das águas destinadas à recreação de contato primário (direto). É realizada através do monitoramento de organismos indicadores da presença de patógenos que causam doenças de veiculação hídrica, como as gastroenterites, doenças de pele, entre outras (SEMACE, 2024)¹⁸. Na análise de estudo utilizou-se dados da Secretaria de Meio Ambiente do Ceará (SEMACE) do período 29/04/2024 a 05/05/2024 acerca da verificação da qualidade de cada trecho do mar além das entrevistas com os instrutores locais. No momento as praias que não estão adequadas para o banho são a Praia da Barra do Ceará e a Praia da Leste. No que se diz a higienização urbana, as praias têm um período de limpeza partindo tanto das próprias escolinhas que reúnem-se periodicamente para limpar a faixa de areia quanto pelo município.

Para os estabelecimentos de comércio e serviços privados nas praias, levou-se em consideração assim como Pereira (2012), aspectos como mercearias de pequeno porte, supermercados e farmácias. No comércio, é possível evidenciar a sua dimensão de retalho, relativamente aos mercados tradicionais existentes. Para isto, utilizou-se como critério as organizações localizadas ao longo do trecho da praia da praia, com exceção das Praia da Sabiaguaba e Praia da Leste, pois são trechos em que não possuem esses serviços por se tratarem de áreas que não estão cercadas por comunidades. Enquanto o restante, estão unidas a uma comunidade como a Praia da Barra do Ceará e do Titanzinho ou a famosa Praia do Futuro que por se tratar de um local de maior atração tanto de praticantes como turistas, acabou recebendo oportunidades de serviços que funcionam durante todo o ano para os moradores dos bairros ao redor.

18 SUPERINTENDÊNCIA ESTADUAL DO MEIO AMBIENTE. Disponível em: - Superintendência Estadual do Meio Ambiente (semace.ce.gov.br)

O Quadro 2 retrata os componentes físicos e os serviços básicos (urbanos) instalados nas seis praias localizadas na cidade de Fortaleza. Os quesitos foram organizados e adaptados com base na metodologia de Pereira (2012) e o Projeto Orla (2018) em seis categorias (vias, transporte coletivo, lazer, segurança, auxílio nas práticas, condições paisagísticas, e Comércio e serviços privados), uma vez que a verificação dos dados se deu por meio de trabalho de campo durante os anos de 2023 e 2024, quando foram feitas análises *in loco* e entrevistas com praticantes, trabalhadores das praias e donos de escolinhas de surfe e *bodyboard*.

O Quadro 2 apresenta uma síntese do status das instituições, equipamentos e componentes, por praia da área de estudo, de acordo com as pesquisas de campo alinhado com a análise do Projeto Orla (2018). Esse diagnóstico consistiu em verificar a situação das praias em diferentes perspectivas e tipologias definidas no Projeto Orla e por Pereira. O status assim como os critérios de pesquisa do Projeto Orla, adota-se a leitura por meio da escala de cores, lê-se: Verde para status de presente, em que há a presença do equipamento ou estrutura em quantidade e qualidade ideais; Amarelo para “em parte” em que há a presença de forma parcial, com uma quantidade e qualidade menor, ainda em dificuldade ou precariedade; e Vermelho para a inexistência do equipamento de forma total, em que a praia não possui acesso a esse componente ou estabelecimento.

Quadro 2 - Componentes urbanos e infraestrutura das localidades das Praias de Fortaleza.

Infraestrutura e Caracterização dos Componentes da Orla		LEGENDA					
		Presente	Parcial	Inexistente			
		Praias/Localidades					
		Praia da Barra do Ceará	Praia da Leste Oeste	Praia da Ponte Metálica	Praia do Titanzinho	Praia do Futuro	Praia da Sabiaguaba
Vias	Asfalto	Presente	Presente	Presente	Presente	Presente	Inexistente
	Calçamento	Presente	Presente	Parcial	Parcial	Presente	Inexistente
	Quantidade de paradas por trecho	Presente	Presente	Presente	Inexistente	Presente	Parcial
Transporte Coletivo	Nº de linhas	Presente	Presente	Presente	Inexistente	Presente	Inexistente
	Qtde. de Viagens	Presente	Presente	Presente	Inexistente	Presente	Parcial
Lazer	Equipamentos Públicos de Lazer	Presente	Inexistente	Inexistente	Presente	Presente	Parcial
	Clubes Privados	Parcial	Inexistente	Inexistente	Inexistente	Presente	Inexistente
	Barracas de Praia	Presente	Presente	Parcial	Parcial	Presente	Presente
	Restaurante	Presente	Inexistente	Inexistente	Inexistente	Presente	Presente

	Pólos/Centros de Cultura e Lazer						
Segurança	Célula de segurança (GMF)						
	Posto de Bombeiro						
	Patrulha						
Auxílio nas Práticas	Associação Comunitária						
	Escolinha Pública						
	Escolinha Privada						
	Projetos Sociais						
Condições Paisagísticas	Balneabilidade						
	Higienização Urbana						
Comércio e serviços privados	Mercearia de pequeno porte						
	Supermercado						
	Farmácia						

Fonte: Arquivo pessoal (2023). Elaborado pelo autor.

O Brasil segue a tendência mundial e histórica do que se conhece como a “Corrida para o mar” (BOUDOU, 2001). Há, contudo, necessidade de interpretar os contornos desse fato, pensando nas características e nos desdobramentos socioespaciais e na valorização do litoral e da zona de praia. No território nacional, as grandes aglomerações urbanas situadas próximas ao oceano incorporaram o seu lado mar, principalmente a partir do século XX, em função de práticas marítimas turísticas e de lazer (DANTAS, 2015). Como desdobramentos, observa-se a expansão-fragmentação das formas e dos conteúdos da urbanização, entre elas a metropolização do espaço (LENCIONI, 2013). Nesse sentido, a compreensão dos desdobramentos da urbanização litorânea requer esforço contínuo, sobretudo na atualização de metodologia, fato que inclui a busca por variáveis/indícios que possam ser correlacionados.

Na escala intraurbana, os trechos litorâneos coordenados pela cidade mostram, em contradição à diversidade de investimentos públicos e privados, características de uma urbanização metropolitana precária. Associado ao espalhamento da vilegiatura e dos seus derivados imobiliários, surgem problemas socioespaciais combinados à massificação do lazer marítimo. Os principais efeitos negativos relacionados são o parcelamento excessivo dos ecossistemas litorâneos e o aumento constante dos preços fundiários, inclusive com formação de bairros carentes e irregulares.

No plano urbanístico, avalia-se fraturas no tecido urbano produzido. Isso ocorre porque a qualidade técnica dos planos restringe-se ao interior dos complexos, atendendo as exigências urbanas de conforto, ostentação social e sensação de segurança. O entorno, periurbano, não é considerado e a diversidade paisagística se instala, ora pelos padrões construídos que divergem dos visuais anteriores, ora pelos muros e barreiras impedoras do contato direto com as ocupações anteriormente existentes (segundas residências de padrão vernaculares, comunidades de pescadores). Limitações do acesso aos espaços à beira-mar e a má conservação das vias de circulação são fortes indicadores do deslocamento do fazer urbanístico, centrado no privado (empreendimento) e não na totalidade do lugar.

Na promoção deste vetor de expansão à zona litorânea, o governo estadual e municipal corroboram dando continuidade à implementação de infraestruturas urbanas, intermediando articulações entre empresas locais, regionais e internacionais, divulgando as vocações dos lugares e concedendo as licenças ambientais para a construção dos empreendimentos.

3.5 O direito de ir e vir ao litoral na cidade de Fortaleza

A ideia de espaço está posto na forma de objeto de análise da geografia como ciência. Assim, pondera-se como importante sua conceituação, visto que a presente monografia tem como objetivo verificar também o direito de ir e vir no espaço, com ênfase no espaço urbano. Iniciando a partir da ideia de que o uso particular da cidade mostra cada vez mais que o espaço está em constante construção e se transformação de forma heterogênea e conflitante, levando a uma desigualdade social e, como consequência a disparidade espacial. Busca-se associar a relevância da mobilidade urbana como meio para a inclusão social (ASSUNÇÃO e ARAÚJO, 2008).

Analisando o espaço percebe-se a necessidade de realizar alguns apontamentos sobre este conceito relevante para a geografia. Segundo Carlos (2007, p. 12), “o espaço aparece enquanto nível determinante que esclarece o vivido, na medida em que a sociedade o produz, e nesta condição apropria-se dele e domina-o”. Utilizando como esclarecimento que a adoção do conceito de espaço está “[...] relacionado a diferentes escalas, global, continental, regional, da cidade, do bairro, da casa e de um cômodo no seu interior” (CORRÊA, 1995, p.15). E que o ser humano cria o seu próprio espaço a depender do nível de escala em que esse tenha sido gerado, objetiva-se neste tópico utilizar a escala das localidades das praias, do município de Fortaleza/CE.

Nesta perspectiva, a questão de que a mutabilidade do espaço é própria à vida da sociedade, pois esta produz seu próprio espaço de acordo com sua realidade. Santos (1978, p. 149) diz que a dinâmica do espaço, antes de tudo, lhe garante “[...] a disposição a criar a estrutura global que lhe deu origem, ao passo que se impõe a essa reprodução social como uma mediação indispensável que às vezes altera o objetivo inicial ou lhe imprime uma orientação particular” (ASSUNÇÃO e ARAÚJO, 2008).

O conceito de espaço, nesta visão, possibilita afirmar que sua dinâmica é essencial às relações sociais determinadas, contudo é preciso procurar a ideia de espaço urbano para contribuir neste tópico da pesquisa, visto as mudanças espaciais que vêm acontecendo na cidade de Fortaleza. O espaço urbano como produto social conceitua-se por suas alterações constantes em seu interior, mostrando as particularidades da sociedade que o reside em determinado momento histórico. Assim, não deve-se deixar de verificar esse espaço sob a ótica da lógica capitalista. Portanto, Corrêa (1989, p. 11) afirma que o espaço urbano capitalista é como “[...] um produto social, consequência de ações concentradas através do tempo, e engendradas por agentes que produzem e consomem espaço”. [] A ação desses agentes é profunda, advindo da dinâmica de acumulação de capital entre outros elementos (ASSUNÇÃO e ARAÚJO, 2008).

Pode-se afirmar então que o espaço urbano é conceituado como produto social em permanente transformação, espelhando as características da sociedade capitalista, em que prevalece o acesso desigual ao espaço, a segregação socioespacial, o conflito de interesses por parte dos agentes sociais. E que este é criador e ao mesmo tempo resultado das relações capitalistas de produção. Tais características inerentes ao espaço urbano se mostram no processo de urbanização (ASSUNÇÃO e ARAÚJO, 2008).

Para Carlos (2007), o acesso ao espaço na cidade está subordinado ao mercado, em que a propriedade privada do solo urbano aparece como condição do desenvolvimento do capitalismo. A propriedade privada está intrinsecamente ligada à divisão e separação da cidade, e à complexa desigualdade do processo de produção do espaço urbano, o que se percebe claramente na vida cotidiana. Grostein (2001) diz que a dualidade percebida nos processos socioespaciais de formação da metrópole contemporânea se mostra na identificação de uma cidade formal escolhida pelo poder público, em que se agrupam os investimentos urbanos, e de outra erguida à sua margem, a cidade informal que relaciona o fenômeno da expansão urbana ilegal ao da exclusão social.

Com isso, Rolnik (2004, p. 40) vê a cidade como “um grande quebra cabeças [...], em que cada um conhece seu devido lugar e se sente estrangeiro e diferente nos demais, é a este movimento de separação das classes sociais e funções no espaço urbano que os estudiosos da

cidade consideram de segregação espacial”. Entre as cidades que expandiram rapidamente e verticalmente na última metade do século XX está-se Fortaleza, e ao olhar a cidade é possível reconhecer o contraste entre as paisagens, mostrando a dualidade na ocupação dos espaços (ASSUNÇÃO e ARAÚJO, 2008).

Os muros visíveis e invisíveis que separam a cidade são percebidos nas pequenas coisas, sendo estes inerentes à organização do espaço urbano atual. A segregação socioespacial se mostra por meio dos territórios diferentes e separados para cada grupo social, além da divisão das funções, especialmente no morar, trabalhar e lazer, sendo observado a desigualdade de tratamento por parte do Estado. Rolnik (2004, p. 42) ao caracterizar que “a cena clássica cotidiana das grandes massas se deslocando nos transportes coletivos superlotados ou no trânsito engarrafado são a expressão mais completa desta separação”, referindo-se à questão que foi discutida neste tópico, que se define na questão da mobilidade urbana como instrumento de inclusão social.

Nos últimos cinquenta anos o crescimento da urbanização nas cidades brasileiras cresceu de forma considerável, assim como os problemas advindos desse processo. E sendo o espaço urbano elaborado de forma desigual, o oferecimento de infraestrutura e serviços básicos à população também são disponibilizados de forma peculiar. Para a população residente nas áreas periféricas da cidade cabe deslocar-se para o centro de produção da cidade através de transporte coletivo, que, apesar de ser considerado como serviço público, tem que ser pago por aqueles que dele necessita. (ASSUNÇÃO e ARAÚJO, 2008).

Os grandes engarrafamentos e a violência no trânsito são as marcas mais perceptíveis do sistema de circulação, contudo o foco neste tópico é entender não o sistema técnico em si, mas como pessoas residentes em um bairro periférico experimentam o direito de ir e vir para a praia no espaço urbano. No Brasil, grande parte dos seus habitantes moram hoje em áreas urbanas, sendo que a maioria das pessoas precisam do transporte coletivo para se locomover. Portanto, o acesso das pessoas às atividades de lazer importantes à vida moderna precisam do funcionamento adequado do transporte coletivo. Em bairros mais distantes e isolados, o transporte coletivo é principalmente uma questão de sobrevivência (ASSUNÇÃO e ARAÚJO, 2008).

Estudos mostram que a parte da população com renda inferior a três salários mínimos, o acesso ao transporte coletivo forma-se num dos maiores obstáculos ao acesso aos espaços da cidade. Uma das barreiras é ocasionada pela insuficiência da renda e do alto valor das tarifas, mas também, da falta de acesso a equipamentos coletivos. Isto para os que trabalham no

mercado formal e informal e possuem poucos ou nenhum benefício para o deslocamento. (ASSUNÇÃO e ARAÚJO, 2008)

Enquanto aqueles que não têm acesso às chances mínimas de lazer, provém do fenômeno da mobilidade restrita ou nenhuma dita por Santos (2000). Mobilidade limitada criada pelo precário e/ou escassez de acesso aos meios de transporte, assim como também pela falta de recursos financeiros para as urgências mais instantâneas como, por exemplo, mover-se até hospitais especializados ou ir para um *shopping center* nos centros mais longes do bairro ou do município. O transporte público, além de ser uma ferramenta do sistema de mobilidade urbana, é um grande indicativo de combate à pobreza urbana. A partir dele é preciso a inserção das pessoas que não possuem de meios de transporte próprios ou de serviços de aplicativos, devido aos altos custos, às possibilidades de trabalho, aos equipamentos públicos e serviços sociais como saúde e educação, e às atividades que dão a autoestima humana e a integração social como o lazer, principalmente as saídas e visitas aos amigos e parentes, compras etc. Assim, se o serviço não for apropriado às urgências da população, ainda mais a pobre, ele é capaz de se tornar um muro à inclusão social e uma barreira ao acesso às oportunidades e atividades vitais que a sociedade capitalista impõe. (GOMIDE, LEITE e REBELO, 2006).

A ideia que orienta este tópico é de que o acesso às oportunidades urbanas de lazer marítimo acaba sendo focado às populações de baixa renda residente no entorno da praia ou de um público mais abastado que possui condições financeiras e o desejo de se deslocar para a prática de surfe e *bodyboard* de Fortaleza. Assim, na busca de entender as interações entre transporte urbano e inclusão social, é preciso pesquisar as ligações realizadas por uma população de poucos rendimentos na execução das atividades presentes à vida urbana como trabalhar, estudar, cuidar da saúde, fazer compras e lazer.

A cidade de Fortaleza é atendida pelos serviços da Empresa de Transporte Urbano de Fortaleza (ETUFOR), ela regulamenta as concessões de serviço de transporte coletivo na cidade para outras empresas como Viação Fortaleza, Dragão do Mar etc. A empresa é subordinada a Prefeitura de Fortaleza e presta atividades a entidades públicas ou privadas na área de transporte público, dela possui várias outras empresas de ônibus concessionárias que prestam serviços para a ETUFOR em que cada uma fica responsável por um número determinado de linhas, área de abrangência e contratação de seus respectivos funcionários. Um exemplo é a Auto Viação Dragão do Mar que é responsável por 48 linhas e com 220 veículos (AUTO VIAÇÃO DRAGÃO DO MAR, 2024)¹⁹.

¹⁹ Disponível em: <https://avdragaoanmar.com.br/>. Acesso em: 15 de maio de 2024

A metrópole Fortaleza dispõe de uma considerável quantidade de terminais de ônibus espalhados pela cidade, sendo uma infraestrutura essencial para o funcionamento do transporte público em diversas cidades ao redor do mundo, sendo o ponto de partida e chegada de ônibus, neste caso, intermunicipais. Em geral, ele é formado por uma série de plataformas de embarque e desembarque, em que os ônibus estacionam para o acesso dos passageiros. O terminal de ônibus possui um papel fundamental na mobilidade urbana, concentrando o embarque e desembarque de passageiros, facilitando o acesso ao transporte público e reduzindo o tráfego nas ruas. Além disso, o terminal de ônibus é um ponto de conexão entre diferentes linhas e rotas, permitindo que os passageiros façam transferências de forma rápida e eficiente. Isso contribui para a integração do sistema de transporte público e facilita o deslocamento dos usuários pela cidade. O terminal de ônibus também tem um impacto significativo no desenvolvimento urbano das cidades. Ele se torna um ponto de referência e pode atrair investimentos para a região ao seu redor. Isso permite que os passageiros tenham opções de deslocamento mais sustentáveis e eficientes, reduzindo o uso de veículos particulares e os congestionamentos nas ruas.

Para análise dos caminhos que levam a praia em Fortaleza, foi verificado quais linhas de ônibus que possuem acesso a aquelas, em quais terminais estas se localizam, o tempo de demora em minutos para chegar a ela e a distância em quilômetros que cada linha precisa percorrer para chegar. É preciso salientar que para a determinação do tempo foi utilizado a ferramenta de calcular a distância mais curta entre dois pontos no SIG, usando o algoritmo de análise de redes.

Além disso, reforça-se que apesar do resultado do tempo de deslocamento esteja calculado na tabela seguinte, e que comparativamente as distâncias entre duas linhas uma possa ser maior que a outra e o tempo menor ou parecido, é necessário levar em conta de que na realidade existem variáveis que não foram consideradas mas que no dia a dia acontecem como a quantidade de paradas e tempo de espera nelas; o trânsito em determinados horários e trechos; limites de velocidades maiores em alguns trechos enquanto outros são menores; as condições precárias da via urbana; a imprevisibilidade de ocorrência de acidentes de trânsito que podem atrasar o tempo de deslocamento; além de outras.

As informações referentes ao terminal que estas linhas abrangem; o número e nome da linha; o tempo do percurso e a distância, estão listados na tabela abaixo. Mais a frente está o mapa que possibilita a melhor verificação dos terminais de ônibus e as linhas de acesso às praias de Fortaleza.

Quadro 3 - Linhas de ônibus em direção a Praia.

Terminal de Ônibus	Nº da Linha	Nome da linha	Tempo (min)	Extensão (km)
Terminal do Antônio Bezerra	120	Vila do Mar/ Náutico/ Antônio Bezerra	48	18,999
	130	Vila do Mar/ Náutico/ Antônio Bezerra II	48	18,598
	92	Antônio Bezerra/ Papicu/ Praia de Iracema	57	20,827
	71	Antônio Bezerra/ Mucuripe	41	16,799
	79	Antônio Bezerra/ Náutico	36	15,022
Terminal do Conjunto Ceará	76	Conjunto Ceará/ Aldeota/ Papicu	61	22,244
	96	Expresso/ Conjunto Ceará/ Papicu	50	22,27
Terminal da Messejana	53	Messejana/ Papicu/ Washington Soares	37	17,08
	657	Messejana/ Sabiaguaba/ Esquerda	34	30,983
	676	Messejana/ Sabiaguaba/ Direita	36	32,438
Terminal do Papicu	16	Cuca Barra/ Papicu	51	16,099
	920	Caça e Pesca/ Papicu	136	22,67
	813	Papicu/ Praia do Futuro 2	116	19,39
	810	Papicu/ Praia do Futuro	41	6,95
Terminal da Parangaba	77	Parangaba/ Mucuripe	49	18,319
	29	Parangaba/ Náutico	35	14,183
	70	Cuca Barra/ Parangaba	44	16,342
	390	Parangaba/ João Pessoa/ Centro	20	7,714
Terminal do Siqueira	73	Siqueira/ Praia de Iracema	45	17,497
	78	Siqueira/ Mucuripe/ ED	57	22,392
	99	Siqueira/ Mucuripe/ Barão de Studart	56	21,388
	355	Siqueira/ José Bastos/ Centro	28	10,859
Terminal do Centro	711	Barra do Ceará/ Cais do Porto	44	39,884
	101	Beira Rio/ Centro	11	19,155
	906	Caça e Pesca/ Serviluz/ Centro	94	15,758
	106	Floresta/ Centro	26	20,396
	110	Vila do Mar/ Centro	24	22,584
	908	Castelo Encantado/ Centro/SP2	12	20,555
	907	Castelo Encantado/ Centro/ SP1	11	19,073
	140	Vila do Mar/ Centro II	13	22,250

Fonte: ETUFOR e Moovit. Elaborado pelo autor.

Através dos dados mostrados e do que foi discutido ao longo desta monografia entende-se que a oferta do transporte coletivo é diferenciada de acordo com os dias da semana:

aos sábados, domingos e feriados diminui a frota e o número de viagens. Sendo necessário a percepção que estes dias são em que o fluxo para as praias se intensifica. Isso possibilita inferir que se nos finais de semana a população residente pretende sair seguindo este itinerário, vai esperar bastante e pegar o ônibus cheio, o que vem a desestimular o deslocamento. Enquanto durante a semana as linhas vão até 23 horas e com mais frotas para mais viagens.

Percebe-se que, através dos dados coletados, olha-se que há uma carência de linhas em determinados terminais em Fortaleza. Teoricamente há possibilidade de deslocamento para qualquer área da cidade, mas na prática olha-se que as condições de uso são diferenciadas em determinados trechos ou bairros, ou seja, a população não tem um serviço de qualidade e podemos verificar essa questão através da opinião das pessoas que utilizam o transporte coletivo e que foram entrevistadas pelos instrutores de escolinhas de surfe.

As entrevistas com os instrutores nas praias foram importantes para o entendimento da importância do transporte, visto que para muitas atividades ele é imprescindível, sendo o elo com as oportunidades oferecidas pela cidade. Nesse sentido, a metodologia utilizada consistiu primeiramente em realizar visita exploratória nas praias e com conversas informais com praticantes mostravam a importância que o transporte tem principalmente para as pessoas que moram mais distantes ou na região metropolitana.

Foram entrevistadas mais de dez pessoas em cada praia da área de estudo, escolhidas através das escolinhas de surfe. A aplicação de questionário foi escolhida para a obtenção de dados referentes à relação entre o entrevistado e o meio de transporte que utiliza para a realização do surfe. Iniciando com o transporte utilizado, a preferência sobre o transporte público em operação no bairro para a praia.

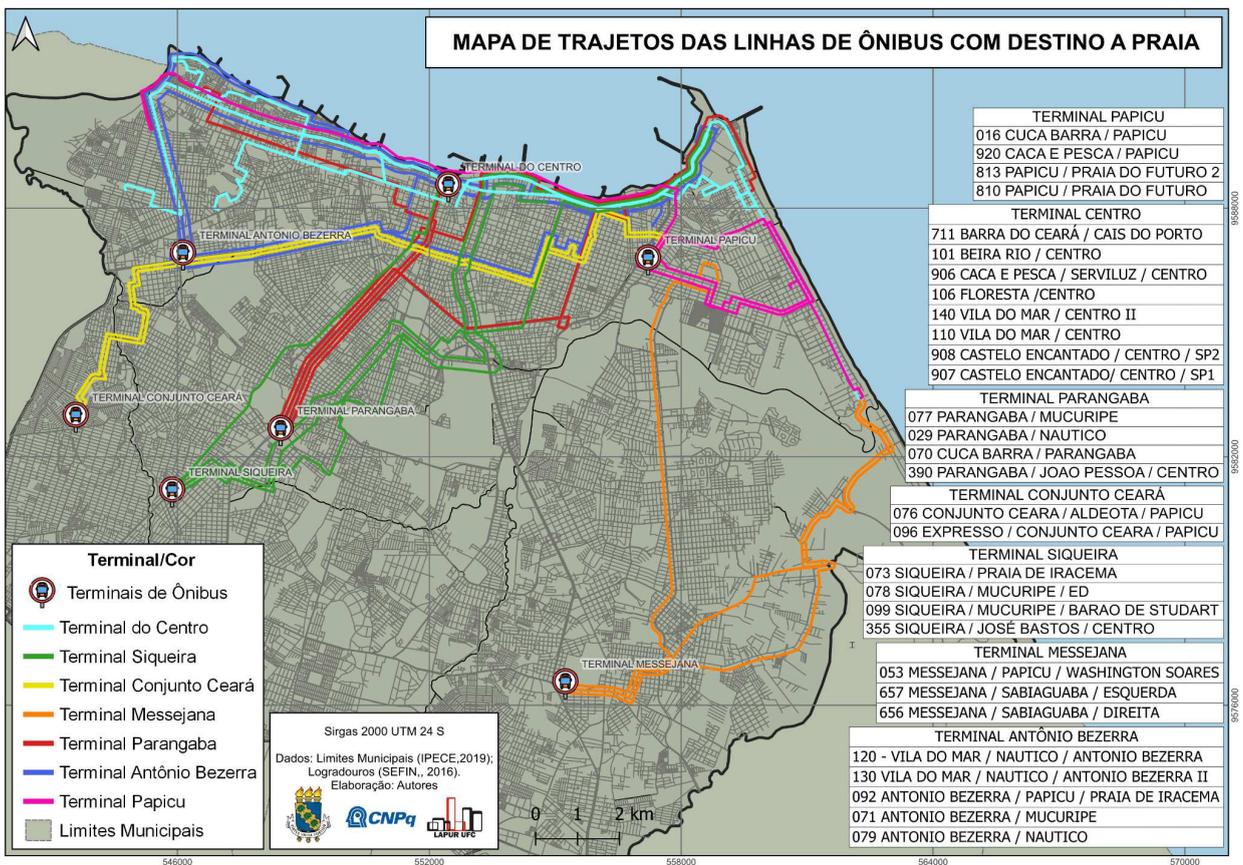
Conforme os dados coletados na pesquisa de campo, percebeu-se que a maioria esmagadora dos entrevistados, que são moradores da cidade, utilizam o transporte particular ou serviço de aplicativo de transporte como Uber no lugar de ônibus para a prática do surf. Os praticantes entrevistados (residentes de Fortaleza) falam que apesar de morarem longe da praia não utilizam o transporte de ônibus principalmente pela demora no deslocamento, preferindo transporte particular, como carro ou moto, seja seu ou de aplicativo de serviço, por motivos de praticidade, conforto e segurança. Há ainda os que moram em bairros ao redor da praia, estes comentam que devido a proximidade se deslocam para a praia a pé, permitindo que pratiquem o surfe em qualquer momento. Os poucos que afirmaram utilizar transporte público moram em bairros que não estão longe da praia mas que também não permitia ir a pé, estes dizem que ainda preferem ir de bicicleta. É importante salientar que os poucos que responderam que utilizam o transporte público fazem parte de algum projeto social de surfe.

Tais dados demonstram tanto o tipo de público que pratica o surfe e *bodyboard* como também a percepção de que as pessoas que moram em locais mais distantes da praia dependem principalmente de meios particulares, pois variáveis como grandes distâncias e a demora para chegar desmotivam o praticante, além da falta de segurança no transporte público com o risco de assalto e a impossibilidade de levar o principalmente equipamento de surf (prancha) no ônibus.

A seguir está o mapa de trajetos das linhas de ônibus que levam a praia, utilizando-se as linhas do Quadro 3 pode se perceber melhor que alguns terminais, como o da Messejana, estão restritos a determinadas praias e caso o praticante deseja ir para outra praia é necessário pegar um ônibus que pare em outro terminal e a partir dele ir para o desejado. Além disso, é notória a distância entre o Terminal da Messejana para os outros terminais enquanto as pessoas que moram em bairros do Centro-Sul da cidade, mais especificamente entre o Terminal da Parangaba e o da Messejana precisam ver qual das linhas é mais viável, a depender da localidade o tempo torna-se maior. Outra reflexão que pode ser feita com base neste mapa é que as pessoas que moram no extremo sul da cidade, apesar de morar em uma cidade litorânea, pode não ter sua escolha primária de lazer a praia, devido a distância, quantidade de linhas que é necessário pegar e o tempo tanto para ir quanto para voltar.

A análise benéfica é que as comunidades que vivem no entorno das praias são as que mais utilizam a praia como lazer, em algumas, a prática de surfe é pauta de movimento de resistência e mobilização. Os jovens até os mais velhos praticam e possibilitam a vinda de pessoas de bairros ao redor que desejem conhecer a praia ao lado.

Mapa 5 - Trajetos das Linhas de Ônibus com destino a Praia



Fonte: IPECE, SEFIN, ETUFOR. Elaborado pelo autor.

O estudo do espaço, especificamente o espaço urbano, como importante categoria de análise para a Geografia, não poderia deixar de ser contemplada neste tópico, uma vez que pretendemos analisar a mobilidade urbana em um espaço construído, tendo como base a dualidade espacial. Assim, o estudo realizado sobre o espaço urbano capitalista, aliado ao entendimento do processo de urbanização, nos últimos cinquenta anos, verificado nas cidades brasileiras, particularmente em Fortaleza, revelou que a produção do espaço das praias foi marcada por uma produção diferenciada, tendo em vista o interesse de agentes distintos, caracterizando o fenômeno da segregação socioespacial. Nesse sentido, pode-se afirmar que quanto mais aumenta a ocupação da periferia, a necessidade de deslocamento aumenta proporcionalmente, porém a oferta no setor de transporte público não atendeu à demanda.

Ao conectar-se com a segregação espacial, exclusão social e o fato de existir limitações de acesso fez-se necessário entender o conceito de mobilidade utilizado neste tópico. Portanto, estes equivalem-se à aptidão de um indivíduo se deslocar, envolvendo o desempenho do sistema de transporte, bem como das características do indivíduo e das suas necessidades como renda e tempo. Assim, se a oferta do transporte coletivo não for adequada às necessidades daqueles que dele necessitam, pode se tornar uma barreira à inclusão social e um impedimento

ao acesso às oportunidades e atividades de lazer essenciais que a cidade disponibiliza. O que possibilita dizer que este se constitui em um importante elemento de inclusão urbana, pois depende dele o acesso das populações que não dispõem de meios de transporte próprios às oportunidades que a cidade oferece (como trabalho, serviços sociais, e as atividades como o lazer, entre outras).

Reforça-se que a mobilidade urbana não indica uma condição de exclusão social de determinado grupo de pessoas, mas se complementam em um dos equipamentos para superação dessa condição. Assim, esta pode ser considerada uma das cinco bases da inclusão social, ou seja, as políticas de inclusão devem abranger além da mobilidade urbana as políticas de emprego e renda, saúde, educação e habitação e que ambas se fortaleçam como política de Estado e não de governos.

3.6 Os projetos sociais de Surf

“Eu nasci e me criei na praia do Titanzinho, foi de onde eu tirei o meu objetivo para seguir o rumo do mundo. Tenho o surfe como meu trabalho. O Titanzinho é como meu campo de futebol, como o Maracanã. Precisamos de ondas para surfar.” (Tita Tavares, cearense tetracampeã brasileira de surf).

Desde os anos de 1970, Fortaleza iniciou o seu envolvimento no surfe. Mesmo que de forma acanhada, o direito ao esporte ademais começou a fazer parte das reivindicações dos movimentos populares (NOGUEIRA, 2015). Com a necessidade da elaboração de espaços públicos e projetos esportivos, o direito ao esporte começou a se caracterizar como uma procura legítima da sociedade democrático brasileira. Na Constituição de 1988, tanto o lazer como os esportes são apontados como direitos básicos juntamente com a saúde, educação, habitação, transporte, etc. O direito ao esporte disserta-se ao direito à cidade, extrapolando-se assim suas dificuldades de realização na circunstância de expansão industrial e urbana.

Em Fortaleza, através das técnicas do corpo, criam-se vários exemplos reconhecidos dessa política de “esportivização” do surfe; crianças que cresceram em precárias condições de vida e cuja ascensão social pode ser percebida pela carreira profissional vitoriosa. As escolinhas de surfe constituem papel importante na disseminação do surfe como possibilidade de obtenção de renda e cidadania. Um dos exemplos mais marcantes é o da ex-aluna de escolinha e surfista da praia do Titanzinho, Tita Tavares, que ficou famosa mundialmente pela sua performance esportiva. Protagonista num esporte constituído de maneira geral por homens, Tita Tavares ainda hoje reside na comunidade convivendo e incentivando os atletas da nova geração (RED BULL,

2020)²⁰. A surfista de ondas do Titanzinho foi a primeira mulher a sagrar-se tetracampeã brasileira e a participar do circuito mundial de surfe com o feito de ser a primeira mulher a arrancar um 10 unânime dos juizes do WQS, a divisão que dá acesso à elite do surfe mundial (NOGUEIRA, 2015).

No Ceará, as razões da popularização do esporte no Estado foram a impressionante performance dos atletas locais e o aumento do consumo desse estilo de vida em crescimento ultimamente por mulheres (NOGUEIRA, 2015). De modo geral, o surfe, que no início era um esporte prioritariamente destinado aos jovens brancos e ricos do sexo masculino, vem rapidamente se estendendo a outros públicos.

No surfe, as imagens dos heróis e dos ídolos são muito importantes e marcantes. Por via da imagem-reflexo o surfe chama e envolve cada vez mais novos adeptos. Em Fortaleza a admiração dos meninos em relação aos atletas vitoriosos que se tornam ídolos por intermédio do esporte é muito intensa. Esses heróis, alguns de origem de baixa renda, conquistaram melhorias consideráveis em suas condições de vida (financeira, estética, intelectual) e deixam no esporte uma alternativa para uma vida consolidada e segura. Mesmo com o sucesso, esses ídolos/heróis são abastecidos de qualidades simpáticas, as quais viram virtudes aos possíveis aspirantes a atletas. Usufrui-se, entre outras coisas, da disponibilidade de repassar as manobras e as técnicas do surfe aos mais novos. Com relação aos atletas do Titanzinho, no bairro Serviluz, essas características são perceptíveis entre os mais novos. Os campeões locais habitam no bairro, transitam pelas ruas, surfam no local, mesmo que depois de terem feito sucesso mundial, permanecem fazendo parte da vida diária dos moradores do bairro (NOGUEIRA, 2015). Dessa forma, muitos jovens crescem com o desejo de se tornarem esses mesmos heróis e ídolos.

A criação desses heróis não foi uma formação sem conflitos e adversidades, pelo contrário, em algumas comunidades como a do Titanzinho e da praia da Leste, surfistas campeões e que hoje são ídolos do momento, antes eram vistos de forma marginalizada. Assim, pode-se perceber o grande impacto que a dimensão do surfe de competição promoveu à comunidade. Hoje, depois da consagração nos pódios, esses atletas se impõem como praticantes profissionais de um dos esportes de maior ascensão no Brasil nos últimos 30 anos (SPORTS VALUE, 2023)²¹.

São, no entanto, escassos e breves os resultados e experiência de sucesso no circuito competitivo. Apesar disso, com as escolinhas esportivas e outras iniciativas, o Estado busca elaborar, transmitir e preservar formas particulares de sociabilidade similares com o projeto de

20 Disponível em: [Tita Tavares é a pequena gigante do surfe brasileiro \(redbull.com\)](https://www.redbull.com/pt-br/tita-tavares-e-a-pequena-gigante-do-surfe-brasileiro). Acesso em 25 de maio de 2024

21 SPORTS VALUE. Disponível em: Sports Value – marketing esportivo, patrocínios, propriedades esportivas.. Acesso em 26 de maio de 2024

poder. Tenta coibir ou até mesmo desaprovar ações e práticas consideradas inadequadas a esse projeto socioeducativo, que perpassa também pela moralidade e pelo desenvolvimento dos tipos físicos ideais. Nesse sentido, as políticas públicas de esporte se convertem na possibilidade de recuperação da juventude que não tem condições financeiras para a prática, fato percebido nas falas dos governos, da mídia e dos praticantes envolvidos (NOGUEIRA, 2015).

As escolinhas de surfe, na perspectiva das metodologias utilizadas nos projetos, compreendem, além das aulas diretas do mar, palestras, filmes, treinamentos em água parada, treinamento de equilíbrio em equipamentos específicos, desenvolvimento de força muscular e principalmente da disciplina ensinada nas aulas. As aulas práticas englobam a inserção do indivíduo em águas paradas, o progresso de remada, levantar na prancha, disposição sobre a prancha, técnicas de furada de onda, até o treinamento de manobras; aulas de salvamento em água parada e em movimento, com também fundamentos de primeiros socorros. Em determinadas escolinhas, além do esporte, são repassados exercícios como reforço escolar e estímulo à segurança alimentar.

Sem deixar de lado a importância do surfe para o desenvolvimento social das crianças e adolescentes, a competição é frequentemente gerada mediante a oferta de disputas internas realizadas regularmente, integrando a participação de atletas de outras localidades convidadas. Além do que, os alunos são encorajados, na medida do possível, a envolver-se em competições a nível regional e nacional. As praias da Leste e do Titanzinho despontam como um celeiro de atletas com projeção nacional e internacional. Nos dias de hoje, dificilmente se pode discutir do surfe cearense, e até mesmo brasileiro, sem levar em consideração a importância dos atletas do Titanzinho (NOGUEIRA, 2015).

O surfe que alcançou no bairro através “galera” de fora, ainda na década de 1970, nesse tempo, entre os filhos de pescadores, ainda não se via o surfe com o formato de pranchas como hoje em dia (FRANCO, 2013). Os surfistas de outras localidades continham o entendimento sobre as águas. Retrata-se que muitos jovens, até mesmo, passaram por momentos em que foram impedidos de praticar na sua própria praia para não atrapalhar o surfe dos visitantes (FRANCO, 2013). O surfe alcançou muitos moradores que não tinham dinheiro para comprar uma prancha de verdade. Por isso se tornou comum a prática de surfe com pranchas feitas de tábuas de madeiras improvisadas (NOGUEIRA, 2015).

Já nos anos de 1980, revelaram-se os primeiros jovens atletas campeões de surf cearenses e as escolinhas aumentaram. A partir disso, então, o ingresso no surfe se tenciona também como oportunidade concreta de renda e inserção social. A prática do esporte precisava, porém, estar relacionada à imagem de uma juventude mais saudável, solidificada nos corpos dos

atletas locais. Aflorou o desejo de criar atividades corporais capazes de modificar a imagem carregada das comunidades periféricas, associadas à mancha urbana, fazendo-o variar em novas memórias e engajando-o em “novas” tradições culturais (NOGUEIRA, 2015).

Uma das primeiras escolinhas local de surfe emergiu com uma iniciativa elaborada pela Associação de Moradores do Titanzinho no final da década de 1990 (NOGUEIRA, 2015). O estímulo ao surfe, da mesma forma como a outros esportes, começou a ser gradativamente fixado nos projetos sociais ali criados. Portanto, a prática de surfe começou a ser visualizada como uma alternativa de fato de mudança social. As histórias e projetos apontam o rumo das ondas como uma das formas de mostrar que o bairro não era somente constituído de grandes problemas e desse jeito demonstrar o potencial da comunidade tanto para dentro quanto para fora da comunidade.

De forma gradual, o ensino do surfe, juntamente com o trabalho de limpeza da praia e outras ações relacionadas à manutenção do espaço litorâneo adentraram determinantemente nas relações e no planejamento das entidades associativas. A preconização de uma conscientização ecológica local, por exemplo, advinha do princípio de que a praia e o mar não são uma lixeira, mas um ideal *point* de surfe.

A consciência com a manutenção dos ecossistemas, pouco a pouco se ligou às formas de organização social do surfe como trabalho e cidadania. Os surfistas, em certos casos, conversam com os conhecimentos de luta dos pescadores em volta da obtenção de melhores condições materiais de trabalho.

Segundo Nogueira (2015), às histórias indicam que em certos momentos a sensação que há é de não existir um céu para muita estrela e que, por isso, o desafio dos projetos da comunidade é justamente unir as forças locais criadas em torno do surfe. Para isso, algumas das escolinhas, porém, são capazes de se organizar para elaborar campeonatos que se formam como espaços de socialização, pois são mostruários da cultura local. Nesses espaços e campeonatos, os visitantes que observam as performances são potenciais alunos dos cursos de surfe e até mesmo se tornam colaboradores dos projetos sociais. O ensino do surfe e a formação dos torneios competitivos começaram a abranger cada vez mais pessoas. Ademais, os turistas provocam uma circulação financeira e uma troca cultural sucessivamente ingerida por outras partes comunitárias, associadas ou não ao surfe.

A praia do Titanzinho, por exemplo, hoje é identificada por algumas expressões como “celeiro do surfe cearense”, “a esquina leste de Fortaleza”, “a praia onde o vento faz curva”. Essas e outras manifestações indicam que começou a existir uma nova ideia da cidade sobre o espaço (NOGUEIRA, 2015). O confronto à marginalidade juvenil necessitou se

intensificar através do surfe, pois estava ocasionando um dos extensos problemas do bairro: a ausência de visitantes. O preconceito com o local diante da cidade provocava, entre outras coisas, a carência de empregos honestos para os moradores locais. O surfe manifestou-se como válvula de escape ao aumento da criminalidade que prejudica as ruas do bairro.

Como foi dito anteriormente, os jovens locais de início tiveram dificuldades em fortalecer essa prática, pois os próprios pais e familiares não apoiavam. Surfar, com efeito, representou por algum tempo ideias associadas a não querer estudar e sua atividade estava quase sempre relacionada à ociosidade e aos vícios juvenis. Durante o período da formação dos competidores da primeira geração, dentro da própria comunidade, esse era um esporte nitidamente carregado de preconceitos sociais.

Mesmo com certa restituição da imagem do bairro e do aparecimento de estilo de vida mais “saudável”, o esporte, por ser praticado nas comunidades, segue em revelar-se carregado de pesados preconceitos.

Mesmo com o estigma, a prática do surfe na periferia urbana de Fortaleza surgiu como mais uma alternativa de lazer, trabalho e cidadania. E, à medida que se transformou numa espécie de escola local reconhecida, muitos surfistas se profissionalizaram e conquistaram um volume de dinheiro que seus pais jamais imaginariam conseguir. Além dessa praia de sucesso, contudo, há a lembrança dos jovens da mesma localidade que não alcançaram êxito.

O fato é que, com o êxito de alguns praticantes locais, os jovens viraram presença garantida em revistas e demais publicações especializadas na prática. Nas notícias, ainda assim, ainda era habitual o ácido reconhecimento da trajetória vitoriosa desses atletas. Na mídia, havia quase sempre a questão de como seria possível um jovem chegar tão longe, vindo do lugar tão precário e violento no qual estava inserido. Na difícil batalha por títulos e premiações, era quase que impossível que de um lugar tão difícil conseguisse sair a quantidade de talentos e estrelas.

Gradativamente, porém, aumentaram-se os projetos, os jovens ganharam reconhecimento e conseguiram ascensão social. A notoriedade e o sucesso vieram a apresentar que essas pessoas tinham chances de ir além daquilo que aparentemente estava disposto como limite das possibilidades de vida na “favela”. A superação do preconceito e da desigualdade econômica, no entanto, pedia tanto um intenso treinamento técnico quanto a corroboração de uma série de mudanças no que se refere ao estilo de vida, alternando-se aí antigos hábitos e novos comportamentos. Surgiu dessa negociação o propósito de fundamentar novas opções de vida, de sentir com outras experiências.

As narrativas de vida, segundo Nogueira (2015) mostram que depois da inserção das escolinhas, ainda que muitas pessoas aprendam e pratiquem sozinhas, há uma trajetória difícil

dos competidores como regra geral. O surfe não teve um começo tão rico e tão nobre (REZENDE, 2013). Antes discriminado, hoje é considerado como uma profissão, um estilo de vida; mas muito poucos atletas sobrevivem, enquanto outros apenas sonham. Além do que, esse esporte também era e é considerado de forma geral, caro, quase que inacessível, para as condições financeiras da população local. Hoje se configura uma variedade de rede de trocas e solidariedades que possibilita a de fato todos os jovens da comunidade terem acesso gratuito ao exercício.

Uma característica marcante é que os praticantes desse esporte começaram a apresentar mais facilmente o amor pela praia, fazendo vislumbrar certa satisfação de ter próximo a sua casa um espaço para a prática do surfe. Reconfigura-se, dessa forma, as conexões antes firmadas com o meio ambiente. Não mais se revelava nas perigosas pescarias mar adentro, mas manifestaram o gosto pela adrenalina de estar dentro d'água competindo. Dessa forma, o gosto pela vida no mar e pela natureza se desenhou como uma condição ambiental.

O surfe forma-se como impulsionador de cultura e redes de sociabilidades, aflorando em meio às territorialidades que o caracterizam. É exatamente o que acontece em certos espaços urbanos, como a Praia do Titanzinho, os quais são apossados por pessoas, pelas relações específicas entre eles firmadas. Sendo essas ligações de competição, poder e dominação, produz-se o contexto no qual o espaço se torna um território criado e disputado.

O fato é que, nas últimas seis décadas, o esporte que era julgado como um lazer ou um estilo de vida se transformou um dos maiores influenciadores da cultura jovem no mundo, de forma que os hábitos de consumo dos praticantes, ainda mais dos consumidores aspirantes, constituem um mercado importante, o que se retrata nas manifestações culturais, nas prioridades e nos objetivos do praticante desta atividade (LINHARES e ZUCH, 2016).

No caso de Fortaleza, têm-se diversos projetos sociais de diferentes iniciativas que atendem os jovens principalmente de comunidades periféricas, além de outros grupos sociais, um exemplo é a iniciativa Surf Ladies, na praia da Leste, que abrange praticantes mulheres LGBTQIA+; e que também são para as que não possuem condições financeiras de praticar a atividade. Das que se destacam possui escolinhas em praticamente todas as praias da cidade, que são o: Surf Resgatando Sonhos e Projeto Juventude na Onda. Ambas iniciativas governamentais e que oferecem uma alternativa para os jovens.

3.6.1 Surf Resgatando Sonhos

O que se percebe de mais marcante do que é narrado e entendido é que o surfe principalmente, vivenciado nesse contexto está para além das relações com as ondas do mar, o que significa dizer que a prática corporal é construída não só pelos aspectos físicos, mas também como uma experiência fundamentada por ações e desejos que procuram vivenciar o surfe nas dimensões sociais e afetivas (NOGUEIRA, 2014). Durante a pesquisa de campo, foi possível visualizar que alguns praticantes entrevistados foram incitados a pensar e a representar o surfe por meio de suas histórias de vida, espaço-tempo esse permeado pelas sensações compreendidas nessa relação de suas realidades.

Com capital de quase R\$10 milhões, a Lei Estadual de Incentivo ao Esporte (Lei 15.700/2014) tem disponibilizado a realização de projetos esportivos que afetam diretamente a vida de milhares de pessoas em todo o Ceará. Até dados de 2019 havia aproximadamente 31 iniciativas a receber ajuda advindas da renúncia fiscal do Governo do Ceará aliada a entidades do setor privado. Nesta forma democrática de financiamento de políticas públicas para o Esporte, quem é beneficiado são aqueles que mais precisam. O exemplo disso é o cenário hoje experienciado por centenas de crianças e adolescentes acompanhados pelo Surf Resgatando Sonhos, um dos projetos aproveitados com o incentivo, que assegura toda a estrutura para quatro escolinhas de surfe designada ao atendimento da juventude em comunidades que circundam as praias da Barra do Ceará, Leste Oeste, Praia do Futuro e Taíba (GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ, 2019)²².

Figura 25 - Jovens do projeto Surf Resgatando Sonhos.



Fonte: Governo do Ceará.

²² Disponível em: [Com a Lei de Incentivo ao Esporte, escolinhas de surfe ajudam a transformar a vida de jovens da periferia em Fortaleza - Governo do Estado do Ceará \(ceara.gov.br\)](#). Acesso em 30 de maio de 2024

A ideia de investir no social através da prática do surfe surgiu com a educadora física Carol Teles quando ela mesmo começou a dar aulas nas areias da Leste-Oeste. Prontamente percebendo a necessidade de iniciativas sociais presentes na região. Com a ajuda do também educador físico Sousa Júnior, desenvolveu e inscreveu o projeto do Surf Resgatando Sonhos no edital da Lei de Incentivo ao Esporte (GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ, 2019).

Com as inscrições e a difusão do projeto nas escolas ao redor dos núcleos foram reconhecidas 21 escolas, efetivando a inscrição de 317 beneficiados no projeto. Até 2019 havia 135 crianças matriculadas para as aulas (GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ, 2019). Em Fortaleza, os núcleos de surfe agraciados são a Escola Itim Silva Surf School (Leste Oeste), a Escola PF Surf School (Praia do Futuro) e a Escolinha de Surf Cesar Silva (Barra do Ceará). Por fim, também na Praia da Taíba, em São Gonçalo do Amarante (Região Metropolitana de Fortaleza), a Casa Pas forma a lista (GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ, 2019).

As aulas de surfe para a comunidade são feitas, em geral, de terça a sexta-feira, nos turnos de manhã e tarde, nas quatro escolinhas citadas. Cada aluno é auxiliado duas vezes por semana, dentro do período de uma hora de duração para cada aula. Enquanto para as atividades, os núcleos conservaram material esportivo completo para responder às crianças e uma equipe apropriada tecnicamente, entre professores e instrutores. Além das sessões de surf, foram promovidas, junto à comunidade local, oficinas mensais focadas em sustentabilidade, incluindo a implementação de hortas comunitárias, pintura de bueiros e diversas outras iniciativas que estimularam a participação coletiva e transformadora do entorno das comunidades atendidas pelo projeto. Crianças, adolescentes e jovens portadoras de deficiência também são assistidas.

O primeiro edital foi publicado em 2017, a Lei de Incentivo ao Esporte do Ceará procura, através de incentivo fiscal, estimular projetos de caráter esportivo e paradesportivo por meio de patrocínio e doação de tributários do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS). As escolhas de projetos a serem assistidas pela legislação são difundidas pela Secretaria do Esporte e Juventude (Sejuv). Mediante os editais, o instrutor solicitante elabora um projeto atendendo todas as exigências. As iniciativas escolhidas ganham um certificado que as aprova para captar recursos (GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ, 2019).

Estão adequadas a patrocinar projetos as empresas colaboradoras de ICMS no Ceará que não tenham nenhuma dedução legal que ultrapasse os 70% do imposto, ou que possua muita substituição tributária e que esteja em situação de regularidade fiscal com a Secretaria da Fazenda (SEFAZ). As instituições privadas poderão disponibilizar até 2% do imposto a pagar. Entre as principais empresas incentivadoras estão a Companhia Energética do Ceará (Enel),

Norsa Refrigerantes da AMBEV S.A, Três Corações Alimentos S.A. e Companhia Industrial de Cimento Apodi (GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ, 2019).

Até 2014, mais de 700 crianças e adolescentes advindas de áreas com grande índice de vulnerabilidade social em Fortaleza depararam uma nova perspectiva de vida ao ingressarem no programa "Surf Resgatando Sonhos", feito nas praias da cidade. Meninos e meninas das comunidades da Barra do Ceará, Leste Oeste e Titanzinho estão entre os protagonistas da temporada 2023/24 deste projeto, que já impactou positivamente mais de 1500 pessoas Projeto utiliza o surf para transformar vidas em comunidades vulneráveis na orla de Fortaleza (NOTÍCIA SÉRIA, 2024)²³.

As comunidades abaladas pela violência, mas que tem acesso próximo à praia, fornecem um ambiente ideal para afastar crianças e jovens da criminalidade, ao mesmo tempo que criam oportunidades para a formação de novos talentos no surf. A escolha dessa modalidade para o projeto se deve à escassez de oportunidades de acesso ao esporte nessas regiões, e essa alternativa se tornou possível com o auxílio da ENEL, por meio da Lei de Incentivo ao Esporte do Estado do Ceará.

O projeto já celebra casos de crianças que entraram como iniciantes e hoje se destacam como atletas no cenário regional e nacional. Os frutos ultrapassam os pódios de campeonatos, compreendendo histórias de superação, como o retorno aos estudos, a vitória sobre a depressão e a mudança de perspectivas de futuro. O maior objetivo é proporcionar a integração social com responsabilidade ambiental e educacional por meio do surf.

3.6.2 Projeto Juventude na Onda

O Projeto Juventude na Onda possibilita acumular conhecimentos e auxílio de gasto a professores de 15 escolas de surf participantes, localizadas entre a Praia do Futuro e a Barra do Ceará, escolhidos por meio de edital. O propósito é ajudar para a formação de uma nova geração de profissionais, capazes de proporcionar o desenvolvimento humano e cultural de jovens surfistas em áreas vulneráveis da cidade. Sustentado pela Prefeitura de Fortaleza, através da Coordenadoria Especial de Políticas Públicas de Juventude, opera em ações sustentáveis, compreendendo a rede de proteção social das crianças e adolescentes da cidade. Em 2017, a quantidade de pessoas desfrutadas pelo projeto "Juventude na Onda" foi de 376. Acrescentado o projeto com trabalhos que propiciem a rápida empregabilidade e a autossustentabilidade, já

²³ Disponível em: [Notícia Séria Brasil | Portal de Notícias \(noticiaserialbrasil.com.br\)](https://noticiaserialbrasil.com.br)

promoveu quase 100 jovens na execução de cursos, em colaboração com a Secretaria do Trabalho e Desenvolvimento Social (STDS) (PROJETO ORLA, 2018).

Em 2017, na praia do Titanzinho, a Prefeitura de Fortaleza realizou a 2ª edição do campeonato de surf e *bodyboard* do projeto Juventude na Onda, por meio da participação exclusiva de 130 jovens ajudados pelo projeto (PROJETO ORLA, 2018)²⁴.

Figura 26 - Logo da campanha Juventude na Onda.



Fonte: Portal Juventude Fortaleza.

O programa Juventude na Onda tem o intuito de ajudar com a educação esportiva de uma nova geração de profissionais. Os escolhidos ganham um auxílio de custo mensal no valor de R\$1.000 para os instrutores e R\$300 para os monitores (PREFEITURA DE FORTALEZA, 2022)²⁵. Com o estímulo, são ofertadas aulas de surf e bodyboarding em escolinhas de surf, na extensão de toda a orla de Fortaleza.

Podem participar do edital profissionais que já sejam instrutores de escolas de surf ou bodyboarding situadas no município de Fortaleza e com disponibilidade de carga horária semanal mínima de 20 horas para as vagas de instrutores. Enquanto as vagas de monitores, podem concorrer jovens de 15 a 29 anos que sejam nomeados pelos instrutores das escolas de surf e bodyboarding de Fortaleza e com flexibilidade de carga horária semanal necessária (PREFEITURA DE FORTALEZA, 2022).

O surf tem sido estudado dentro de uma perspectiva social formativa, como uma forma para a educação de jovens vítimas de uma ordem social que se constrói em um contexto desumanizante transpassado de injustiças. São esses projetos que auxiliam o surfe como

24 PROJETO ORLA FORTALEZA, 2018. [s.l.: s.n.]. Disponível em:

<https://urbanismoemioambiente.fortaleza.ce.gov.br/images/urbanismo-e-meio-ambiente/infocidade/projeto-orla/projeto_orla_2018.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2024.

25 Disponível em: [Prefeitura de Fortaleza lança nova edição do Juventude na Onda](#). Acesso em 5 de junho de 2024

instrumento de educação, promovendo ideais de cidadania e conscientização ambiental, como é dito pelo historiador Nogueira em sua tese sobre a relação do surfe com os processos sócio-históricos de uma comunidade litorânea: “Natural e social articulam-se continuamente. Entre outros resultados, a prática do surfe na periferia urbana de Fortaleza concretizou-se em inserção social e educação ambiental” (NOGUEIRA, 2015, p. 7).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento das práticas marítimas modernas de Fortaleza corroboram um dos grandes exemplos de mobilização popular da cidade, mudança espacial litorânea, urbanização das praias, fonte de renda e atração urbana. Compõem um dos vários centros de concentração de práticas que chamam muitos praticantes como também uma alternativa social e que se conserva e se transforma diante das alterações urbanas tão aceleradas desde a segunda metade do século XX. Este fenômeno se demonstra, parcialmente, pelo atributo historicamente elaborado pelos sujeitos e pela necessidade objetiva de afinidade com o mar e com o lazer. As práticas marítimas modernas ganham a função de vetor de transformação, adaptação, oportunidade e turistificação além de desenvolverem a técnica, a leveza, a sensibilidade e a poética do corpo.

O *bodyboard* e principalmente o surf têm suas raízes desde os povos da Polinésia e apesar que por muitos anos ela quase desapareceu, hoje é um dos esportes mais populares entre as pessoas, tendo adeptos pelo o mundo inteiro. Os campeonatos mundiais foram fundamentais para a atração a esse estilo de vida em contato com a natureza. O Brasil tornou-se referência no esporte com o *Brazilian Storm*, sendo atualmente um dos países com maior número de praticantes e que atrai cada vez novos praticantes que têm interesse em conhecer as praias do país. A inserção da modalidade nos Jogos Olímpicos chamou a atenção de potenciais praticantes que não conheciam a atividade ou estigma com quem praticava. Todos esses fenômenos foram primordiais para o desenvolvimento do exercício, tornando-se uma alternativa social e econômica.

Apesar de chegar de forma discreta em Fortaleza, a prática aos poucos foi se desenvolvendo na região, principalmente em torno de comunidades pesqueiras que tinham contato diário com o mar, o fenômeno *Brazilian Storm* foi um divisor de água para o esporte brasileiro, no caso da capital cearense, foi fundamental para o aumento da criação de novas escolinhas de surf e da transformação da zona de praia, pois, cada vez mais pessoas desejavam participar dessa modalidade.

Hoje, em Fortaleza, com os dados do campo coletado, as mais de sessenta e cinco escolinhas transformaram as zonas de praia atraindo pessoas para consumirem os espaços e investimentos na localidade. Certamente, outros processos como a própria expansão urbana, valorização de lazer na praia e desenvolvimento do território influenciaram a urbanização da zona costeira, contudo, as práticas marítimas esportivas contribuíram para a criação, inovação e aperfeiçoamento dos componentes urbanos. Como visto no Quadro 2, os elementos urbanos de cada praia retratam essa expansão dos itens urbanos em espaços litorâneos, uma vez que os objetos de turistificação desejam acompanhar esse processo.

Portanto, mesmo com as dificuldades de mobilidade com o transporte público, os habitantes de Fortaleza acertaram a capacidade de criar diálogo com a praia, de negociar, na medida possível, a mudança cultural no seu ritmo. Essa capacidade de movimentar interesses locais consegue fazer surgir um sentimento comunitário, importante em tempos de globalização.

As transformações espaciais litorâneas, estimulada por atividades de dimensões globais, como o surfe e o lazer, assim, não ocorrem de forma espontâneo, criam-se antagonismos ou aflições são criadas performaticamente numa relação, conflituosa, complexa e em constante crescimento. Essa visão de compreensão da cultura, elaborada no interior dos conflitos e das possibilidades da vida social, coloca em dúvida o predomínio da questão econômica, a herança cultural e a preservação da tradição como aspectos importantes de reconhecimento entre os homens de uma certa sociedade. Dessa forma, não há uma identidade original propriamente dita, não há uma forma autêntica de cultura ou uma tradição naturalmente herdada.

Não tendo uma tradição cultural exclusivamente genuína, os projetos culturais e a formação das sociabilidades comunitárias entre as pessoas e grupos devem ser desenvolvidos como emergências criativas e hibridismo culturais que nascem no tempo do agora, e não como delicada transição em direção a um futuro melhor. Em meio a desenraizamento contínuo, há negociações díspares e atos amotinados que caracterizam o tempo contingente dos corpos em performance. Assim, as experiências sociais criativas são capazes de remodelar o devir, aparentemente ofertado pela racionalidade econômica e cultural dominante.

O que se mostra nesta monografia é que com a chegada do surfe em Fortaleza, vários jovens, principalmente na faixa etária de 11 a 18 anos foram sensibilizados de tal forma que passaram a criar outro tipo de relacionamento com a cidade, com seu corpo e com os elementos técnicos, carecendo obter uma cadeia de aprendizado sobre os mares, das pranchas e da relação entre os mares e as pranchas que eles dificilmente teriam necessidade de compreender se não por meio da prática dos surfe.

O lazer é um fenômeno multidimensional que circunda o movimento pendular de pessoas para vários destinos, compreendidos como integrantes geográficos ou como um lugar onde as práticas de ócio ocorrem. Sendo que, a constituição e a ampliação de espaços para a atividade, assim como a forma como estes espaços se articulam com o tecido urbano antigo, depende do território e do contexto histórico e social (REIS e JORGE, 2015). Isto quer dizer que, as práticas são incorporadas ao território e territorializa eles, criando novas territorialidades em cada faixa de praia, com escolinhas em estrutura física; um sistema de mercado de consumo servindo de apoio; a apropriação por parte das comunidades locais que vivem no entorno que utilizam o surfê como instrumento de resistência, luta e oportunidade. Além de toda uma estrutura padronizada entre as faixas de areias, como barracas de praias, que se tornam base para o desenvolvimento de práticas marítimas modernas, no caso, o surfê e *bodyboard* para serem consumidos.

Frequentemente os componentes naturais de um país ou região são citados como criadores de lugares para a apropriação de lazeres dando, deste modo, origem a novas identidades locais (REIS e JORGE, 2015). No espaço litoral, as estâncias balneares contribuem como recursos primários as praias e as paisagens naturais, mas a carência de outras diversões e atividades complementares (também em época baixa) tem ocasionada à sua reconversão. Portanto, e para chamar mais praticantes, os promotores e empresários das práticas atraem para os novos potenciais de lazer, atribuindo-lhes slogans chamativos (por exemplo, “Fortaleza - Terra do Sol”) que dão uma ressignificação a novas práticas marítimas modernas.

Com a presente monografia, objetivou-se refletir sobre a transformação das funcionalidades do território de Fortaleza, por meio do desenvolvimento de funções alternativas e verificar como as práticas marítimas modernas como o surf e *bodyboard* podem ser fonte de renovação de um território. A vocação de Fortaleza como um destino de surf vira-se natural, apesar de a disseminação desta imagem formar um fenômeno de certa forma recente. Entre o variado conjunto de recursos naturais e diversidades existentes em Fortaleza, as praias possuem um lugar de destaque e têm vindo a influenciar novos hábitos de consumo, dando um pontapé à transformação do litoral que inicialmente só era ocupado e usufruído por comunidades de pescadores e agricultores. Hoje, o dia a dia dos moradores e demais visitantes que transitam pela cidade é caracterizada pela praia e conseqüentemente as práticas relacionadas a ela. Entre os motivos que podem ter ocasionado os responsáveis pelo destino a colocar, lado a lado, uma prática empregada no decorrer dos últimos anos com outras relacionadas à própria origem e às tradições locais, está o mar, que determina a ligação entre a pesca e o surf. Promover o surf como

meio incorporador de valor, de natureza multidimensional e multidisciplinar é, assim, potenciador de identidade e de competitividade.

A descoberta do potencial da região para a prática do surf e o pioneirismo reconhecido por uma geração de surfistas mais qualificados e empreendedores, que tinham o surf como ideal e modo de vida e que conseguiram potencializar recursos e desenvolver iniciativas, foram o vetor do enorme desenvolvimento da prática e da praia, fazendo com que o desporto venha ganhando respeito e adeptos no decorrer do tempo. Olha-se que a prática de vilegiatura modernas de surf configura-se uma alternativa de renovação dos destinos e transformação da praia, neste caso Fortaleza, por meio da requalificação do produto, de procura de novos mercados e da valorização da cultura local, numa lógica de sustentabilidade, proporcionando o diálogo entre visitante e comunidade local e possibilitando a experiência, ao oportunizar vivências novas e diferentes aos visitantes, até mesmo dentro da própria cidade. Da mesma forma, pode ajudar para a diminuição da sazonalidade (que mostra no Ceará índices grandes) e para gerar caminhos ao consumo massificado, do mesmo modo que funciona como âncora de atratividade territorial (REIS e JORGE, 2015).

Fortaleza reestrutura-se, apoiando uma ligação reformada ao mar, colocada na valorização e preservação dos seus recursos marinhos. Isto quer dizer que, toda a relação entre a evolução territorial/turismo de surf e a constituição de Fortaleza enquanto território refere-se sempre, direta ou indiretamente, ao mar. O mar continua a retratar um importante papel no desenvolvimento local e ainda mais no modo de vida da comunidade local, agora já não tanto pelos produtos daí originados (peixe), mas, sobretudo, pela vontade que a imagem das suas praias/ondas/cultura local fomenta nos praticantes. Em outras palavras, o mar tem sido um dos maiores responsáveis pela transformação de Fortaleza e principalmente o estado do Ceará, em um território de lazer, o que demonstra cada vez mais a capacidade do território como recurso/produto principal.

Num mundo globalizado, a individualidade de um lugar encerra diferentes identidades que são, cada vez mais, configurada para consumo dos praticantes. E, assim, a globalização, ao mesmo tempo em que ameaça nivelar os territórios, fá-los reajustarem-se, mas à luz de novas relações de força. A potencialidade econômica de um território está, assim, relacionada à sua dinâmica em termos de inovação e depende de características e fatores específicos e únicos de cada território. Desta maneira, o reforço da identidade e das especificidades locais de Fortaleza são, pois, condição para a sua valorização enquanto território. Na cidade cearense, inclina-se a olhar-se a articulação das georreferências com novas práticas, com novas formas de lazer, com novos meios de usufruir o território. Pois o território, qualquer

que seja a sua proporção, é na sua natureza uma criação humana, é nele que se criam as relações sociais, é nele que se (re)cria a identidade e a particularidade cultural, neste caso concreto identidade que é efetivada no mar. Pois, Fortaleza é sinônimo de praia!

REFERÊNCIAS

- AQUINO, Sandra Helena Silva de. Dinâmica dos fatores de valorização e decadência da praia de Iracema. 2003. 154f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) – Programa Regional de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza. 2003.
- ALMEIDA, M. (2006). Cultura, turismo e identidade: a produção do ser e do lugar turístico. In Silva, J. et al. (Orgs.). *Panorama da Geografia brasileira*. São Paulo: ANNABLUME.
- ALMEIDA, M. (2010). Fronteiras, territórios e territorialidades. *Revista da ANPEGE*, 2 (2), 103-114.
- ANTUNES, M. M., CURY, S. N., TORRES, M. da S., & MOURA, D. L. (2010). As escolas de surf da Barra da Tijuca e do Recreio dos Bandeirantes : Mapeamento e diagnóstico do seu funcionamento. *EFDeportes.com, Revista Digital*, 1-5.
- ARAÚJO, Enos Feitosa de. Políticas governamentais e metropolização no Nordeste Brasileiro: Apontamentos espaciais nas cidades de João Pessoa (PB), Maceió (AL) e Aracaju (SE). 2015. 402 f. Tese (doutorado em geografia) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza-CE, 2015.
- ASSUNÇÃO, Juciara Conceição de Freitas; ARAÚJO, Maria Cristina Cavalcanti. Pelo direito de ir e vir na cidade: Mobilidade urbana e inclusão social em Cidade Praia - Natal/ RN. *Holos*, Ano 24, Vol. 1, 2008.
- AUDINET, L.; GUIBERT, C.; SEBILEAU, A. *Les “Sports de Nature”*. Paris: Édition du Croquant, 2017.
- Ascensão do surfe brasileiro se reflete nas praias cariocas. Disponível em: <<https://vejario.abril.com.br/cidade/ascensao-surfe-praias/>>. Acesso em: 31 maio. 2024.
- BADENHAUSEN K. Why no women rank among the world’s 100 highest-paid athletes. *Forbes* [cited 28 Oct 2021]. 2018. Available at <https://www.forbes.com/sites/kurtbadenhausen/2018/06/07/why-no-women-ranked-among-the-worlds-100-highest-paid-athletes/>.
- BARBIERI, Carla; SOTOMAYOR, Sandra. Surf travel behavior and destination preferences: An application of the Serious Leisure Inventory and Measure. *Tourism management*, v. 35, p. 111-121, 2013.
- BARROS, N. (2002). Análise Regional e Destinações Turísticas: possibilidades teóricas e situações empíricas em Geografia do Turismo. *Turismo Visão e Ação*, 4 (11), 9-32.
- BICUDO, P., & HORTA, A. (2009). Integrating Surfing in the Socio-economic and Morphology and Coastal Dynamic Impacts of the Environmental Evaluation of Coastal Projects. *Journal of Coastal Research*, II(73), 1115–1119. doi:10.2112/SI63-015.1
- BOOTH, D. Filmes e vídeos de surf: diversão adolescente, estilo de vida alternativo, indústria da aventura. 1996.

BOUDOU, J. L. Em favor da talassografia. Geografia, Vitória, n. 2, jun. 2001. p. 71-80.

BRASIL, F. K., Surfe "O fluir das inspirações marítimas". Campinas, 1996 (monografia Fel 805)

BRASIL. Lei no. 10.257, de 10 de julho de 2001. Estabelece diretrizes gerais da política urbana.

BRASIL, Vinicius Zeilmann; RAMOS, Valmor; GODA, Ciro. A produção científica sobre surf: uma análise a partir das publicações entre 2000-2011. Pensar a Prática, v. 16, n. 3, 2013.

BUCKLEY, Ralf. Turismo de surf e desenvolvimento sustentável nas Ilhas do Indo-Pacífico. I. A indústria e as ilhas. Revista de turismo sustentável, v. 10, n. 5, p. 405-424, 2002.

BUTTS. 2001. Bom até a última gota: Entendendo as motivações dos surfistas. Sociologia do Esporte Online, 4(1), visualizado em 6 de janeiro de 2011, <http://www.physed.otago.ac.nz/sosol/v4i1/v4i1butt.htm>

CAMPOS, André. O Valor do Surf e das Ondas na Economia Portuguesa. Dissertação de Mestrado em Gestão. Universidade Atlântica: 2016.

CAMPOS, S. A. (2017). O Turismo Científico na região Alentejo: Estudo exploratório acerca do perfil e motivações do visitante dos Centros Ciência Viva (dissertação de mestrado). Universidade de Évora - Escola de Ciências Sociais, Évora, Portugal.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. O espaço urbano: Novos Escritos sobre a Cidade. São Paulo: Labur Edições, 2007, 123p. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/dg/gesp>>.

CASTRO, Tiago da Silva. Mitos, discursos e construção das imagens dos paraísos turísticos no litoral. do regional ao global, p. 110, 2021.

CAVACO, C. (2006). Práticas e lugares de turismo. In Fonseca, M. L (coord.), Desenvolvimento e Território: Espaços Rurais Pós-agrícolas e Novos Lugares de Turismo e Lazer. CEG. Lisboa: 299-362.

CERRO, F.L. (1993). Técnicas de evaluación del potencial turístico. Madrid: MCYT. Serie Libros Turísticos.

Com ouro de Ítalo, o bilionário negócio do surfe segue rumo ao ápice | Exame. Disponível em: <<https://exame.com/casual/com-ouro-de-italo-o-bilionario-negocio-do-surfe-segue-rumo-ao-apice/>>. Acesso em: 20 fev. 2024.

COMITE OLÍMPICO INTERNACIONAL. Olympic Surfing: History of surfing at the Olympic Games em <http://www.olympicsurfing.com>.

CORBIN, Alain. O território do vazio: a praia e o imaginário ocidental. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

CORRÊA, Roberto Lobato. Trajetórias geográficas. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

- CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço, um conceito chave da geografia. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (Org.). Geografia: conceitos e temas. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 1995.
- CORRÊA. O espaço urbano. Rio de Janeiro: Ática, 1989.
- COSTA, Maria Clélia Lustosa da. Cidade 2000: expansão urbana e segregação espacial em Fortaleza. 1988. 295f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – FFLCH, Universidade de São Paulo, São Paulo. 1988.
- CRANG, M. (2004). Cultural geographies of tourism. *A companion to tourism*, 5, 74.
- CRAVIDÃO, F. (2006). Turismo e cultura: dos itinerários ao lugar os lugares. In Fonseca, M. L., Desenvolvimento e território - Espaços rurais pós-agrícolas e novos lugares de turismo e lazer, 269-279. Lisboa.
- CRAVIDÃO, F. (2012). Turismo, território e cultura: uma trilogia (sempre) em construção. *Espaço e Cultura*, (29), 35-42.
- CRAVIDÃO, F. (2014). Velho (s) Território (s): Novo (s) Turismo (s). In Costa, F. Brandão, R. Costa & Z. Breda (Eds), *Turismo nos Países Lusófonos: Conhecimento, Estratégia e Territórios*, vol. I, 59-69. Escolar Editora.
- CROUCH, D. (2000). Places around us: embodied lay geographies in leisure and tourism. *Leisure Studies*, 19 (2).
- CRUZ, Rita de Cássia Ariza. *Introdução à Geografia do Turismo*. 2 ed. São Paulo: Roca, 2003.
- CUNHA, L., & ABRANTES, A. (2013). *Introdução ao Turismo*. (5ª, Ed.). Lisboa: Lidel, edições técnicas
- CUNHA, L., CRAVIDÃO, F. (2008). Notas para uma Geografia dos desportos radicais em Portugal. In N. Santos & A. Gama (Coords.), *Lazer: Da Libertação do Tempo livre à conquista das práticas*, 131-145. Coimbra: Universidade de Coimbra.
- CUNHA, L. (2011). Autenticidade e Inovação: Factores de renovação dos destinos turísticos maduros. *Cogitur, Journal of Tourism Studies*, 4 (4), 9-28.
- DACOSTA, LAMARTINE (ORG.). *Surfe / Esportes radicais. Atlas do Esporte no Brasil*. Rio de Janeiro: CONFEF, 2006.
- DANTAS, E. De resignificação das cidades litorâneas à metropolização turística. In: COSTA, M. C. L; PEQUENO, R. Fortaleza: transformações na ordem urbana. Rio de Janeiro: Letra Capital; Observatório das Metrôpoles, 2015. p. 111-141. CRUZ, R.C.A Políticas de turismo e construção do espaço turístico-litorâneo do Nordeste do Brasil. In: Amália Inês Geraiges de Lemos. (Org.). *Turismo: impactos sócioambientais*. 1 ed. São Paulo: Hucitec, 1996, v. 1, p. 263-272
- DANTAS, Eustógio Wanderley Correia. *Mar à vista: estudo da maritimidade em Fortaleza*. Fortaleza: Museu do Ceará / Secretaria da Cultura e Desporto do Ceará, 2002.

DANTAS, E. W. C.. O Mar e o Marítimo nos Trópicos. Geosp: Espaço e Tempo, São Paulo, p.63-74, 2004. Disponível em:<<http://www.geografia.fflch.usp.br/publicacoes/Geosp/Geosp15/Artigo5.pdf>>.

DANTAS, S. C.. Turismo, Produção e Apropriação do Espaço e Percepção Ambiental: O Caso de Canoa Quebrada, Aracati, Ceará. 2003. 191 f. Mestrado (Mestre) - Departamento de Desenvolvimento E Meio Ambiente, Universidade Federal do Espírito Santo, Fortaleza, 2003.

DA SILVA, A. F; STAREPRAVO, F. A; Megaeventos esportivos, legados, educação física e escola: A perspectiva de acadêmicos da Educação Física.

DEPREST, F. (1997). Enquête sur le tourisme de masse: L'ecologie face au territoire. Paris: Éditions Belin.

DIÁRIO DO NORDESTE, 27 de Dezembro de 1986: “Circuito da A.S.F. De olho na lente. Hawai, última chamada”

DIÁRIO DO NORDESTE, 18 de Junho de 2022: “Dia do Surfe: guia de praias para curtir as melhores ondas do Ceará”

DOLNICAR, S., & FLUKER, M. (2003a). Behavioural market segments among surf tourists: Investigating past destination choice. *Journal of Sport and Tourism*, 8(3), 186–196. doi:10.1080/14775080310001690503

DOLNICAR, S., & FLUKER, M (2003b). Who's riding the wave? An investigation into demographic and psychographic characteristics of surf tourists. Council of Australian Tourism and Hospitality Educators (CAUTHE).

DUMAZEDIER, Joffre; SAMUEL, Nicole; LOSFELD, Joseph. Société éducative et pouvoir culturel. FeniXX, 1976.

Economia do Mar como Política de Desenvolvimento Rio's Cluster Maritime Day. [s.l: s.n.]. Disponível em:

<https://www.marinha.mil.br/cepe/sites/www.marinha.mil.br/cepe/files/03-_andrea_carvalho_apresentacao_seminario_engeprom_21_11_0.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2024.

EVANS, N., Campbell, D. & Stonehouse, G. (2003). Strategic management for travel and tourism. Oxford: Elsevier.

EXAME. Disponível em: <Exame | Notícias, Negócios, Economia, Carreira e mais>

FERRARA, L. (2002). Os lugares improváveis. In Yázigi, E. (org.). Turismo e paisagem. São Paulo: Contexto.

FILOSAIL, G.R.F. The surfers almanac. New York, Dutton, 1977.

FRANCO, Bruna Demes Gonçalves. O Surfe como prática: cidade, corpo e técnica numa relação entre cultura e natureza em Fortaleza(1972-1986)/ Bruna Demes Gonçalves Franco. - 2013.

FRANK, F. H. (2014). The characterization of surf tourism in the algarve (Dissertação de mestrado). University of Algarve - Faculty of Economics, Faro, Portugal.

FRATUCCI, A. (2009). Os lugares turísticos: territórios do fenômeno turístico. *GEOgraphia*, 2 (4), 121-133.

GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 4ª Ed. São Paulo: Atlas, 2002. G NDARA, José Manoel. RAMOS, Simone Eloisa Villanueva. Estudo sobre o 12 Desenvolvimento do Turismo no Ceará e seus Possíveis Imapctos na Costa do Sol.

GOMIDE, Alexandre de Ávila. LEITE, Sabina Kauark. REBELO, Jorge. Transporte público e pobreza urbana: um índice-síntese de serviço adequado. Brasília: IPEA, 2006 (Texto para discussão, n. 1209). Disponível em:<http://www.ipea.gov.br/sites/000/2/publicacoes/tds/td_1209.pdf>.

GOMIDE, Alexandre de Ávila. Transporte urbano e inclusão social: elementos para políticas públicas. Brasília: Ipea, 2003. (Texto para Discussão, n. 960). Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/pub/td/2003/td_0960.pdf>.

GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ. Disponível em: <<https://www.ceara.gov.br/>>.

GRIJÓ, Paulo Eduardo Antunes et al. Alternativas de recuperação dos resíduos sólidos gerados na produção de pranchas de surfe. 2004.

GROSTEIN, Marta Dora. Metrópole e expansão urbana: a persistência de processos "insustentáveis". São Paulo Perspec., São Paulo, v. 15, n. 1, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392001000100003&lng=pt&nrm=iso>.

GUNN, C. (2002) *Tourism Planning*, 4.ª ed. New York: Routledge.

GUTEMBERG,A. A História do Surf no Brasil. São Paulo: Azul, 1989

GOMES, Raimundo Olímpia de Aguiar. O litoral leste do Ceará: lazer e turismo á luz da educação/ Raimundo Olímpia de Aguiar Gomes. - Rio Claro: [s.n], 2013.

GONDIM, A. Três milhões de brasileiros são surfistas. Disponível em: <<https://jc.ne10.uol.com.br/colunas/surfe/2021/03/12040799-tres-milhoes-de-brasileiros-sao-surfistas.html>>. Acesso em: 31 maio. 2024.

GONÇALVES, I. COMO SURGIU O SURF NO BRASIL? Disponível em: <<https://surftotal.com/noticias/historia/item/3358-como-surgiu-o-surf-no-brasil>>.

HORTA, A., & BICUDO, P. (2012). Surfing and the socio-economic factors for the environmental assessment of costal project: A portuguese case study. *Reef Journal*, 2(1), 111–119.

INSKEEP, E. (1991). *Tourism Planning: An Integrated and Sustainable Development Approach*. New York: Van Nostrand Reinhold.

INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE. International Olympic Committee. Disponível em: <<https://olympics.com/ioc>>.

INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO E INFORMAÇÃO EM TRANSPORTE – ITRANS. Projeto mobilidade e pobreza: relatório final. Brasília: ITRANS, 2004.

JÚNIOR, N.; SHIGUNOV, V.. Surf: A influência dos povos ameríndios no desenvolvimento da modalidade. 2010.

KNAFOU, R. (1996). Turismo e Território: por uma abordagem científica do turismo. In: Adyr A. B. Rodrigues (org.), Turismo e Geografia. Reflexões teóricas e enfoques regionais, 62-94. São Paulo: HUCITEC.

LEFEBVRE, H.. Direito à Cidade. 5ª Rio de Janeiro: Centauro, 2008. 144 p. Tradutor: Rubens Eduardo Frias.

LEMOS, Diana Scabelo da C. P. S. SANTOS, Márcio Peixoto de Sequeira. PORTUGAL, Licínio da Silva. Análise da relação entre o sistema de Transporte e exclusão social na cidade do Rio de Janeiro. ENGEVISTA, v. 6, n. 3, p. 36-53, dez. 2004. Disponível em: <http://www.uff.br/engevista/3_6Engevista3.pdf>.

LENCIONI, S. Metropolização do espaço: processos e dinâmicas. In: RUA, J. et al (Orgs.). Metropolização do espaço: gestão territorial e relações urbano-rurais. Rio de Janeiro: Consequência, 2013. p. 17-34.

LENCIONI, Sandra. Metropolização do espaço: processos e dinâmicas. In: FERREIRA, NOVAES, Lucila Naiza Soares. Turismo de sol e mar: empreendimentos turísticos imobiliários e o desenvolvimento urbano e socioeconômico no litoral do Ceará. Tese de Doutorado: São Paulo, 2012. 206 p

LIMA NETO, Oswaldo et al. Transporte no Brasil: história e reflexões. Recife, PE: UFPE, 2001.

LINHARES, Paulo. Cidade de água e sal: por uma antropologia do litoral nordeste – sem cana e sem açúcar. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1992.

LINHARES, E.; ZUCH, L. Reconhecendo o Surf, 2016. Disponível em: <https://surfari.me/>
Acesso em: 08 Abr. 2024

LLINÀS, Miquel Seguí. De colonizados a colonizadores, al alcance de la madurez turística: el caso de Mallorca. In: Professor Joan Vilà Valentí: el seu mestratge en la geografia universitària. Universidad de Barcelona, 1999. p. 1369-1384.

LÓPEZ, A. (2002). Análisis territorial de los flujos turísticos en el Corredor Los Cabos, Baja California Sur. Investigaciones Geográficas, 47, 131-149.

LOPEZ, E., Buhalis D. (2009). Entrepreneurship and innovation in tourism. Pasos, Revista de Turismo y Patrimonio Cultural, 7 (3), 355-357.

- LUCHIARI, M. (1998). Urbanização Turística: um novo nexos entre o Lugar e o mundo. In: Luiz Cruz Lima (org.), *Da Cidade ao Campo: A Diversidade do saber-fazer turístico*. Fortaleza: UECE.
- MARCELLINO, N; BARBOSA, F; MARIANO, S; Lazer, *Cultura e Patrimônio Ambiental Urbano– Relações e Possibilidades*. UNIMEP – PIRACICABA – SP - BRASIL.
- MARCUS, Ben. *From Polynesia, with Love: The History of Surfing From Captain Cook to the Present*. Website *Surfing for Life*.
- MARTIN, S. A., & ASSENOV, I. (2014a). Developing a surf resource sustainability index as a global model for surf beach conservation and tourism Research. *Asia Pacific Journal of Tourism Research*, 19(7), 760–792. doi:10.1080/10941665.2013.806942
- MARUJO, M., & CRAVIDÃO, F. (2012). Turismo e Lugares: uma visão geográfica. *Pasos –Revista de Turismo y Patrimonio Cultural*, 10 (3), 281-288.
- MOESCH, N. (1998). Turismo: virtudes e pecados. In: Susana Gastal (org.), *Turismo: 9 propostas para um saber-fazer*, 9, 93-102.
- MORAIS, J. O. *Aspectos da Geologia Ambiental Costeira no Município de Fortaleza - Ceará - Tese de Professor Titular*, 318 pp., Fortaleza, 1980.
- MORAIS, J. O.; FREIRE, G. S. S.; PINHEIRO, L. S.; SOUZA, M. J. N.; CARVALHO, A.M.; PESSOA, P. R.; OLIVEIRA, S. H. M. 2006. Caracterização fisiográfica e geoambiental da zona costeira do estado do Ceará. In: D. Muehe (org.), *Erosão e progradação no litoral brasileiro*, pp.131-154, Ministério do Meio Ambiente (MMA), Brasília, DF, Brasil. Disponível em: <http://www.mma.gov.br/estruturas/sqa_sigercom/_publicacao/78_publicacao12122008085953.pdf>.
- NAVARRO, Francisco; DANUCALOV, Marcelo Árias; ORNELLAS, Fabio Henrique. Consumo máximo de oxigênio em surfistas brasileiros profissionais. *Revista Brasileira de Ciência e Movimento*, v. 18, n. 1, p. 56-60, 2010.
- NICOLÁS, D. H. (1996). Elementos para una análisis sociogeográfico del Turismol. In Adyr A.B. Rodrigues (org.), *Turismo e Geografia. Reflexões Teóricas e Enfoques Regionais*, 39-54. São Paulo: HUCITEC.
- NOGUEIRA, André Aguiar. *Surfando nas ondas do Titanzinho: corpo, memória, natureza e cultura em Fortaleza (1960-2010)*. 2015. 257 f. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015.
- NOURBAKSH, T. A. (2008). *A qualitative exploration of female surfers: recreation, specialization, motivations and perspectives (dissertação de mestrado)*. Faculty of California Polytechnic State University, Califórnia.
- NUNES, J. (2015). *O surfista e a sua satisfação na componente da experiência turística de surf: o caso de Peniche (dissertação de mestrado)*. Escola Superior de Turismo e Tecnologia do Mar - Instituto Politécnico de Leiria, Leiria, Portugal.

O impacto do surfe nas comunidades costeiras um olhar sobre o desenvolvimento sustentável. Disponível em:

<<https://ericeiraparadise.com/surf/o-impacto-do-surfe-nas-comunidades-costeiras-um-olhar-sobre-o-desenvolvimento-sustentavel/>>. Acesso em: 31 abr. 2024.

ORTIGOZA, S. A. G.; LOMBARDO, M. A.. No Clima do Consumo: Implicação do Consumo nas Mudanças Climáticas Globais. Rio Claro: Divisa Gráfica e Editora, 2011. 88 p.

País do surfe: projetos sociais no Brasil revelam talentos e impulsionam esporte nas comunidades. Disponível em:

<<https://ge.globo.com/surfe/noticia/2022/04/19/pais-do-surfe-projetos-sociais-no-brasil-revelam-talentos-e-impulsionam-esporte-nas-comunidades.ghtml>>. Acesso em: 31 mar. 2024.

PEREIRA, Alexandre Queiroz. A urbanização vai à praia: contribuição da vilegiatura a metropolização no nordeste do Brasil./ Alexandre Queiroz Pereira. 2012

PEREIRA, A. Q. Urbanization-metropolization and holiday resorts on the northeast coast of Brazil. *Mercator* (Fortaleza. Online), v. 14, p. 107-121, 2015.

PEREIRA, A. Q.. Planejamento e metropolização do lazer marítimo em Fortaleza-Ceará, Nordeste do Brasil. *EURE* (Santiago. En línea), v. 43, p. 1-22, 2017.

PEREIRA, A. Q.; DANTAS, E. W. C. Dos banhos de mar aos esportes nas zonas de praia e no mar. *Sociedade & Natureza*, v. 31, p. e 46981, 1 maio 2023.

PEREIRA, A. Q.; DANTAS, E. W. From sea bathing to sports on beaches and sea areas. *Sociedade & Natureza*, [S. l.], v. 31, 2019. DOI: 10.14393/SN-v31-n1-2019-46981. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/sociedadennatureza/article/view/46981>.

PEREIRA, Alexandre Queiroz; SILVA, Regina Balbino da; COSTA, Maria Clélia Lustosa. A orla da cidade: praia, espaço público e lazer em Fortaleza. 2020.

PEREIRA, P. Turismo de surf: Estudo exploratório do perfil e motivações dos consumidores da modalidade em escolas de surf no litoral Alentejano. Universidade de Évora, Évora: 2019.

PHILLIPS, M. R., & House, C. (2009). An evaluation of priorities for beach tourism: Case studies from South Wales, UK. *Tourism Management*, 30(2), 176–183. doi:10.1016/j.tourman.2008.05.012

PROJETO ORLA FORTALEZA, 2018. [s.l: s.n.]. Disponível em:

<https://urbanismoemeioambiente.fortaleza.ce.gov.br/images/urbanismo-e-meio-ambiente/infocidade/projeto-orla/projeto_orla_2018.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2024.

PONTE. A Belle Époque em Fortaleza: remodelação e controle. IN: SOUSA, Simone de (org.). Uma nova história do Ceará. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002. p. 162-191.

PONTING, J. (2008). Consuming Nirvana: An exploration of surfing tourist space (Doctoral Dissertation) University of Technology, Sydney.

PONTING, J., & McDonald, M. G. (2013). Performance, agency and change in surfing tourist space. *Annals of Tourism Research*, 43, 415–434. doi:10.1016/j.annals.2013.06.006

POON, A. (1994). The "New Tourism" Revolution. *Tourism Management*, 15 (2), 91-92.

Projeto utiliza o surf para transformar vidas em comunidades vulneráveis na orla de Fortaleza | Notícia Séria Brasil. Disponível em: <<https://noticiaseriabrasil.com.br/projeto-utiliza-o-surf-para-transformar-vidas-em-comunidades-vulneraveis-na-orla-de-fortaleza/>>. Acesso em: 10 jun. 2024.

Q.; COSTA, M. C. L.. Desigualdade, vulnerabilidade social e organização espacial na Região Metropolitana de Fortaleza. In: Maria Clélia Lustosa Costa; Renato Pequeno. (Org.). Fortaleza: transformações na ordem urbana. 1ed.Rio de Janeiro: Letra Capital, 2015, v. 1, p. 306-331.

RAFFESTIN, C. Por uma Geografia do Poder. São Paulo: Ática. 1993.

RAMALHO, F. J. C; DOS SANTOS, I.; DA SILVA, M. I.; DE MORAIS, M. P.. O surf como ferramenta no processo de inclusão social: Surf para todos.Rev. Assoc. Brasil. Ativ. Mot. Adapt., Marília, v.22, n.2, p. 295-306, Jul./Dez., 2021

RAMOS, D. da R.. A Invenção da Praia e a Produção do Espaço: Dinâmicas de Uso e Ocupação do Litoral do Es. 2009. 189 f. Dissertação (Mestre) - Curso de Processos Urbanos e Gestão da Cidade: Teoria e História, Departamento de Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória:UFSS, 2009.

REDAÇÃO. “O crescimento das escolas de surf tem sido enorme e está em consonância com o aumento do Turismo”. Disponível em: <<https://surftotal.com/entrevistas/exclusivas/item/13593-crescimento-escolas-surf1>>. Acesso em: 30 maio. 2024.

REIS, Patrícia; JORGE, João Paulo. O turismo de surf em Peniche: um novo paradigma, um velho território. In: ITC'15 International Tourism Congress, 8th, Peniche, Portugal, November 25-27, 2015. Politécnico de Leiria, 2015.

REZENDE, Maite. A historia do surfe e o perfil dos surfistas do litoral norte paulista. 2004. Tese de Doutorado. [sn].

RIEUCAU, J.; LAGEISTE, J. La plage, un territoire singulier: entre hétérotopie et antimonde. *Géographie et Cultures*, n. 67, p. 3-6, 2008. <https://doi.org/10.4000/gc.995>

RIOJA, M. C. (2009). Nuevas tendencias del consumo turístico: tipología de los turistas españoles. *Estudios Turísticos*, 179, 67-94.

ROCHA JÚNIOR, Antônio Martins da. O mar e a expansão urbana de Fortaleza. 1984. 69 f. Monografia (Curso de Aperfeiçoamento em Arquitetura e Instrumentação Crítica) – Universidade Federal do Ceará – UFC, 1984.

ROCHA JÚNIOR, Antônio Martins da. O turismo globalizado e as transformações urbanas do litoral de Fortaleza: arquitetura e estetização na Praia de Iracema. 2000. 172 f. Dissertação

(Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) – Universidade Federal do Ceará – UFC, 2000.

RODRIGUES, Cleide. Qualidade ambiental urbana: como avaliar?. Revista do Departamento de Geografia, v. 11, p. 152-162, 1997.

ROLIM, T. M. R..As perspectivas de ensino de surf nos cursos de educação física. Universidade Federal de Santa Catarina: 2010.

ROLNIK, Raquel. O que é cidade. São Paulo: Brasiliense, 2004.

SANTOS, M. (2004). A Natureza do espaço: Técnica e tempo, razão e emoção. 4ª Ed. São Paulo: EDUSP.

SANTOS, Milton. O espaço do cidadão. 5. ed. São Paulo: Nobel, 2000.

SANTOS. Por uma geografia nova: da crítica da geografia a uma geografia crítica. São Paulo: Hucitec, 1978.

SANTOS, CRAVIDÃO, F., & CUNHA, L. (2010). Natureza, paisagens culturais e os produtos turísticos associados ao território. In Actas do 4º Congresso Latino-Americano de Investigação Turística. Montevideo.

SILVA, ngela Maria Falcão. A cidade e o mar: as práticas marítimas modernas e a construção do espaço da Praia do Futuro (Fortaleza-CE-Brasil). Mercator-Revista de Geografia da UFC, v. 5, n. 9, p. 125, 2006.

SILVA, José Borzacchiello da. Os incomodados não se retiram. Uma análise dos movimentos sociais em Fortaleza. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1992.

SIMONCESKA, L. (2012). The Changes and Innovation as a Factor of Competitiveness of the Tourist Offer (The Case of Ohrid). Procedia - Social and Behavioral doi:10.1016/j.sbspro.2012.05.002

SHARPLEY, Richard. Tourism, religion and spirituality In: JAMAL, Tazim; ROBINSON, Mike (Orgs.). The SAGE handbook of tourism studies. London: SAGE, 2009. (p. 237–253)

SNEPENGER, D., Snepenger, M., Dalbey, M., & Wessol, A. (2007). Meanings and consumption characteristics of places at a tourism destination. Journal of Travel Research, 45 (3), 310-321.

SOMOGGI, A. Negócios do surfe: Brasil, o novo epicentro da modalidade no mundo – Sports Value. Disponível em: <<https://www.sportsvalue.com.br/negocios-do-surfe-brasil-o-novo-epicentro-da-modalidade-no-mundo/>>. Acesso em: 31 maio. 2024.

SOUZA, P. C..Surf: do desenvolvimento histórico ao profissionalismo. Rev. Acta Brasileira do Movimento Humano – Vol.3, n.3, p.84-98 – Julho\Set., 2013 – ISSN 2238-2259.

SOUZA, Rico de. Boas Ondas. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

SPORTS VALUE. Disponível em: Sports Value – marketing esportivo, patrocínios, propriedades esportivas

SPOSATI, A. Exclusão social abaixo da linha do Equador. Texto da apresentação no seminário sobre exclusão social realizado na PUC/SP, em abril de 1998. Disponível em: <<http://www.dpi.inpe.br/geopro/exclusao/exclusao.pdf>>.

STACHEVSKI, Thiago Weigert et al. A inserção do surf nos Jogos Olímpicos de verão Tóquio 2020: as estratégias dos agentes e instituições no campo esportivo. 2020. Dissertação de Mestrado. Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

STAMBOULIS, Y., & SKAYANNIS, P. (2003). Innovation strategies and technology for experience-based tourism. *Tourism management*, 24 (1), 35-43.

STEINMAN, J. Surf & saúde. Florianópolis: Editora Tao, 2003.

SUPERINTENDÊNCIA ESTADUAL DO MEIO AMBIENTE. Disponível em:-
Superintendência Estadual do Meio Ambiente (semace.ce.gov.br)

SURFER TODAY. Disponível em: SurferToday.com | O melhor site de notícias de surf

TANTAMJARIK, P. (2004). Sustainability issues facing the Costa Rica surf tourism industry (dissertação de mestrado). Universidade do Havai, Manoa, Havai.

TORQUATO, Adriana Maria Soares Cunha. Transporte e exclusão social: investigando conexões em um bairro de Natal-RN. 2006. 178 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia Civil), Programa de Pós-Graduação em Engenharia Civil, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006. Disponível em: <http://www.bdtd.ufpe.br/tedeSimplificado/tde_arquivos/25/TDE-2006-11-20T115925Z-156/Publico/adriana.pdf>.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. Biblioteca Universitária. Guia de normalização de trabalhos acadêmicos da Universidade Federal do Ceará. Fortaleza: Biblioteca Universitária, 2013. Disponível em:
<https://biblioteca.ufc.br/wp-content/uploads/2019/10/guia-de-citacao-06.10.2019.pdf>. Acesso em: 9 jun. 2021.

URBAIN, J.-D. Sur la Plage. Paris: Éditions Payot, 1996.

VASCONCELLOS, Eduardo Alcântara. Transporte urbano, espaço e equidade: análise das políticas públicas. São Paulo: Annablume, 2001.

XAVIER, Lúcia Rejane de Almeida. Consolidação da Rede Cooperativa de Pesquisa Cidades Interativas: Mobilidade Urbana, Acessibilidade e Governo Eletrônico. In: SEMINÁRIO DE CONSOLIDAÇÃO DA REDE CIDADES INTERATIVAS: experiências, estudos e proposições, 1, 2008, Natal. Anais... Natal: [s.n.], 2008.

WARSHAW, Matt. The Encyclopedia of Surfing. Orlando: Mariner Book, 816 p. 2005

WILLIAMS, Montoya (org.). Leituras em Teoria da Geografia. Centro Editorial da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Nacional da Colômbia, 2009.

WORLD SURF LEAGUE - THE GLOBAL HOME OF SURFING. World Surf League - The global home of surfing. Disponível em: <<https://www.worldsurfleague.com/>>.

ZUCCO, F. D.; MESQUITA, A.; PILLA, A..Surf – Um mercado em evolução. NP03 – Núcleo de Pesquisa Publicidade, Propaganda e Marketing, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002

APÊNDICE A – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

QUESTIONÁRIO

1. Sobre a Prática

- 1) QUAL PERÍODO QUE MAIS RECEBE TURISTAS? SABE SE TEM ALGUMA COISA QUE ATRAI ELES PARA AS AULAS? QUANTO TEMPO FICAM?
- 2) QUAL O CUSTO MÉDIO PARA REALIZAR AS PRÁTICAS MAIS COMUNS, SEM NECESSIDADE DE EQUIPAMENTOS E ACESSÓRIOS ?
- 3) VOCÊ CONHECE OUTRA INSTITUIÇÃO PÚBLICA OU EMPRESA QUE ATUE NO MESMO SEGMENTO OU ÁREA PARECIDA COM A SUA, NA REGIÃO METROPOLITANA? E EM OUTRA REGIÃO?
- 4) QUAIS AS CONDIÇÕES AMBIENTAIS MAIS INFLUENCIA A PRÁTICAS? (CHUVA, SOL, VENTO, MARÉ)
- 5) ONDE É A MAIOR CONCENTRAÇÃO DE ESPAÇOS DESTINADOS AO CENÁRIO DE COMPETIÇÕES ? QUAIS SERIAM OS ESPAÇOS DESTINADOS PARA LAZER E APRENDIZAGEM?
- 6) QUAL O PAÍS DE ORIGEM DESSAS PRÁTICAS?
- 7) COMO CHEGOU EM FORTALEZA ?
- 8) NO BRASIL, ONDE É MAIS CONHECIDO(CONCENTRADO) ESSA PRÁTICA?
- 9) EXISTE ALGUM REGULAMENTO PARA A REALIZAÇÃO DA PRÁTICA?

2. Sobre os Praticantes

- 1) ONDE VÊM OS PRATICANTES/ALUNOS ? (ONDE MORAM?)

- 2) EXISTE UMA FAIXA ETÁRIA DE MAIOR ADESÃO EM SUA ESCOLINHA / EM SEUS EVENTOS ?
- 3) EXISTE UMA MAIOR ADESÃO POR GÊNERO EM ALGUMA PRÁTICA ?
- 4) QUAL A CLASSE ECONÔMICA DOS USUÁRIOS/PRATICANTES?
- 5) QUAL A PRINCIPAL MOTIVAÇÃO DOS PRATICANTES PARA A REALIZAÇÃO DA ATIVIDADE? (SAÚDE, HOBBIE, COMPETIÇÃO, ETC)
- 6) COMO AS PESSOAS DESCOBREM ESSA PRÁTICA? COMO ELAS VIERAM? (COMO OCORRE A CAPTAÇÃO DE PÚBLICO?)

3 Sobre a Empresa ou Projeto Social

- 1) QUAL O TEMPO DE ATIVIDADE DE SUA ESCOLINHA/EMPRESA?
- 2) POSSUI QUANTOS ALUNOS?
- 3) VOCÊ POSSUI ALGUM TIPO DE AJUDA FINANCEIRA , GOVERNAMENTAL OU PRIVADA?
- 4) QUAL A ÁREA DE INFLUÊNCIA DA SUA ESCOLINHA (EVENTO)?(COMUNIDADES AO ENTORNO, ESCALA DA CIDADE, DA REGIÃO METROPOLITANA, OUTRAS REGIÕES METROPOLITANAS, SERTÕES)
- 5) QUAIS SÃO AS PRINCIPAIS DIFICULDADES EM RELAÇÃO ÀS CONDIÇÕES AMBIENTAIS, INFRAESTRUTURA E REGULIÇÃO?
- 6) QUAIS SÃO AS CONDIÇÕES DE ACESSO AO ESPAÇO DE REALIZAÇÃO DAS PRÁTICAS?
- 7) A ESTRUTURA/EQUIPAMENTOS PARA A REALIZAÇÃO DAS PRÁTICAS SÃO PRÓPRIOS, ALUGADOS, DE PARCEIROS?
- 8) POSSUI ALGUM TIPO DE PARCERIA COM OUTROS PARTICULARES?
- 9) COMO É A ROTINA DE TRABALHO?
- 10) QUANTO FOI INVESTIDO PARA A CRIAÇÃO DA ESCOLINHA/EVENTO?
- 11) VOCÊ POSSUI OUTRA FONTE DE RENDA?

- 12) EM GERAL, QUANTO TEMPO DEMORA UM INICIANTE PARA DOMINAR A PRÁTICA?
- 13) CONHECE ALGUMA OUTRA ASSOCIAÇÃO/EMPRESA OU GRUPO ENTRE OS RESPONSÁVEIS DA ESCOLINHA?
- 14) COMO VOCÊ ACREDITA QUE A ESCOLINHA DE SURFE MODIFICA O ESPAÇO DA PRAIA?
- 15) CONHECE OS PROJETOS SOCIAIS “O SURF RESGATANDO SONHOS” E “JUVENTUDE NA ONDA”?
- 16) EXISTE ALGUMA ESTRUTURA DE SUPORTE (EQUIPAMENTO/GALPÃO/BARRACA)
- 17) CONHECE INICIATIVAS QUE FORAM FRUSTRADAS? (ESCOLINHAS/EMPRESAS QUE NÃO DERAM CERTO?)